

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

JÚLIA MACCARI ESPÍNDULA
RICARDO DALPIAZ

RELACIONAMENTOS: RESSIGNIFICANDO A AFETIVIDADE

FLORIANÓPOLIS
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

JÚLIA MACCARI ESPÍNDULA
RICARDO DALPIAZ

RELACIONAMENTOS: RESSIGNIFICANDO A AFETIVIDADE

Relatório final do estágio de docência apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para aprovação na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Izabel Hertz

FLORIANÓPOLIS
2013

RESUMO

Este trabalho é um relato de nossas experiências na disciplina MEN7001 – Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I. Essas experiências se deram através da elaboração e execução de um projeto de docência e um projeto extraclasse na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. Nossa jornada enquanto professores em formação foi orientada e assistida pela Profa. Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz no período de março a julho de 2013. Nosso projeto de docência foi destinado a uma turma de oitava série (83) que possuía trinta e cinco alunos. Após cuidadosa observação, pautamos nosso projeto no tema das relações afetivas e no gênero conto. A temática dos relacionamentos era bastante presente na turma, o que faria com que as aulas tivessem uma maior significação, já que esta pauta era do interesse dos alunos. O gênero conto se adequou ao tempo do estágio, que por ser curto, limitava nossos planos. O projeto ‘Relacionamentos: ressignificando a afetividade’ buscou trazer para a sala de aula, sob nova perspectiva, a questão dos relacionamentos e da afetividade, tema característico da faixa etária da turma. Através do projeto, tentamos proporcionar momentos de reflexão sobre as nuances existentes em um relacionamento e aflorar a criticidade dos alunos para que percebessem as relações de poder existentes nestes. Toda a produção de leitura e escrita foi alinhada por esta temática. No projeto extraclasse foi desenvolvida a quarta edição do jornal escola Notícias do Beatriz, edição comemorativa dos cinquenta anos da escola. No projeto do jornal, participaram apenas os alunos que demonstraram interesse e que, após cuidadosa seleção, integraram a equipe do projeto. Nas oficinas, foi desenvolvido um trabalho de leitura e escrita pautado pelos gêneros característicos da esfera jornalística. Os assuntos tratados no jornal foram escolhidos pelos estagiários e alunos, englobando todos e aguçando a criticidade dos alunos para aquilo que os rodeia. Ambos os projetos tiveram por base teórica Bakhtin (1988 e 2003), Geraldi (1997 e 2008), Vigotski (2000) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998).

Palavras-Chave: Estágio. Gênero do discurso: conto. Relacionamentos. Relacionamentos Afetivos. Leitura. Escrita

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	6
2.1 Apresentação e caracterização do campo de estágio	6
2.1.1 A escola.....	6
2.1.2 A turma.....	7
2.1.3 Análise fundamentada das práticas de ensino.....	8
2.2 O projeto de docência.....	10
2.2.1 Problematização.....	10
2.2.2 Escolha do tema.....	11
2.2.3 Justificativa.....	12
2.2.4 Referencial teórico.....	12
2.2.4.1 Língua como objeto social.....	12
2.2.4.2 Concepções de Ensino Aprendizagem.....	XX
2.2.5 Conhecimentos trabalhados.....	17
2.2.6 Objetivos.....	17
2.2.7 Metodologia.....	18
4.2.7.2 Cronograma.....	19
4.2.7.2 Planos de aula.....	20
2.2.8 Recursos didáticos.....	65
2.2.9 Avaliação.....	65
2.3 Análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.....	65
3 A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE.....	74
3.1 O projeto de docência.....	74
3.1.1 Introdução.....	74
3.1.2 Referencial teórico.....	74
3.1.3 Objetivos	79
3.1.4 Conhecimentos trabalhados	79
3.1.5 Metodologia.....	79
3.1.5.1 Cronograma	80
3.1.5.2 Planos de aula.....	82
3.2 Análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa em atividades extraclasse...	87
4 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91

6 REFERÊNCIAS.....93
7 ANEXOS95

1 – INTRODUÇÃO

A disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I proporciona aos alunos do curso de Letras Português – Licenciatura uma experiência, muitas vezes a primeira, com a docência. Este momento coloca os futuros professores em contato com as peculiaridades da ação docente, partindo da teoria que foi abordada durante todo o curso de licenciatura para então, se fazer a prática.

O momento do estágio é dividido em três etapas: primeira etapa, observação do campo de estágio e elaboração dos projetos de docência e extraclasse; segunda etapa, a docência em si e a execução dos projetos; e a terceira etapa, elaboração do relatório de estágio e do ensaio crítico sobre a disciplina.

A primeira etapa consistiu na observação das aulas da prof^a regente da turma 83 da Escola de Educação Básica Beatriz de Souza Brito. Este momento nos deu a base para que elaborássemos nosso projeto de docência, considerando o meio social em que vivem os alunos da turma. O projeto de docência pautou-se nas relações afetivas, temática muito presente na classe. Também elaboramos um projeto extraclasse, juntamente com colegas que também estagiaram nesta escola. Nosso projeto consistiu na feitura da quarta edição do jornal da escola, que nessa edição foi nomeado como jornal *Notícias do Beatriz*. Este jornal é muito esperado pelos alunos. O tema principal do jornal foi a comemoração dos 50 anos da escola.

A segunda etapa, a docência e o projeto extra-classe, consistiram na execução dos projetos elaborados na etapa anterior. Este foi o momento de assumirmos de fato a posição de professores. Ministramos as aulas e as oficinas de formação do jornal e assim pudemos compreender as implicações da função que, futuramente, assumiremos no mercado de trabalho.

A terceira etapa, elaboração do relatório de estágio, consiste neste trabalho. Nele, relataremos nossas experiências e faremos uma reflexão sobre as implicações de teoria e prática. Também explicitaremos nossos pontos de vista em relação ao estágio, enquanto experiência docente para o professor em formação.

2 – A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 – Apresentação e caracterização do campo de estágio.

2.1.1 – A escola

Nosso campo de estágio foi a Escola Beatriz de Souza Brito, localizada na Rua Deputado Antônio Edu Vieira, nº 600, bairro Pantanal, Florianópolis – SC. O Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito foi fundado em 1963 pelo prefeito Osvaldo Machado. O bairro Pantanal passava por mudanças de cunho social com a chegada da Universidade Federal de Santa Catarina e da ELETROSUL. Com isto, as quatro casas-escola existentes na comunidade foram fundidas em uma só unidade: Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito. Em 1986, o Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito foi transformado em Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, que passou a funcionar em novas dependências. Além do novo espaço físico, a escola passou a atender os alunos até a 8ª série do ensino fundamental, evitando assim que muitos moradores do bairro realizassem seus estudos apenas até a 4ª série, visto que as escolas que possuíam o antigo ‘ginásio’ estavam situadas em bairros mais longes. Neste mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Florianópolis realizou concurso público para o corpo docente do município, e através deste a escola recebeu novos professores que atenderam a demanda das novas séries implantadas nesta unidade de ensino.

A escola situa-se num local privilegiado do bairro, pois está instalada no coração do mesmo, mas sem afetar-se pelo agito da rua principal Deputado Antônio Edu Vieira. A servidão que passa ao lado da escola é calma e contagiada pelo ambiente escolar. É comum estarem por ali crianças, adolescentes e pais de alunos. No ano de 2013 aproximadamente 500 alunos estão matriculados na escola, a maioria moradora de bairros do entorno da escola, mas não necessariamente do bairro Pantanal.

A estrutura física da instituição é realmente boa, comparável até com a de algumas instituições privadas da cidade. A quantidade de salas é compatível com a de alunos. Possui biblioteca com bom acervo bibliográfico. Possui laboratórios de ciências, de informática, auditório, além de uma brinquedoteca, para os anos iniciais. Pensamos que a forte atuação da equipe da coordenação tem muito mérito nisso. Diferentemente de outras instituições de ensino básico (público) da região, a escola Beatriz de Souza Brito possui uma equipe de coordenação. E que é ativa.

Tal equipe é composta por três coordenadoras pedagógicas. Uma delas é responsável pelos anos iniciais do ensino fundamental, outra se responsabiliza pelos anos finais, enquanto a terceira

trata de fazer a integração entre as duas, além de incidir diretamente sobre as discussões do currículo e na organização do Projeto Político-Pedagógico da escola.

Outro bom exemplo do trabalho da equipe de coordenação pode ser visto em um projeto entabulado na escola em 2003, com iniciativa do governo federal, no qual os alunos deveriam ser incentivados a pesquisar, através da elaboração de projetos de pesquisa. Várias escolas públicas do país aderiram ao projeto. Porém, na maior parte delas, não houve empenho, nem dos gestores, nem dos professores, nem dos alunos. Ou seja, o resultado da iniciativa foi praticamente nulo, quando não o foi de todo. Mas não no caso da escola Beatriz de Souza Brito.

Juntamente com a bibliotecária da escola, a coordenação rastreou o que não estava funcionando no projeto e concluiu que o trabalho centralizado na metodologia da pesquisa (que era como estava sendo feito) não obtinha o engajamento dos alunos tanto pela abstração das ideias quanto pela dificuldade em produzir algo que até então não fazia parte de suas práticas cotidianas e escolares. Isso se agravava nos anos iniciais.

Eis que a produção escrita se torna o centro das atenções e das discussões da instituição. A partir de então (graças a pesquisas feitas pela equipe da própria escola), vieram à tona problematizações apontadas pelos estudos sobre os gêneros do discurso; sobre a relação direta entre leitura, produção e análise linguística; além da necessidade de se trabalhar a interdisciplinaridade. Eis que surge o processo de formação continuada da escola que, neste ano, completou dez anos.

A questão do ensino de língua (ao menos no que concerne à leitura e produção escrita) ganha abrangência e deixa de ser incumbência particular do professor de português, para se tornar um projeto de compromisso de todas as áreas da escola e vir a ser o eixo norteador do Projeto Político Pedagógico, que ainda está em construção.

2.1.2 – A turma

Na oitava série (83) da escola Beatriz de Souza Brito constavam trinta e cinco alunos na chamada. Sendo dezoito meninos e dezessete meninas. Três dos alunos tinham déficit de aprendizagem. A faixa etária da turma variava entre treze e dezesseis anos e os alunos eram provenientes dos bairros Pantanal, Serrinha, Saco dos Limões, Trindade e etc.

As aulas observadas/ministradas se deram sempre no período vespertino.

Foi perceptível a presença de grupos na turma. Um grupo mostrava-se participativo, curioso e interessado e outro grupo não demonstrava grandes interesses no conteúdo apresentado pela professora. Todos, porém, eram bastante ativos e falantes nos momentos de descontração.

Embora a turma fosse heterogênea no que concerne a sua participação em sala de aula, o perfil socioeconômico dos alunos não variava muito. Nenhum deles trabalhava e todos moravam com membros da família cuja ocupação se dava majoritariamente nas áreas de prestação de serviços

ou no comércio. Pelo questionário aplicado na turma, foi possível perceber que boa parte dos alunos ainda não havia refletido sobre o que pretendia fazer nos próximos anos (como projeto de vida). Apenas alguns demonstraram interesse em ingressar na universidade.

Durante toda a observação, notamos grande interesse da turma no que tange aos relacionamentos afetivos e também ao futebol (neste caso, principalmente os meninos).

Quanto aos conhecimentos prévios, a turma era extremamente heterogênea, o que nos obrigou a pensar em um trabalho diferenciado nos trabalhos com o texto em sala de aula, principalmente no que cabe à produção textual.

2.1.3 – Análise das práticas de ensino

Fisicamente, a sala era grande o suficiente para comportar todos os alunos. Havia cartazes colados nas paredes sobre as atividades que a turma realizara, e acima do quadro havia um cabeçalho colado na parede para a orientação dos alunos no momento de identificação das atividades. O ambiente era positivo, apropriado e não havia carência de materiais. Os alunos ficavam divididos em cinco fileiras e ordenados conforme o espelho de classe, rigidamente controlado pela professora. Ela se posicionava de frente para os alunos, tendo uma mesa para uso pessoal e um quadro negro às suas costas.

As aulas se desenvolvem sem grandes percalços, apenas a agitação que é característica de adolescentes nesta idade. Ao trazer um tópico novo, a professora sempre conduz a conversa de maneira a descobrir o quanto os alunos já sabem sobre o tema. Ela permite que os alunos tenham seu tempo para resolver as atividades propostas, mas sem deixar que esse tempo seja usado para outros fins (conversas paralelas, atividades de outras disciplinas, etc).

Quando os alunos manifestam dificuldades ou dúvidas são auxiliados a construir o entendimento, não o recebem pronto. Todas as produções propostas em sala de aula têm um retorno da professora para que os alunos possam exercer a reescrita, repensando as dificuldades que tiveram para elaboração deles. Após tal retorno (individual), ela realiza correções conjuntas elencando os pontos de maior dificuldade de toda turma, além refletir conjuntamente sobre as possíveis soluções de tais problemas.

Percebe-se que as aulas são planejadas.

A professora de Língua Portuguesa tem formação e especialização na área. Possui mestrado em Educação. Trabalha como professora há 25 anos, e somente no Beatriz está já há 15 anos. Além das aulas, faz atendimento extraclasse para alguns alunos com dificuldades. Ainda sente-se bastante motivada a lecionar, pois sente que contribui na formação de outros seres humanos. Procura desenvolver um trabalho articulado entre leitura, produção textual e análise linguística. O texto é referencial das aulas de língua portuguesa. O que vai ao encontro do Projeto Político Pedagógico da

escola, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e também com a teoria que fundamenta tais documentos: Bakhtin (1988 e 2003).

Há uma evidente preocupação da professora para que seus alunos compreendam que a linguagem tem uma função social e os sujeitos do discurso estão historicamente situados. Ou seja, a linguagem como *“ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo interacional que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história”* (BRASIL, 1998, p.20). Essa é a perspectiva sociointeracionista (um dos alicerces dos Parâmetros Curriculares Nacionais) fundamentada principalmente na teoria de Vigotski (2000). E dentro de tal perspectiva, de maneira alguma podemos pensar que os textos são meramente textos, que significam por si. De tal visão acarreta a ideia de que o texto é um enunciado concreto que se realiza em determinado contexto, que dialoga com vários outros textos, que pertence a um determinado gênero do discurso e é produzido e irá circular em determinada(s) esfera(s) da atividade humana. O que vai ao encontro de, mais uma vez, à teoria de Bakhtin (1988 e 2003).

Se deve acrescentar ainda que os gêneros do discurso são trabalhados, além das perspectivas já citadas, na perspectiva da sequência didática proposta pelos autores Schneuwly e Dolz (2004) que esta elencada na proposta curricular de Florianópolis (2008).

A sequência didática se dá de acordo com os gêneros propostos no livro didático utilizado pela escola. Ela se faz visível no trabalho da professora, já que ela sempre retoma os conteúdos trabalhados anteriormente, mesmo que tal conteúdo tenha sido trabalhado no ano anterior. Além disso, os conteúdos não são meramente “dados” para que a sequência prossiga. Ao passo do trabalho com cada gênero, as dificuldades vão sendo trabalhadas à maneira que irrompem no contexto de trabalho, fazendo com que um processo de ressignificação das práticas de uso da língua aconteça efetivamente. Ou seja, muitas vezes se fazem análises linguísticas que não estavam planejadas e não estavam previstas no livro didático. O que vai ao encontro do trabalho de análise linguística que propõe Geraldi (1997 e 2008) no qual o enunciado concreto determina as reflexões sobre o a língua.

O que se pode notar é que ao lidar com as teorias de ensino (e ela lida com teorias contemporâneas) a professora não assume uma postura dogmática já que no caso do trabalho de análise linguística, o livro didático estabelece de antemão o que deve ser trabalhado. E, como observamos em aula e apontamos aqui no texto, a maneira como a professora aborda a reflexão sobre a língua, não se dá exatamente desta maneira.

Enfim, durante o período de observação, concluímos que houve muita reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem para a execução das aulas que presenciamos por parte da professora.

2.2 – O Projeto de Docência

2.2.1 – Problematização

O período de observação teve fundamental importância para que nós, estagiários, tivéssemos um olhar atento sobre a turma com a qual trabalharíamos. Foi nele que interpretamos as dinâmicas e peculiaridades dos alunos, assim como os anseios desses jovens. O questionário aplicado (FIGURA 23) em sala de aula pôde nos contextualizar acerca da vida da escola e da comunidade, das condições socioeconômicas dos alunos, suas preferências, interesses e necessidades.

A leitura do Projeto Político Pedagógico também contribuiu para que compreendêssemos o eixo norteador da escola, que é o compromisso de todas as áreas com o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita. Na versão preliminar do Projeto Político Pedagógico da Escola Beatriz de Souza Brito (não publicado), podemos encontrar:

Assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social. Pela linguagem os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura. (2012, p.10)

Durante o período de observação, notamos a presença do texto como unidade propulsora das aulas de língua portuguesa. A escola (com todas as suas disciplinas) se organiza de maneira a formar leitores, realizando um projeto coerente e conjunto, objetivando o ensino e a aprendizagem da leitura.

A professora de Língua Portuguesa da turma na qual desenvolvemos nosso estágio de docência nos disse que o desempenho da turma quanto à leitura era ótimo, mas que alguns elementos precisariam ser aprimorados na escrita. Por se tratar de uma turma extremamente heterogênea nas práticas de uso da língua, traçar um perfil quanto às habilidades de leitura e escrita foi difícil.

Através dos questionários e da observação em sala percebemos que o tema de relações afetivas era bem presente na vida dos alunos. Na verdade, é uma temática bastante recorrente nessa idade, prevista inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Na vida do adolescente, este é um período de formação de valores e de busca de referências para a nova identidade, já não tão infantil. O círculo de amigos ganha tanto destaque quanto a família e a afetividade encontra-se muito aflorada e, por serem sensações novas, talvez não se sintam confortáveis para se posicionar criticamente perante aos sentimentos e desejos experimentados pela primeira vez. Posicionar-se criticamente é importante para não serem assujeitados pelas *doxas* existentes nos seus contextos

mais imediatos, e também para que não as reproduzam. Além disso, também esperávamos que nossos alunos percebessem o quanto tais sensações podem ser elencadas a objetos de consumo.

Considerando-se todo esse contexto da vida dos alunos, as diretrizes da escola quanto ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita e o conteúdo previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para o ensino fundamental, pautamos nosso projeto de docência nas relações afetivas e no gênero conto.

Como o tempo de estágio foi curto e teríamos, ao total, dezoito aulas para desenvolver nosso projeto, o gênero conto mostrou-se adequado aos nossos desejos docentes e às necessidades que interpretamos nos alunos. Muitas ideias foram consideradas antes que tomássemos uma decisão. Através do projeto, buscamos aprimorar nos alunos a proficiência em leitura e escrita, o senso crítico e o diálogo com outrem.

2.2.2 – Escolha do Tema

Considerando o contexto social em que vivem, com o intuito de proporcionar aos alunos momentos de reflexão crítica sobre relacionamentos, além de contribuir para a ressignificação dos mesmos, focamos o tema de nosso projeto em relacionamentos afetivos.

A constituição da identidade afetiva é uma realidade na vida desses adolescentes e julgamos que oportunizar uma visão mais ampla sobre o tema é também tarefa da escola. Trazendo aspectos tão pessoais da vida dos alunos para a sala de aula, julgamos estar colaborando para fortalecer a relação que se estabelece entre a instituição escolar e a vida que corre fora dos muros desta. O mundo se faz relacional e a urgência de uma reflexão mais profunda sobre os vínculos que se dão entre as pessoas foi a pauta de nossas aulas, nas quais tivemos a pretensão de fazê-los refletir sobre suas posições como indivíduos situados no mundo e o que isto representa na relação com o outro, além de fornecer mais referências para a constituição da identidade afetiva.

As práticas com a linguagem no projeto se deram através de três eixos: leitura, produção de textos e análise linguística. Para Bakhtin, o texto (oral ou escrito) é a unidade, o dado primário e ponto de partida para todas as disciplinas. A constituição do homem social e de sua linguagem é mediada pelo texto. E através do texto e do discurso presente em sala de aula esperávamos que houvesse rica troca de conhecimento entre alunos e professores, além da criação de um ambiente favorável à expressão da subjetividade que é elemento intrínseco da afetividade.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veículos nos discursos orais e escritos. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998 p.47)

2.2.3 – Justificativa

O tema foi escolhido através de um cuidadoso equilíbrio entre os interesses da professora efetiva, dos professores estagiários, mas principalmente do interesse dos alunos. Ou seja, o tema do projeto foi pautado nos anseios de todos aqueles que se envolveram nele, mas o fator de maior consideração foram os alunos, já que eles foram a pauta principal das aulas.

Partir principalmente dos interesses dos alunos não significa dizer que o nosso trabalho se deu apenas com as coisas que lhes eram de interesse. Pelo contrário, tentamos ressignificar as práticas de usos da língua já presentes nas vidas de nossos alunos (respeitando seus valores), assim como possibilitamos o acesso a outras práticas com as quais os alunos não teriam acesso senão por intervenção escolar. O que lhes é assegurado no artigo 58 da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, no trecho que se refere aos Direitos Fundamentais, mais especificamente do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, que diz que: *“no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura”*. (BRASIL, 2008, p.21).

A nosso ver, o projeto teria significativa importância, pois a afetividade e o relacionar-se com o outro se faziam presentes no dia-a-dia desses adolescentes. O intuito era colocá-los em contato com narrativas que os fizessem repensar sobre aquilo que vivem e sentem, além de contribuir no processo de reconstituição dos seus valores afetivos. Também esperávamos gerar reflexões que os fizessem perceber que o que está acontecendo com eles é característico dessa faixa etária e já aconteceu com muitas outras pessoas, nas mais variadas épocas, e é um processo constitutivo do ser humano.

Além disso, o projeto estava alinhado com o eixo de ensino que a escola segue. Ou seja, o foco principal no ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

2.2.4 – Referencial Teórico

2.2.4.1 - Língua como objeto social

Aprender uma língua não se limita ao domínio de um código abstrato cuja serventia é expressão do pensamento. Tampouco pode se limitar ao domínio de um sistema autorregulado de signos capazes de enquadrar o pensamento para possibilitar a comunicação.

Segundo os PCNs LP (1998), o aprendizado de uma língua acarreta necessariamente no conhecimento dos seus significados culturais, no posicionamento do indivíduo em relação a tais

significados (consciente ou inconscientemente), e a partir disso, na interpretação e reinterpretação da realidade bem como de si mesmo. Tudo isso, em um meio social composto por outros indivíduos no mesmo movimento.

Por isso, se deve considerar a língua como algo dinâmico, que se modifica de acordo com os processos sociais que ocorrem ao longo da história, e com os sujeitos que constituíram o processo histórico.

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo interacional que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem, tanto numa conversa informal entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (BRASIL, 1998, p. 20).

Sob tal perspectiva, que se pauta principalmente nos teóricos Mikhail Bakhtin (1988) e Lev Vigotski (2000), a língua é um processo interlocutivo que está sempre em transição. E nós, indivíduos historicamente situados, ao mesmo tempo em que a constituímos, somos constituídos por ela.

“As vozes sociais são conceituadas como complexos verbo axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas reações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam.” (FARACO, 2007, p. 47). Ou seja, nossa cognição seria necessariamente moldada pelo contexto sócio-histórico de nossa existência. Do que veio antes, e do que vem depois dela. É o que leva Faraco a concluir que *“nossa cognição é necessariamente historicizada e semiotizada”* (FARACO, 2007, p.47).

Portanto, a língua não é expressão e nem comunicação no sentido estrito, como se costuma caracterizá-la. A língua é um diálogo. Mas diálogo aqui tem sentido mais amplo que uma conversa em voz alta entre duas ou mais pessoas face a face, ou até mesmo um solilóquio. É um diálogo na perspectiva dialógica. Em outros termos, é uma interlocução que não responde somente aos interlocutores visíveis, mas a infinitos outros interlocutores que fizeram e farão parte da interação. Aqui estão imbricadas todas as construções sociais humanas nas quais somos aculturados e de que dispomos e nos posicionamos durante toda e qualquer interlocução.

Para os alunos utilizarem a língua escrita de forma dialógica e situada, os professores teriam de criar situações e estratégias em que os alunos utilizassem os gêneros em diferentes situações, ou seja, um trabalho de língua materna voltada para o uso dos textos em gêneros diversos. (BUNZEN, 2006, p.157).

Isso porque todas as materializações do discurso (enunciados) se darão dentro dos gêneros do discurso. Os enunciados são proferidos em contextos específicos, com determinados fins, pressupondo interlocutores. E esses enunciados, são relativamente estáveis, ou seja, sabemos de

antemão como nos posicionar, como construí-los e quais recursos linguísticos utilizar quando estamos conversando sobre determinado assunto com nossos professores.

Sempre que utilizamos a língua fazemos uso desses elementos.

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diferentes gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23-24).

2.2.4.2 - Concepções de Ensino Aprendizagem

Não há como pensar o ensino de Língua Portuguesa sem referenciar o texto na sala de aula. É através do texto que a língua se materializa. Texto que aqui tem o sentido bakhtiniano de enunciado.

O nosso trabalho com a Língua Portuguesa se deu em três eixos no trato com o texto: leitura, produção de textos e análise linguística.

Faz-se importante a ressalva de que os três eixos não estavam iguados hierarquicamente. Assumimos uma postura na perspectiva do que João Wanderley Geraldi propõe em *Portos de Passagens* (1997), na qual a produção textual é tida como ponto de partida e de chegada no processo de ensino e aprendizagem. Isso porque é nela que a língua se revelaria em totalidade.

a) Leitura

Se a língua é um processo dialógico, para que a interlocução ocorra em um ato de leitura é necessário que o leitor esteja engajado durante a leitura, que se posicione perante o texto, que o enfrente, que o refrate e até mesmo que o rejeite, mas depois de ler.

O que a escola tem conseguido é justamente o oposto. Tem conseguido fazer com que alunos não tenham nenhum contato com a leitura (de textos escolares) além de uma rejeição dada de antemão. Isso se deve principalmente ao fato de que os textos apresentados em sala de aula, são escolhidos com o seguinte critério: o que se considera que os alunos deveriam ler. Os alunos raramente são levados em consideração na escolha. O que se agrava se pensarmos que os alunos são distintos uns dos outros, e pensar neles significa considerar que cada aluno é um leitor em potencial, mas com interesses distintos para catalisar tal potencial.

Mas se para a interlocução acontecer é necessário haver engajamento, durante o processo de empoderamento o aluno deveria ressignificar suas práticas de leitura a fim de se interessar mesmo que minimamente por aquilo que a escola tem a lhe oferecer. Se isso não acontece, não acontece

leitura, não acontece interlocução, não acontece a construção de significados. Acontece a repulsa (citada no parágrafo anterior).

Por isso a leitura deve estar de acordo com os interesses do leitor.

O que não quer dizer que a leitura deva ser somente a leitura por fruição. Nem toda leitura nos dá prazer. Mas o fato é que devemos ressignificar as práticas de leitura de nossos alunos, tentando fazer com que se interessem também pelos tipos de leitura que não são de fruição.

Quanto aos benefícios (específicos) da leitura, não nos ateremos, pois são imprecisos e amplos. Mas nos cabe ressaltar, como ressaltou Geraldi (1997), que a leitura é um elemento enriquecedor para aquilo “que se tem a dizer”. E não é por acumular novos conhecimentos que lhe foram “transmitidos”. Mas sim, pelo fato de a leitura ser um ato de construção de sentidos. O que acarreta dizer que ela também é um ato de construção de conhecimentos. Ou seja, não é um ser passivo que se depara com um texto. É um sujeito.

b) Produção Textual

O processo de produção textual está indissociado da leitura. Afinal, através do contato com a língua escrita, nosso cérebro assimila automaticamente formas, estruturas, regularidades e também as constrações da grafia. Obviamente a prática da escrita permite que se aprimore a capacidade de utilização da língua para fins específicos, pois é através dela que nos deparamos com dificuldades para formular nossas ideias para os possíveis (visados + os não previstos) interlocutores.

A produção textual está indissociada da subjetividade. Tal afirmação parece banal, porém, hoje, o método utilizado na grande maioria das escolas brasileiras parece não a levar em consideração. Isso devido à artificialidade com a qual a produção escrita é tratada, o sujeito deixa de ser sujeito no processo, inexistindo assim a interlocução, como aponta Geraldi (1984).

Na produção textual em sala de aula, nós buscamos o **sujeito do discurso** (BAKHTIN, 2003), que é um **sujeito autor** (BUNZEN, 2006). E buscamos pensando na diferença essencial que há na produção de um texto que se faz na escola, para um texto que se faz para a escola (a redação, por exemplo).

“O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos tem se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isto e, se quiser, poderá guardar redações feitas na 5ª série para novamente entregá-las ao professor de 6ª série, na época oportuna: no início do ano, o título infalível “Minhas férias”, em maio, “O dia das mães”, em junho, “São João”, em setembro, “Minha Pátria”, e assim por diante...Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança passa a pensar que só se escreve sobre estas “coisas”” (GERALDI, 2008, p. 64).

Geraldi propõe que para as produções textuais em sala de aula seria necessário partir das premissas que para dizer: se tenha o que dizer, para quem dizer, razões para dizer e se utilize estratégias para dizer. Em outros termos, que sejam buscadas práticas de uso língua efetivamente significativas aos alunos.

Mas nos questionamos sobre a total eficiência de tal engajamento, pois por maior que seja o esforço do professor de Língua Portuguesa para com tais premissas, não há como efetivamente escapar da artificialidade constitutiva do processo escolar. Basta observar que a formação escolar é obrigatória, e não optativa por parte dos alunos. Eles não têm voz, ou quase não têm voz na composição da escola (disciplinas; conteúdos etc.).

Não bastasse tudo isso, os alunos ainda são obrigados a cumprir uma exigência “meritocrática” para que possam “avançar” no processo escolar. Se hoje a aprovação é compulsória, a ameaça verbal da reprovação ainda existe, muitas vezes para manter a autoridade. Talvez o maior desafio de um professor seja desenvolver um tipo de avaliação que seja efetivamente construtivo para o processo de ensino e aprendizagem e, principalmente, fazer com que o aluno perceba isso. Este foi e ainda é um dos nossos desafios.

Talvez seja utópico acabar com a superficialidade no trato de língua materna, mas certamente é possível minimizar, e a partir disso, atingir resultados satisfatórios na ampliação dos recursos linguísticos e extralinguísticos dos quais os adolescentes poderiam fazer uso, consciente ou inconscientemente, nas interlocuções.

Para tanto, propusemos como objetivo final do nosso projeto de ensino e aprendizagem a feitura de um conto pelos alunos.

Mas a escolha não foi aleatória.

Escolhemos o trabalho com tal gênero, pois a adaptação da peça de teatro que será trabalhada, “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, é um conto. O movimento feito para a escolha do gênero foi: o tema elencou a peça, a adaptação da peça elencou o gênero (trabalhamos também outros textos, porém, esse foi abordado com maior minúcia). Esperávamos assim, obter o engajamento de nossos alunos com o conto. Ao menos, de boa parte deles.

No que concerne ao trabalho com os contos, não utilizamos nenhum manual, já que mesmo em se tratando de um gênero específico, se o pensarmos como prática social, tal prática será diferente para diferentes sujeitos em diferentes esferas da atividade humana.

Não traçamos as regras gerais do conto. Trabalhamos alguns contos com os nossos alunos reais, e a partir disso, tecemos e tentamos provocar reflexões sobre o gênero.

c) Análise Linguística

A análise linguística não é um reconhecimento de estruturas linguísticas que devem ser seguidas. Pelo contrário, o reconhecimento das estruturas inerentes à língua só tem algum valor quando contextualizadas. Esta é a maneira de tornar a reflexão significativa. E, se a tornarmos significativa, o processo de construção do conhecimento ocorrerá. Portanto, as reflexões metalinguísticas só fazem algum sentido, se é que o fazem, depois de uma reflexão epilinguística.

A análise linguística jamais deve se dar de maneira isolada. Ela é constitutiva do processo de interpretação e também do processo de produção textual e deve ser elencada junto a eles.

O contexto é que deve provocar a análise linguística. “[...] *Já que só se aprende uma língua na medida em que, operando com ela, comparam-se expressões, transformando-as, experimentando novos modos de construção e, assim, investindo as formas linguísticas de significação*”. (BRITTO, 1997, p. 154).

Por isso, as reflexões sobre os aspectos linguísticos se deram com base no que os alunos produziram, ao invés de prescrevermos previamente quais e como seriam mobilizados os recursos linguísticos a serem utilizados.

2.2.5 – Conhecimentos Trabalhados

No que concerne ao texto, o principal eixo de trabalho se deu com os gêneros do discurso. Esperávamos que nossos alunos se familiarizassem com o conto e percebessem suas características, suas condições de produção e as esferas por onde circulam. Além disso, esperávamos que pudessem perceber como e porque os escritores se utilizam dos recursos que utilizam, mostrando que não é uma escolha puramente estética, mas que está relacionada com a própria condição do gênero. A partir disso, esperávamos que com tal criticidade eles pudessem ampliar a gama de recursos linguísticos dos quais pudessem lançar mão ao utilizar a língua, pois eles (recursos linguísticos) não respondem unicamente ao texto, e sim a todo contexto.

Também fizemos um trabalho comparativo entre gêneros no caso da música Eduardo e Mônica, esperando explicitar as nuances da esfera artística e da esfera comercial.

Parte de nossos textos se materializou em sala de aula de maneira oral. Foram trabalhados também aspectos da oralidade.

A base de toda a análise linguística se deu a partir das necessidades observadas em sala de aula ao longo da execução do projeto.

2.2.6 – Objetivos

“Um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários ao exercício da cidadania.” (BRASIL, 1998, p. 19).

O principal objetivo do nosso projeto foi aflorar a criticidade de nossos alunos paralelamente ao aprimoramento dos seus usos da linguagem escrita, ferramenta de empoderamento social, possibilitando assim o exercício da cidadania.

Ao final da execução projeto, depois de muito refletir sobre o gênero conto (e sobre os gêneros do discurso), os alunos deveriam produzir um conto. Mas um conto escrito por um sujeito autor.

Para isso, nosso ponto de partida foram os sujeitos que integram, ao nosso lado, o processo de ensino e aprendizagem, assim como seus valores culturais, artísticos e históricos. Embasamos isso no que Vigotski (2000) chamou de zona de desenvolvimento real.

Com o desenvolvimento de atividades significativas que não estivessem por demasiado aquém das possibilidades de nossos alunos (sujeitos situados sócio-historicamente), buscamos atingir sempre a zona de desenvolvimento imediato ampliando e modificando assim a zona de desenvolvimento real e criando novas possibilidades de desenvolvimento imediato.

Esperamos que a cada aula os alunos pudessem ampliar seu viés de compreensão sobre os relacionamentos afetivos, e ressignificassem seus próprios relacionamentos.

Também foi nosso objetivo estabelecer o contato com os textos literários (escritos ou não) consagrados culturalmente. Textos que eles (ou parte deles) provavelmente não teriam acesso senão por intermédio da escola. Sobretudo, esperamos que tal contato não se realizasse de maneira maçante.

4.2.7 – Metodologia

O projeto foi executado ao longo de dezoito aulas compreendidas entre quatorze de maio de dois mil e treze e treze de junho de dois mil e treze. Sendo que cada estagiário ministrou metade delas. Na primeira aula, abordando o conto “O centro do Universo” esperávamos refletir sobre o relacionamento amoroso presente no texto, sobre como se dão as relações de poder entre o homem e a mulher e quais eram os discursos sociais presentes. Além disso, esperávamos discutir sobre algumas das características do gênero.

Nas aulas subsequentes, abordamos a canção “Eduardo e Mônica” elencando as diferenças do gênero para o conto, assim como as diferenças na configuração do relacionamento. Em seguida, fizemos a comparação da música com a propaganda da vivo que se utiliza dela de maneira comercial, e também da recontextualização da música no gênero “Draw my life”. Esperávamos analisar tanto as diferenças do gênero, como as diferenças do “mesmo” relacionamento, em diferentes épocas. Após isso, os alunos produziram um comentário crítico com enfoque nas diferenças dos relacionamentos afetivos apresentados, e a partir da escritura, a reescritura.

Na segunda parte do projeto, começamos com a leitura do conto “Romeu e Julieta”, discutindo novamente os aspectos do gênero, discutindo os aspectos do texto no gênero de origem, além de como se instituem as relações afetivas no contexto da história. Em seguida, vimos o filme “O casamento de Romeu e Julieta” que é uma recontextualização da história shakespereana no cenário brasileiro, na rivalidade com o futebol. A partir do filme, novamente rediscutimos as diferenças dos relacionamentos afetivos em épocas distintas.

E para finalizar, retomamos as características dos contos para a produção textual de um conto, cujo tema foi o dos relacionamentos afetivos. A partir da escritura, fizemos a reescritura.

A análise linguística sempre esteve relacionada ao contexto, ou seja, o texto dos alunos.

4.2.7.1 – Cronograma

Aula	Tema
Aula 1 – 2 h/a (14/05 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)	Relacionamentos afetivos e relações de poder.
Aula 2 – 1 h/a (16/05 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)	Relacionamentos afetivos na música.
Aula 3 – 1 h/a (20/05 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)	Intertextualidade entre os textos.
Aula 4 – 2 h/a (21/05 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)	Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: produzindo o texto.
Aula 5 – 1 h/a (23/05 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)	Análise linguística do texto.
Aula 6 – 1 h/a (27/05 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)	Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: reescrevendo o texto.
Aula 7 – 2 h/a (28/05 – Terça-feira – 13.30 às 15.0)	Relacionamentos clássicos.
Aula 8 – 1 h/a (03/06 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)	Reflexão crítica sobre o relacionamento clássico.
Aula 9 – 2 h/a (04/06 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)	O relacionamento clássico contemporâneo
Aula 10 – 1 h/a (06/06 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)	Refletindo sobre a intertextualidade entre as obras.
Aula 11 – 1 h/a (10/06 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)	Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: produzindo o texto.
Aula 12 – 2 h/a (11/06 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)	Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: reescrevendo o texto.
Aula 13 – 1 h/a (13/06 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)	Exposição e encerramento.

4.2.7.2 – Planos de Aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Escola Básica Beatriz de Souza Brito
 Professora regente: Ângela Beirith
 Disciplina: Português
 Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 1 – 2 h/a (14/05 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)

Relacionamentos afetivos e relações de poder.

Objetivo Geral

- Refletir sobre relacionamentos afetivos pela leitura e discussão do conto *O Centro do Universo*, de Simon Rich.

Objetivos Específicos

- Conhecer a proposta do projeto de docência dos professores estagiários.
- Ler um conto *O Centro do Universo*, de Simon Rich.
- Reconhecer o conto como gênero discursivo de narrativa breve que possui função social como leitura de fruição.
- Refletir sobre as relações de poder presentes na relação afetiva existente entre as personagens do conto.
- Discutir a dinâmica das relações de poder em outras relações afetivas, com base na discussão sobre a relação de poder expressa no conto lido.
- Compreender o vocabulário desconhecido no texto.

Conteúdo

- O conto *O Centro do Universo* de Simon Rich.
- O conto como um gênero do discurso.
- A função social do gênero conto.
- Reflexões acerca de relacionamentos afetivos.
- Metáfora

Metodologia

- Apresentar o projeto de docência e realizar a chamada. (15 min)
- Distribuir o conto *O Centro do Universo* para os alunos e propor a leitura silenciosa do mesmo. (15 min)
- Distribuir papéis (personagens e narrador) entre os alunos para a leitura jogralizada em voz alta do conto. (20 min)
- Conversar sobre a metáfora presente, o vocabulário e sobre o gênero conto, com base nos conhecimentos dos alunos. Explicar o que é metáfora, se assim for necessário. (15 min)
- Levantar questões sobre a relação de poder existente entre as personagens do texto e em outras relações afetivas e conversar sobre elas: A moça (Bebel) do conto é dependente afetivamente do namorado? Esse é um padrão feminino de comportamento? Um

relacionamento estável é sempre um fardo para o homem? E se os papéis na relação se invertessem? A relação homem e mulher é a única existente? (20 min)

- Encerrar a aula e orientar os alunos para que ouçam em casa a música *Garotos* do cantor Leoni. (5 min)

Recursos Didáticos

- 37 fotocópias do conto *O Centro do Universo*.

Avaliação

- Serão avaliados o envolvimento dos alunos durante a leitura silenciosa do conto; a expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral do conto e durante a reflexão com a turma sobre as questões pertinentes ao texto, com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor estagiário e nos questionamentos dos alunos.

Referências

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição n°66. São Paulo: março 2012.

Anexos

FIGURA 1 – Texto “O centro do Universo” – parte 1

O Centro Do Universo – Simon Rich (Tradução de Reinaldo Moraes)

No primeiro dia, Deus criou o céu e a terra. “Faça-se a luz”, Ele disse, e a luz se fez. E Deus viu que isso era bom. E logo anoiteceu – a primeira noite.

No segundo dia, Deus separou os oceanos do céu. “Faça-se o horizonte”, disse Ele. Eis que surgiu um horizonte e Deus viu que isso era bom. E aí anoiteceu – a segunda noite.

No terceiro dia, a companheira de Deus apareceu e disse que Ele andava meio distante nos últimos tempos.

“Desculpe”, disse Deus. “Essa semana tá uma loucura lá no trabalho.”

Ele sorriu para ela, mas ela não sorriu de volta. E Deus viu que isso não era bom.

“Não vejo mais você”, ela disse.

“Não é verdade”, disse Deus. “A gente foi ao cinema na semana passada.”

Aí ela disse, “Mas isso foi no mês passado.”

E aí anoiteceu – uma noite tensa.

No quarto dia, Deus criou as estrelas, para dividir luz e escuridão. Ele estava quase terminando o serviço quando bateu o olho no celular e se deu conta de que eram quase nove e meia.

“Putz”, Ele disse. “A Bebel vai me matar.”

Ele acabou de fazer a estrela na qual estava trabalhando e voltou de táxi para o apartamento.

“Desculpe o atraso!”, Ele disse.

E eis que ela nem respondeu.

“Tá com fome?”, Ele perguntou. “Faça-se o iogurte!” E fez-se aquele iogurte esquisito de baixa caloria que ela tanto gosta.

“Não vai funcionar dessa vez”, ela disse.

“Olha”, Deus disse. “Tô sabendo que tá difícil pra gente. Mas é um trabalhinho temporário. Assim que eu conseguir pagar minha bolsa de estudo, vou procurar alguma coisa com horário mais decente.”

Ela disse para Ele: “Euzinha aqui faço horário integral no serviço. E, mesmo assim, sempre arranjo tempo pra você.”

E Ele disse para ela: “Mas seu trabalho é diferente.”

E eis que Ele percebeu que tinha acabado de dar uma tremenda pisada na bola.

“Você tá querendo insinuar que o meu trabalho é menos importante que o seu?”, ela disse.

“Não!”, Deus disse. “Claro que não! Eu sei a barra que é trabalhar com moda. Fico totalmente besta de ver o que você faz!”

“Hoje tive que encarar catorze clientes, por causa da Fashion Week. Nem tive tempo de almoçar.”

“Caramba”, Deus disse. “Você trabalha pra caramba.”

“Como é que você sabe? Você nunca pergunta como foi meu dia! Fica aí só falando do seu trabalho, horas e horas, como se você fosse o centro do universo!”

“Faça-se uma massagem nas costas”, disse Deus.

E Ele começou a fazer uma massagem nas costas dela.

E ela disse para Ele: “Dava pra você tirar uma folga amanhã, por favor?”

E Ele disse: “Mas você não tem que trabalhar amanhã? E a tal Fashion Week?”

“Posso ligar lá e dizer que eu tô doente.”

E Deus teve ganas de dizer: “Se o seu trabalho é assim tão importante, como é que você pode tirar folga quando te dá na veneta?”

Mas Ele sabia que essa não era uma boa ideia. Por isso, Ele disse para ela: “Tô de folga no domingo. Vamos sair, domingo.”

FIGURA 2 – Texto “O centro do Universo” – parte 2

No quinto dia, Deus criou os peixes e as aves para que nadassem no mar e voassem pelos ares, cada qual de acordo com sua espécie. Daí, para ganhar uns pontinhos com a patroa, encostou a porta da sala e ligou para a Bebel.

“Que alegria ouvir sua voz”, ela disse. “Hoje tá impossível aqui.”

“Me conta tudo”, Ele disse.

“A Carol vai dar uma festa semana que vem para a Tati, mas o caso é que a Tati não tá nem aí, e eu tô agoniada porque nem sei se a festa vai rolar mesmo.”

“Nossa, que loucura”, Deus disse.

E a Bebel seguiu contando para Ele sobre as amigas dela, que elas tinham brigado umas com as outras, cada qual de acordo com sua espécie. E, enquanto ela repetia sei lá o quê que a Tati tinha dito para a Carol, Deus teve uma ideia sobre uma das criaturas que deveriam povoar a terra. Mas não podia largar o telefone, pois a Bebel não parava de falar. Daí, Ele cobriu o bocal e sussurrou: “Façam-se os elefantes.” E fizeram-se os elefantes, e Deus viu que isso era bom.

Mas eis que ela ouviu Deus criar os elefantes.

“Deus do céu”, ela disse. “Você não tá prestando a menor atenção em mim.”

“Bebel...”

“Lógico!”, disse ela. “Você tá muito mais preocupado com esse seu planeta idiota aí do que comigo!”

Deus teve ímpetos de corrigi-la. Não era só um planeta que Ele estava criando. Era todo um universo. Ele sabia, porém, que não era boa ideia dizer um troço desses naquela hora.

Daí, Ele disse: “Foi mal. Escuta. Me perdoa, vai!”

Mas eis que ela já tinha desligado na cara Dele.

No sexto dia, Deus ligou para o escritório dizendo que estava doente e fez uma surpresa para Bebel na loja dela, no Centro. Ela estava nos fundos, lendo uma revista.

“O que você veio fazer aqui?”, ela perguntou.

“Matei o trabalho”, Ele disse. “Quero passar o dia com você.”

“Mesmo?”, ela disse.

“Mesmo”, Ele disse.

E ela abriu um sorriso tão luminoso que Ele sacou que tinha feito a coisa certa.

Eles compraram umas cervejas e foram beber numa esquina do Baixo Gávea. Bebel ensinou para Ele um joguinho que a Tati tinha ensinado para ela, chamado “Verdade ou Desafio”.

“Não sei se eu tô muito a fim de joguinho”, disse Deus. Mas ela acabou fazendo com que Ele jogasse e, depois de alguns lances, Ele viu que isso era bom. Eles jogaram a tarde toda, rindo muito das respostas que o outro dava. Quando começou a esfriar, Deus esfregou os ombros dela, e ela o beijou no pescoço.

“Sabe o quê que eu gostaria de fazer agorinha mesmo?”, disse Bebel. Deus ficou de orelha em pé.

“O quê?”

“Ir ao cinema”, ela disse.

E Deus riu, porque era exatamente isso que Ele queria fazer. Eles decidiram ver Os Normais, porque tinham ouvido falar bem do filme. Curtiram adoidado e, no fim, pegaram um táxi, por conta de Deus, que era para não terem de esperar a noite toda pelo circular Gávea-Leme.

“Te amo”, disse Bebel, sonolenta, no banco de trás. “Te amo pra caramba.”

“Também te amo”, disse Deus. “Pra caramba.”

E ambos viram que isso era bom.

No sétimo dia, Deus largou o emprego. Não acabou nunca de fazer a terra.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 2 – 1 h/a (16/05 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)

Relacionamentos afetivos na música.

Objetivo Geral

- Compreender a visão de relacionamento afetivo que se manifesta na música *Garotos* do cantor Leoni.

Objetivos Específicos

- Refletir sobre as relações de poder presentes na relação afetiva existente entre as personagens da música.
- Reconhecer as diferenças do papel da mulher em um relacionamento afetivo com base na leitura do conto *O Centro Do Universo* e da letra da música *Garotos*.

Conteúdo

- Música *Garoto* do cantor Leoni.
- Letra de música como um gênero do discurso: função
- Reflexões acerca de relacionamentos afetivos.

Metodologia

- Realizar a chamada. (5 min)
- Reproduzir a música *Garotos* do cantor Leoni em aparelho de som. (5 min)
- Orientar os alunos para que leiam novamente a letra da música e atendem para a história presente ali. (10 min)
- Fazer um levantamento com a turma do vocabulário: quais as palavras que não compreenderam na letra da música. (10 min)
- Conversar com os alunos acerca dos aspectos existentes na relação que a música retrata: Como é tratada a mulher na música? Ela é sublimada? Como se dá a posição da mulher nesta música? Qual a diferença entre a figura da mulher nesta música e da figura da mulher no conto *O Centro do Universo*? (10 min)
- Encerrar a aula pedindo aos alunos que escutem a música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana em casa. (5 min)

Recursos Didáticos

- Aparelho de som ou computador com caixas de som.
- CD contendo a música *Garotos*.

Avaliação

- Serão avaliados o envolvimento dos alunos na escuta da música pela percepção do interesse e da postura deles em relação a essas atividades; o engajamento dos alunos na discussão

sobre a compreensão do vocabulário e na reflexão crítica sobre a letra da música, pelos posicionamentos dos alunos.

Referências

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In:_____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

Anexos

FIGURA 3 – Letra de música: “Garotos II”

Garotos – Leoni

Seus olhos e seus olhares
 Milhares de tentações
 Meninas são tão mulheres
 Seus truques e confusões
 Se espalham pelos pelos
 Boca e cabelo
 Peitos e poses e apelos
 Me agarram pelas pernas
 Certas mulheres como você
 Me levam sempre onde querem

Garotos não resistem
 Aos seus mistérios
 Garotos nunca dizem não
 Garotos como eu
 Sempre tão espertos
 Perto de uma mulher
 São só garotos
 Perto de uma mulher
 São só garotos

Seus dentes e seus sorrisos
 Mastigam meu corpo e juízo
 Devoram os meus sentidos
 Eu já não me importo comigo
 Então são mãos e braços
 Beijos e abraços
 Pele, barriga e seus laços
 São armadilhas e eu não sei o que faço
 Aqui de palhaço, seguindo os seus
 passos

Garotos não resistem
 Aos seus mistérios
 Garotos nunca dizem não
 Garotos como eu
 Sempre tão espertos
 Perto de uma mulher
 São só garotos
 Perto de uma mulher
 São só garotos

Se espalham pelos pelos
 Boca e cabelo
 Peitos e poses e apelos
 Me agarram pelas pernas
 Certas mulheres como você
 Me levam sempre onde querem

Garotos não resistem
 Aos seus mistérios
 Garotos nunca dizem não
 Garotos como eu
 Sempre tão espertos
 Perto de uma mulher
 São só

Garotos não resistem
 Aos seus mistérios
 Garotos nunca dizem não
 Garotos como eu
 Sempre tão espertos
 Perto de uma mulher
 São só garotos
 Perto de uma mulher
 São só garotos
 Perto de uma mulher
 São só garotos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Escola Básica Beatriz de Souza Brito
 Professora regente: Ângela Beirith
 Disciplina: Português
 Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 3 – 1 h/a (20/05 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)
Intertextualidade entre os textos.

Objetivo Geral

- Perceber a relação intertextual presente na música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana e no vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*.

Objetivos Específicos

- Compreender o discurso acerca de relacionamentos afetivos em textos midiáticos.
- Perceber a intertextualidade entre a música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana, o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica* e a letra da música *Garotos*, trabalhada na última aula.
- Compreender o sentido de palavras, expressões e cenas presentes no vídeo, fundamentais para a compreensão dos textos.
- Reconhecer semelhanças e diferenças em relacionamentos afetivos em momentos históricos distintos com base nas versões da música Eduardo e Mônica.

Conteúdo

- Vídeo *Draw My Life – Eduardo e Mônica Versão 2013*
- Música *Garotos*, do cantor Leoni.
- Letra da música e a música *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana.
- Intertextualidade.

Metodologia

- Realizar a chamada e orientar os alunos para que peguem a fotocópia com a letra da música *Eduardo e Mônica*. (5 min)
- Ler a letra da música em voz alta com os alunos. (5 min)
- Contextualizar o vocabulário da música que os alunos não compreenderam. (15 min)
- Escutar a música juntamente com os alunos.
- Reproduzir o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*. (5 min)
- Conversar sobre o vocabulário e as referências do vídeo. (10 min)
- Reproduzir o vídeo novamente e encerrar a aula. (5 min)

Recursos Didáticos

- Computador com caixas de som e projetor multimídia para a reprodução dos vídeos.
- 37 cópias da letra da música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a exibição do vídeo, reprodução da música e explicação do sentido de palavras, expressões e cenas dos mesmos, pela percepção do interesse e da postura deles em relação a essas atividades.

Referências

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In:_____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição nº66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo.

In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

Anexos

FIGURA 4 – Letra de música: “Eduardo e Mônica”

*Eduardo e Mônica – Legião Urbana**Quem um dia irá dizer**Que existe razão**Nas coisas feitas pelo coração?**E quem irá dizer**Que não existe razão?**Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar**Ficou deitado e viu que horas eram**Enquanto Mônica tomava um conhaque**No outro canto da cidade, como eles**disseram**Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer**E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer**Um carinho do cursinho do Eduardo que disse**"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"**Festa estranha, com gente esquisita**"Eu não tô legal", não aguento mais biritá"**E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais**Sobre o boyzinho que tentava impressionar**E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa**"É quase duas, eu vou me ferrar"**Eduardo e Mônica trocaram telefone**Depois telefonaram e decidiram se encontrar**O Eduardo sugeriu uma lanchonete**Mas a Mônica queria ver o filme do Godard**Se encontraram então no parque da cidade**A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"**O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar**Mas a menina tinha tinta no cabelo**Eduardo e Mônica eram nada parecidos**Ela era de Leão e ele tinha dezesseis**Ela fazia Medicina e falava alemão**E ele ainda nas aulinhas de inglês**Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus**Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud**E o Eduardo gostava de novela**E jogava futebol de botão com seu avô**Ela falava coisas sobre o Planalto Central**Também magia e meditação**E o Eduardo ainda tava no esquema**Escola, cinema, clube, televisão**E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente**Uma vontade de se ver**E os dois se encontravam todo dia**E a vontade crescia, como tinha de ser**Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia**Teatro, artesanato, e foram viajar**A Mônica explicava pro Eduardo**Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar**Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer**E decidiu trabalhar (não!)**E ela se formou no mesmo mês**Que ele passou no vestibular**E os dois comemoraram juntos**E também brigaram juntos, muitas vezes depois**E todo mundo diz que ele completa ela**E vice-versa, que nem feijão com arroz**Construíram uma casa há uns dois anos atrás**Mais ou menos quando os gêmeos vieram**Batalharam grana, seguraram legal**A barra mais pesada que tiveram**Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília**E a nossa amizade dá saudade no verão**Só que nessas férias, não vão viajar**Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação**E quem um dia irá dizer**Que existe razão**Nas coisas feitas pelo coração?**E quem irá dizer**Que não existe razão?*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Escola Básica Beatriz de Souza Brito
 Professora regente: Ângela Beirith
 Disciplina: Português
 Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 4 – 2 h/a (21/05 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)

Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: produzindo o texto.

Objetivo Geral

- Elaborar um comentário crítico, por escrito, expressando a reflexão feita sobre relacionamentos afetivos, baseada em todos os textos lidos anteriormente.

Objetivos Específicos

- Refletir criticamente sobre todos os textos que foram trazidos para a aula até então, enfocando as relações de poder existentes nas relações afetivas relatadas nos textos.
- Perceber a intertextualidade entre a música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana, o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*, a música *Garotos* do cantor Leoni, o conto *O Centro Do Universo* de Simon Rich e o vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*.
- Produzir a primeira versão de um comentário crítico sobre o vídeo *O que você quer ser quando crescer Duda?*, baseando-se nas reflexões feitas sobre os seguintes textos: a música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana, o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*, a música *Garotos* do cantor Leoni, o conto *O Centro Do Universo* de Simon Rich e o vídeo de propaganda *Eduardo e Mônica – Vivo*.

Conteúdo

- Conto *O Centro do Universo* de Simon Rich.
- Vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*
- Vídeo *Draw My Life – Eduardo e Mônica Versão 2013*
- Letra da música *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana
- Letra da música *Garotos*, do cantor Leoni.
- Intertextualidade.
- Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos.
- Produção escrita de um comentário crítico sobre o tema.

Metodologia

- Realizar a chamada e entregar uma folha de papel em branco para os alunos. (5 min)
- Reproduzir o vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*. (5 min)
- Retomar a discussão da última aula acerca do vídeo *Draw My Life – Eduardo e Mônica Versão 2013* e estabelecer uma relação com o vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*. (10 min)
- Conversar com os alunos sobre a produção do vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*: sua relação com o dia dos namorados e como a propaganda pode usar bens de cultura para promover o consumo. (5 min)

- Reproduzir o vídeo de propaganda de uma propaganda de *whisky* canadense (*The wiserhood new TV commercial*) para complementar a discussão sobre o uso do tema relacionamentos afetivos em propagandas. (5 min)
- Reproduzir o vídeo *O que você quer ser quando crescer Duda?*. (5 min)
- Retomar a discussão iniciada desde a primeira aula sobre os papéis sociais do homem e da mulher nos relacionamentos afetivos já que o vídeo que será a base do comentário está atravessado por papéis estereotipados. (5 min)
- Conversar com a turma sobre a produção do comentário crítico. Explicar o que é comentário crítico, que pode (deve) haver um posicionamento, que é preciso argumentar, etc. Escrever no quadro branco uma orientação sobre as características principais do comentário crítico e pedir que os alunos anotem no caderno. (10 min)
- Apresentar o enunciado da proposição: “Elabore um comentário crítico sobre o vídeo exposto em aula com base nas discussões feitas com a turma sobre relacionamentos afetivos”.
- Expor no quadro branco folhas de papel A4 com os pontos que devem ser englobados na produção escrita. Pontos como: Quais as relações de poder existentes em uma relação afetiva? Há um padrão de normalidade? Os relacionamentos sofrem mudanças com o passar do tempo? Há um padrão de comportamento entre as pessoas envolvidas em um relacionamento? (5 min)
- Explicar todos esses pontos e orientar a turma em relação à produção do comentário crítico e o tempo que possuem para escrevê-lo. (5 min)
- Auxiliar os alunos no momento de produção do comentário. Neste momento, passar verificando quem trouxe a tarefa solicitada na aula anterior. (25 min)
- Encerrar a aula recolhendo as produções e orientando os alunos a sobre a reescrita. (5 min)

Recursos Didáticos

- 34 folhas de papel almaço.
- Folhas de papel A4 com as orientações para a produção escrita.
- Computador com caixas de som e projetor multimídia para a reprodução dos vídeos.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a orientação do trabalho, através da sua compreensão da proposta de trabalho. Será avaliado também o seu engajamento na escrita do texto, através da realização da tarefa (resumo) e da produção do comentário crítico em sala de aula, considerando a adequação ao gênero, em especial no que se refere à tomada de posição sobre o tema.

Referências

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In:_____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNKkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição n°66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo.

In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

THE WISERHOOD NEW TV COMMERCIAL. Youtube. 2013. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=DuScm9FZPmQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 5 – 1 h/a (23/05 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)

Análise linguística do texto.

Objetivo Geral

- Analisar o próprio texto, com base nas indicações do professor estagiário, a fim de adequar o texto ao gênero e às convenções próprias da escrita.

Objetivos Específicos

- Identificar recursos expressivos e linguísticos que precisam ser revistos para melhor se adequarem à forma do texto escrito.
- Compreender o papel que exercem os recursos expressivos e linguísticos, considerando o projeto de dizer de um, de modo que as produções escritas possam ser melhoradas posteriormente.

Conteúdo

- Análise linguística

Metodologia

- Realizar a chamada e devolver os textos aos alunos. (5 min)
- Orientar para que eles leiam os comentários e correções feitos no texto. (5 min)
- Levantar as possíveis dúvidas e explicar as mesmas, caso seja necessário. (10 min)
- Usando o quadro, realizar a análise linguística dos elementos que necessitam ser melhorados. Serão abordados apenas os elementos mais recorrentes nos textos. (20 min)
- Recolher os textos e avisar os alunos que a segunda versão (versão final) se realizará na próxima aula. (5 min)

Recursos Didáticos

- Quadro branco.
- Caneta para quadro branco.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a leitura silenciosa do texto com o *feedback* do professor. Será avaliada também a compreensão dos alunos de todos os aspectos linguísticos trabalhados, com base na reescrita que se dará na próxima aula.

Referências

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In: _____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNKkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição n°66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo.

In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 6 – 1 h/a (27/05 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)

Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: reescrevendo o texto.

Objetivo Geral

- Reescrever o comentário crítico, produzido previamente, expressando a reflexão feita sobre relacionamentos afetivos, baseada em todos os textos lidos anteriormente nas aulas.

Objetivos Específicos

- Refletir criticamente sobre todos os textos que foram trazidos para a aula anteriormente, enfocando as relações de poder existentes nas relações afetivas relatadas nos textos.
- Produzir a segunda versão de um comentário crítico sobre relacionamentos afetivos, baseando-se nos elementos de reflexão sobre a música *Eduardo e Mônica* da banda Legião Urbana, o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*, a música *Garotos* do cantor Leoni, o conto *O Centro Do Universo* de Simon Rich e o vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*.

Conteúdo

- Conto *O Centro do Universo* de Simon Rich.
- Vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*
- Vídeo *Draw My Life – Eduardo e Mônica Versão 2013*
- Letra da música *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana
- Letra da música *Garotos*, do cantor Leoni.
- Intertextualidade.
- Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos.
- Reescrita do comentário crítico sobre o tema.

Metodologia

- Realizar a chamada e redistribuir os comentários escritos que os alunos produziram. (5 min)
- Reescrita do comentário crítico. Os alunos que terminarem a reescrita terão livros de contos à sua disposição para a leitura. (35 min)
- Recolher as produções e encerrar a aula. (5 min)

Recursos Didáticos

- Livros de contos.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a orientação do trabalho, através da sua compreensão da proposta de escrita. Será avaliado também o seu engajamento na produção

do texto, por meio da postura tomada em relação à análise linguística realizada na última aula e as sugestões para a reescrita.

Referências

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In: _____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNKkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição n°66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo. In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

THE WISERHOOD NEW TV COMMERCIAL. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DuScm9FZPmQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Escola Básica Beatriz de Souza Brito
 Professora regente: Ângela Beirith
 Disciplina: Português
 Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 7 – 2 h/a (28/05 – Terça-feira – 13.30 às 15.0)

Relacionamentos clássicos.

Objetivos Gerais

- Entrar em contato com o clássico *Romeu e Julieta* por meio de uma adaptação em forma de conto.
- Conhecer outra forma de relacionamento afetivo através de uma perspectiva histórica.

Objetivos Específicos

- Ler o texto *Romeu e Julieta* em forma de conto.
- Contextualizar sócio-historicamente a obra *Romeu e Julieta*.
- Identificar a mudança na dinâmica da relação por consequência da época.

Conteúdo

- Conto *Romeu e Julieta*.
- Contexto sócio-histórico da obra.

Metodologia

- Realizar a chamada e distribuir fotocópias do texto. (10 min)
- Apresentar as diferenças da adaptação da peça original, além de familiarizar a turma com o estilo literário shakespeariano. (10 min)
- Fazer uma apresentação da perspectiva socio-histórica da obra com imagens de Verona e das adaptações da peça. (5 min)
- Realizar a leitura do texto *Romeu e Julieta* juntamente com os alunos. Alternar a leitura em voz alta entre aqueles que assim desejarem.
- Refletir sobre o relacionamento afetivo presente no enredo. (30 min)
- Em um segundo momento, esclarecer dúvidas de compreensão leitora e léxico. (10 min)
- Propor questões de compreensão leitora (de diferentes níveis de dificuldade) e pedir que copiem no caderno e respondam. (20 min)
- As questões propostas serão as seguintes: Como Romeu e Julieta se conheceram? Por que Romeu matou Teobaldo? Quais seriam as consequências para Julieta caso ela tivesse, simplesmente, se recusado a casar com o conde? Qual era o plano de Julieta para não se casar com o conde e ficar com Romeu? Por que não deu certo? Por que Romeu e Julieta não assumiram o relacionamento? Há uma “moral” na história?
- Encerrar a aula orientando que as questões serão corrigidas na próxima aula. (5 min)

Recursos Didáticos

- 37 cópias do texto *Romeu e Julieta*.

- Mapa da Itália.
- Fotos da casa onde Julieta morava.
- Fotos das produções cinematográficas e peças de teatro sobre a obra.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a leitura do conto e durante a contextualização histórica do livro, através da atenção dispensada e do engajamento nesses momentos.

Referências

MCCAUGHREAN, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Anexos

FIGURA 5 – “Romeu e Julieta” – parte 1

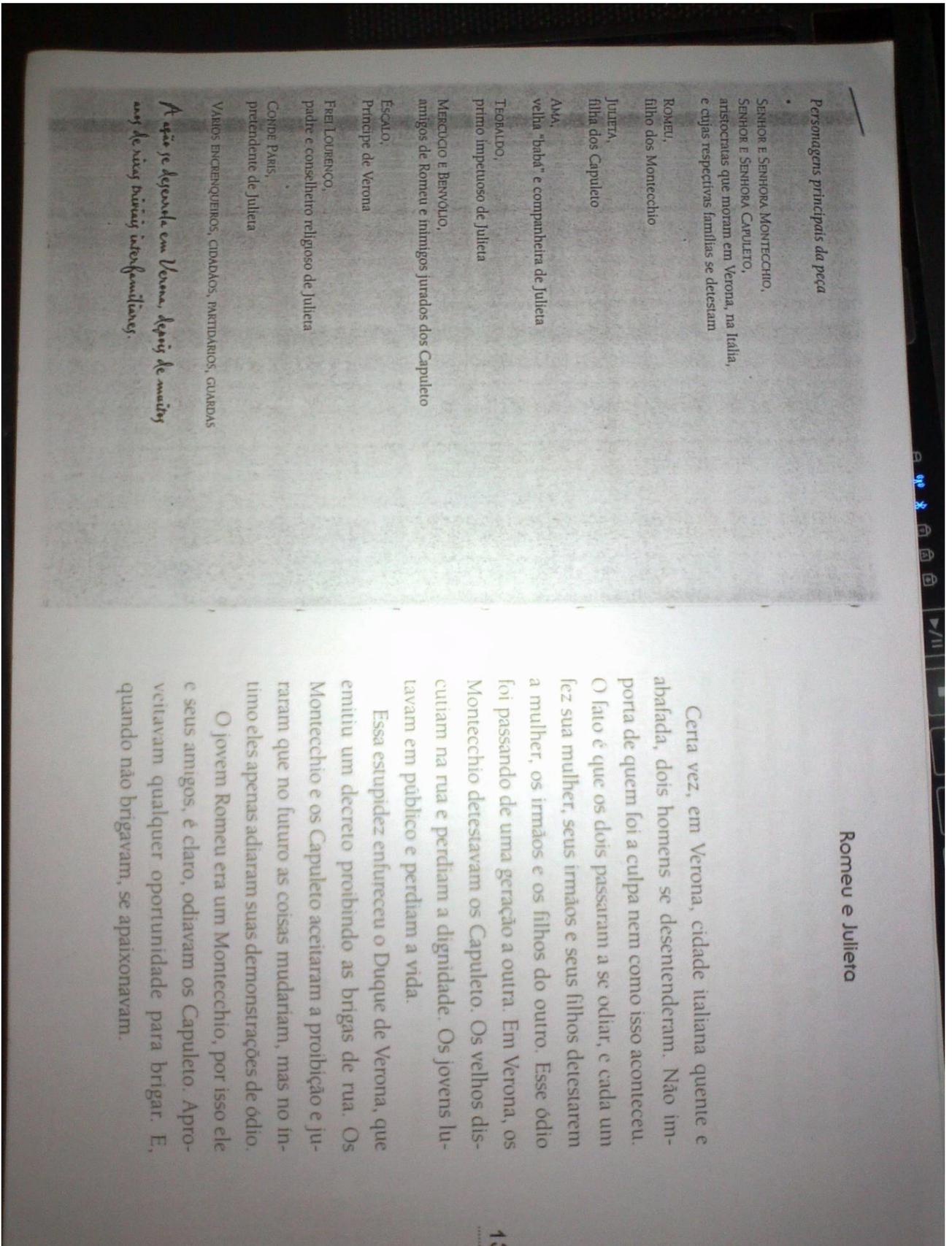


FIGURA 6 – “Romeu e Julieta” – parte 2

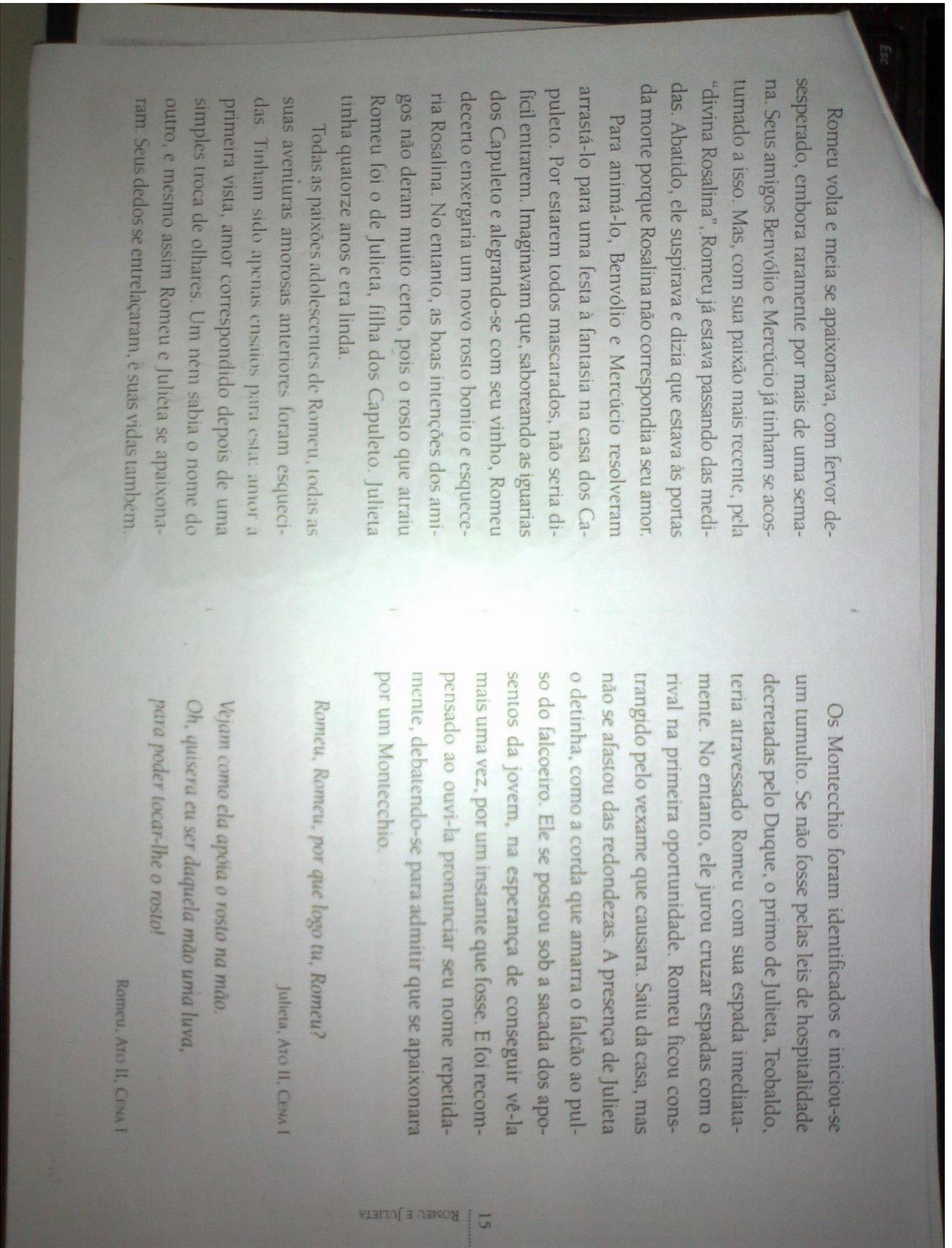
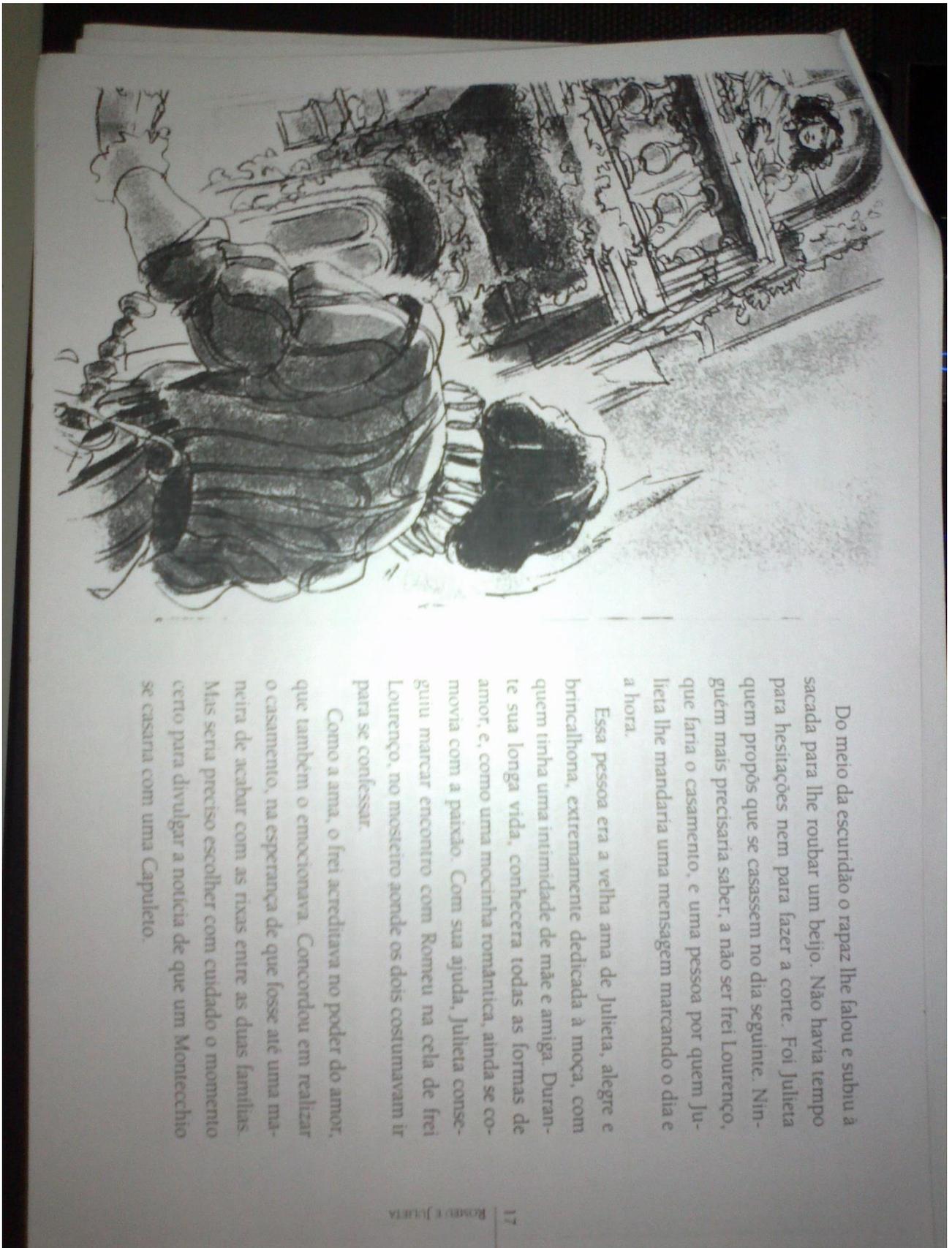


FIGURA 7 – “Romeu e Julieta” – parte 3



Do meio da escuridão o rapaz lhe falou e subiu à sacada para lhe roubar um beijo. Não havia tempo para hesitações nem para fazer a corte. Foi Julieta quem propôs que se casassem no dia seguinte. Ninguém mais precisaria saber, a não ser frei Lourenço, que faria o casamento, e uma pessoa por quem Julieta lhe mandaria uma mensagem marcando o dia e a hora.

Essa pessoa era a velha ama de Julieta, alegre e brincalhona, extremamente dedicada à moça, com quem tinha uma intimidade de mãe e amiga. Durante sua longa vida, conhecera todas as formas de amor, e, como uma mocinha romântica, ainda se comovia com a paixão. Com sua ajuda, Julieta conseguiu marcar encontro com Romeu na cela de frei Lourenço, no mosteiro aonde os dois costumavam ir para se confessar.

Como a ama, o frei acreditava no poder do amor, que também o emocionava. Concordeu em realizar o casamento, na esperança de que fosse até uma maneira de acabar com as rixas entre as duas famílias. Mas sena preciso escolher com cuidado o momento certo para divulgar a notícia de que um Montecchio se casaria com uma Capuleto.

FIGURA 8 – “Romeu e Julieta” – parte 4

Assobiando e dançando com a própria sombra pela praça do mercado de Verona, Romeu, não cabendo em si de alegria, encontrou os amigos Mercúcio e Benvólio. Sentia-se apaixonado pelo mundo todo. De repente, no entanto, sua sombra trombou com outra, a de Teobaldo, primo de Julieta, rapaz ruidoso e galo-de-briga dos Capuleto. Teobaldo empunhou a espada.

– Vou ensiná-lo a entrar na casa dos outros sem ser convidado, Romeu Montecchio.

Mas Teobaldo não recebeu a resposta que esperava. Não houve insultos nem ameaças por parte do rival.

– Não quero brigar com você, Teobaldo! – disse Romeu. – Não posso. Você entenderia se soubesse...

– Ah, mas eu sei! Sei muito bem que você é um covarde! Medroso demais para brigar!

– Não, Teobaldo, juro! Não posso explicar por que, mas Deus sabe que esta manhã tenho mais razões para amá-lo do que para odiá-lo.

– Romeu! – exclamou seu amigo Mercúcio, horrorizado. – O que está dizendo? Esse Capuleto miserável o está provocando e você diz que não vai brigar com ele? Tudo bem, se você não vai, vou eu!

– Não, Mercúcio, você não está entendendo!

Mas Mercúcio já brandia a espada. Como Romeu se recusava a lutar, ele se sentia obrigado a defender a honra dos Montecchio. Estava muito decepcionado com Romeu para lhe dar atenção, e Teobaldo também não queria ouvir. Embora Romeu se colocasse entre os dois, atrapalhado, pedindo-lhes que guardassem as espadas, as lâminas se chocavam e as blasfêmias voavam. Romeu interferiu e segurou Mercúcio pelo braço. Teobaldo aproveitou a oportunidade para investir. Sua espada passou por baixo do braço de Romeu e acertou o coração de Mercúcio. O melhor amigo de Romeu morreu em seus braços, amaldiçoando tanto os Montecchio quanto os Capuleto.

Cego de raiva, Romeu desembainhou a espada e traspassou Teobaldo, esquecendo Julieta, o decreto do Duque e o preço que teria de pagar por seu ato.

Os sinos já soavam, dando o alarme, e os guardas da cidade já avançavam. Só restava correr ou se deixar prender. Romeu fugiu para o mosteiro, onde ficou sabendo, por frei Lourenço, que tinha sido banido de Verona para sempre.

-- Deixar Verona? Deixar Julieta? Melhor teria sido o Duque me condenar à morte!

FIGURA 9 – “Romeu e Julieta” – parte 5

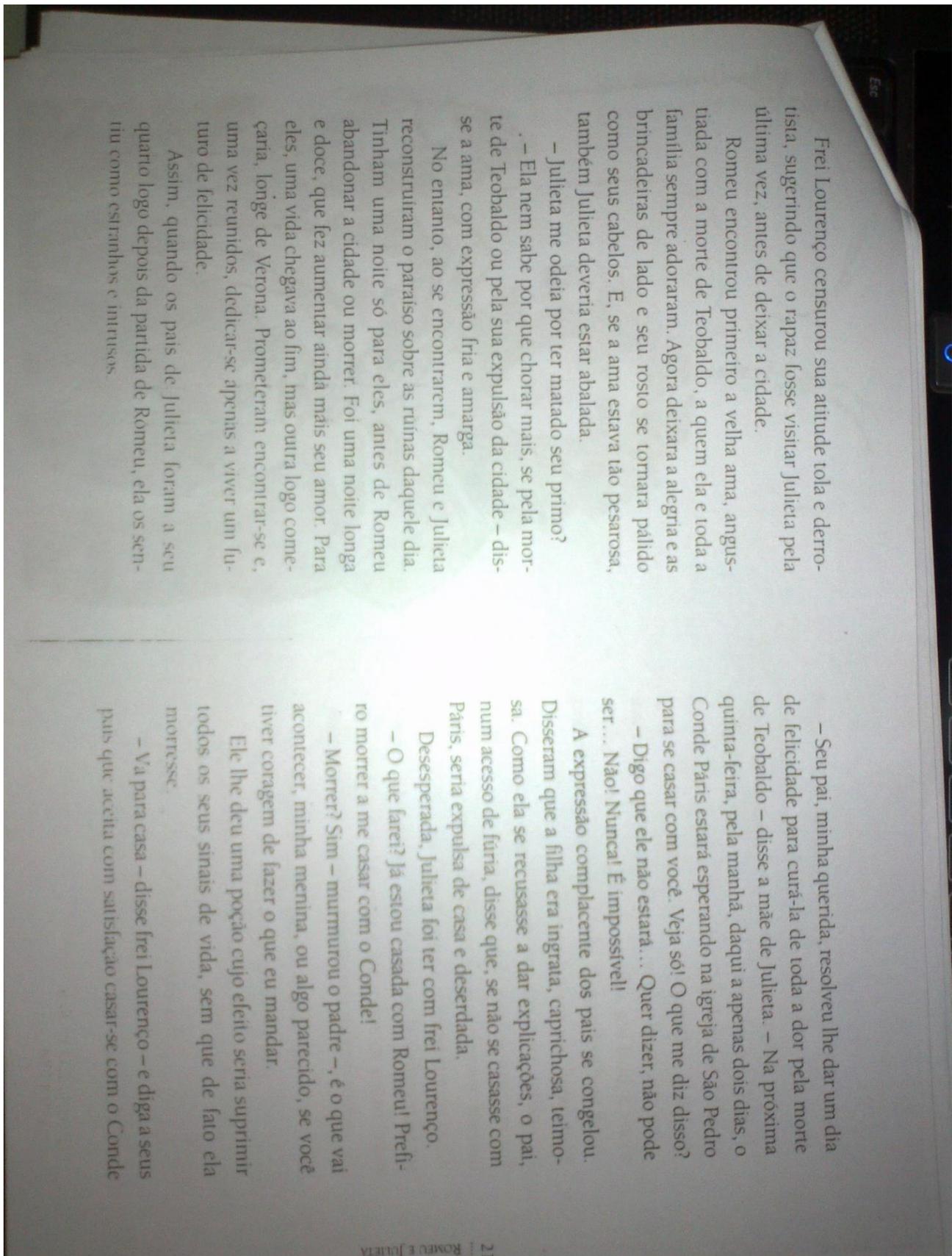
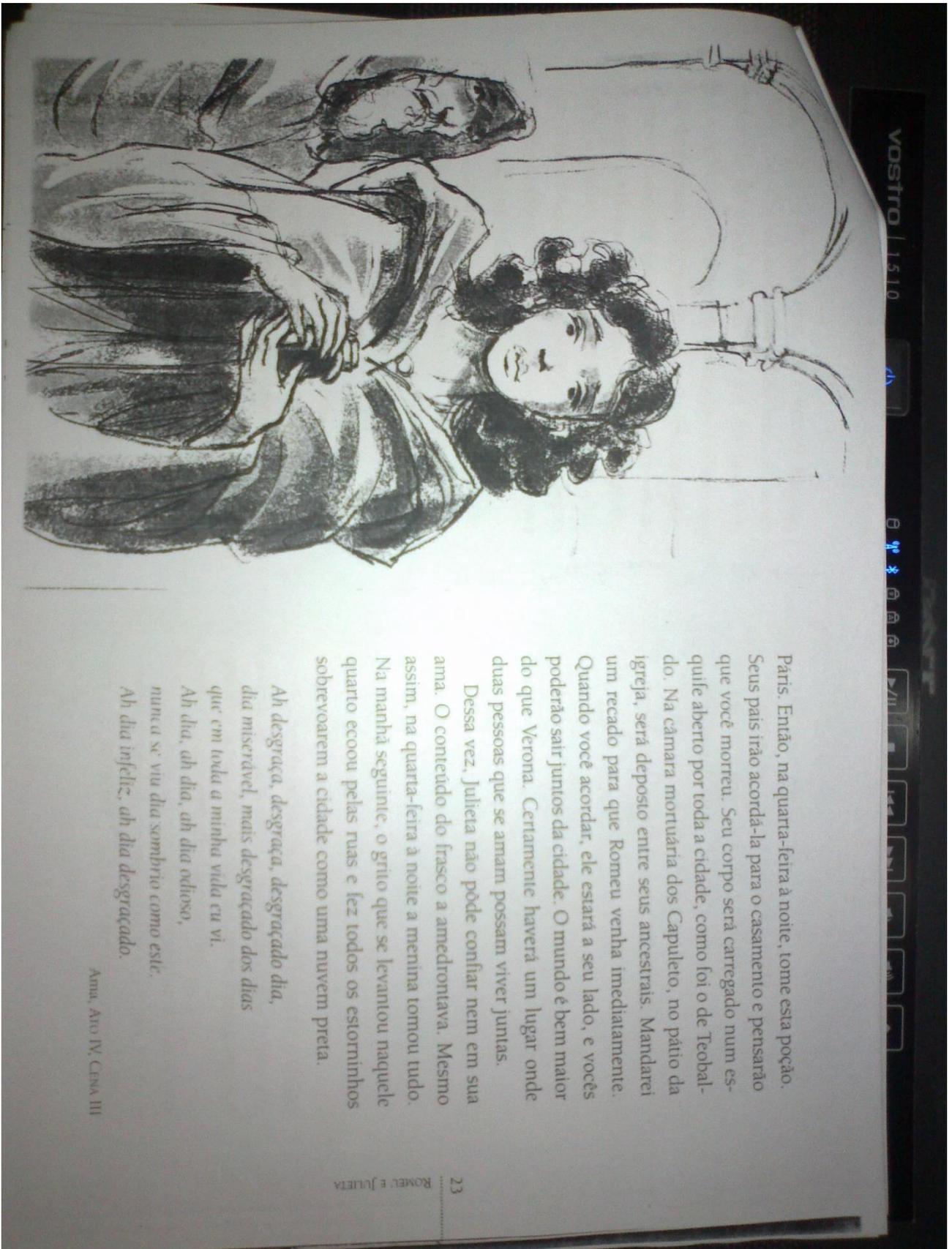


FIGURA 10 – “Romeu e Julieta” – parte 6



Páris. Então, na quarta-feira à noite, tome esta poção. Seus pais irão acordá-la para o casamento e pensarão que você morreu. Seu corpo será carregado num esquife aberto por toda a cidade, como foi o de Teobaldo. Na câmara mortuária dos Capuleto, no pátio da igreja, será deposto entre seus ancestrais. Mandarei um recado para que Romeu venha imediatamente. Quando você acordar, ele estará a seu lado, e vocês poderão sair juntos da cidade. O mundo é bem maior do que Verona. Certamente haverá um lugar onde duas pessoas que se amam possam viver juntas.

Dessa vez, Julieta não pôde confiar nem em sua ama. O conteúdo do frasco a amedrontava. Mesmo assim, na quarta-feira à noite a menina tomou tudo. Na manhã seguinte, o grito que se levantou naquele quarto ecoou pelas ruas e fez todos os estorninhos sobrevoarem a cidade como uma nuvem preta.

*Ah desgraça, desgraça, desgraçado dia,
 dia miserável, mais desgraçado dos dias
 que em toda a minha vida eu vi.
 Ah dia, ah dia, ah dia odioso,
 nunca se viu dia sombrio como este.
 Ah dia infeliz, ah dia desgraçado.*

Ama, Atto IV, Cena III

FIGURA 11 – “Romeu e Julieta” – parte 7

Julietta jazia em sua cama, fria e imóvel, sem nenhum sinal de vida, como seu primo Teobaldo ao ser carregado da praça do mercado até sua casa. Frei Lourenço ouviu os lamentos e consolou a aflicção dos pais da menina. Alegrava-se na certeza de que naquele mesmo instante uma carta percorria veloz a estrada rumo a Mântua, onde Romeu aguardava notícias. Nela, o padre explicava a história da poção e dizia que o rapaz deveria voltar imediatamente, em segredo, e permanecer vigilante ao lado da tumba de sua amada adormecida.

Mas a carta se extraviou. Os mensageiros que levavam foram detidos por um contratempo, e a primeira e única notícia que chegou a Romeu foi a da morte de Julieta. Nada soube do plano, do encontro e da poção.

O rapaz comprou veneno e voltou para Verona com a maior rapidez de que seu cavalo foi capaz. Ao chegar, viu o que não era possível desmentir: o cadáver de sua amada na tumba dos Capuleto. Na mesma hora, tomou o veneno e saiu em busca da alma de Julieta, tomando o rumo estrelado do paraíso.

*Meu amor, minha esposa!
A morte, que sugou o mel de teu hábito,
não teve o poder de levar tua beleza.
Essa arte não teve. Da beleza o sinal
carnim está em teus lábios e tua face,
que a marca pálida da morte não atingiu.*

Romeu, Ato V, Cena III

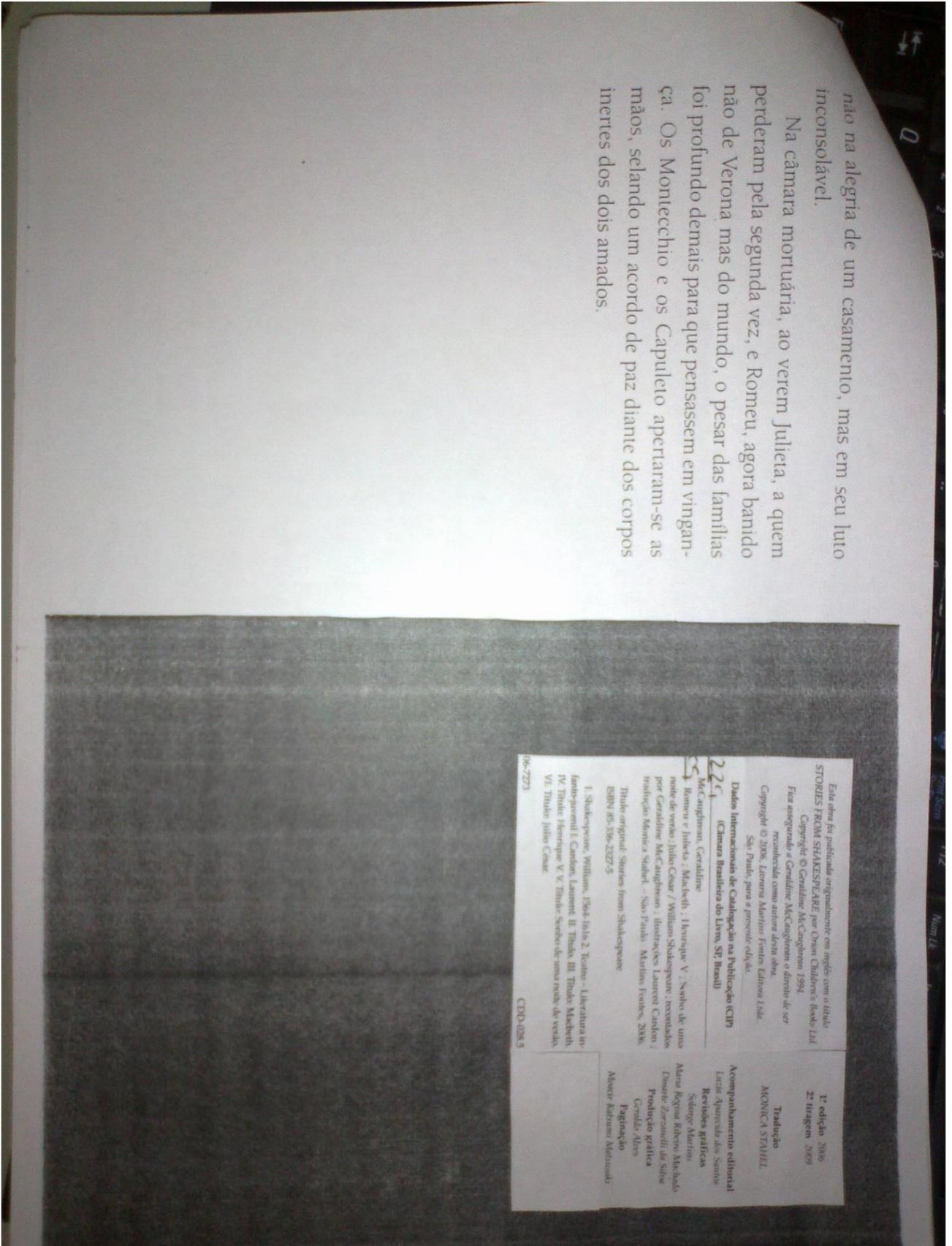
Ao acordar, Julieta viu Romeu deitado a seu lado. Seu corpo ainda conservava um leve calor de vida, mas fora tocado pela morte gelada.

– Por que não deixou sobrar uma gota para mim?
– Julieta o repreendeu, segurando o frasco de veneno vazio. Então, ela pegou o punhal de Romeu e, mais que depressa, enfiou-o no próprio coração. Ouvia vozes e passos lá fora, e não queria que a impedissem de acompanhar o amado.

Só depois de morta Julieta, frei Lourenço contou a verdade. Falou sobre a carta e disse que Julieta não poderia ter-se casado com o Conde Paris porque já estava casada com um Montecchio.

Apesar de ter errado por esperar demais para contar a verdade, numa coisa o frei tinha razão: o amor de Romeu e Julieta de fato uniu suas famílias,

FIGURA 12 – “Romeu e Julieta” – parte 8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 8 – 1 h/a (03/06 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)
Reflexão crítica sobre o relacionamento clássico.

Objetivos Gerais

- Concluir a reflexão sobre o conto *Romeu e Julieta*,
- Compreender o relacionamento afetivo presente na trama a partir do ponto de vista sócio-histórico e das implicações que essa perspectiva traz.
- Aprofundar os conhecimentos sobre o gênero conto, com base na leitura do conto *Pénélope*, de Dalton Trevisan.

Objetivos Específicos

- Identificar especificidades do gênero conto.
- Refletir sobre a obra a partir do ponto de vista histórico.
- Perceber as diferenças entre os relacionamentos afetivos pelo ponto de vista temporal.

Conteúdo

- Texto *Romeu e Julieta*.
- Aspectos literários da obra.
- Perspectiva sócio-histórica.
- Conto *Penélope*, de Dalton Trevisan.

Metodologia

- Fazer a chamada. (5 min)
- Retomar a apresentação de fotos de Verona (local onde se passa o conto) e das adaptações cinematográficas da peça *Romeu e Julieta*. Usar este momento para situar os alunos socio-historicamente sobre a trama, onde se passa, como se dá, etc. (10 min)
- Pedir aos alunos que leiam em voz alta as respostas das questões passadas na aula anterior como compreensão leitora. Retomar a discussão sobre a obra neste ponto. (15 min)
- Ler o conto *Penélope* de Dalton Trevisan. (10 min)
- Encerrar a aula e orientar os alunos para que se dirijam diretamente a sala de vídeo no dia seguinte. (5 min)

Recursos Didáticos

- 37 cópias do conto *Penélope* de Dalton Trevisan.
- Quadro branco.
- Caneta para quadro branco.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a leitura pela atenção dispensada ao texto. Será avaliado também o seu engajamento nas discussões com toda a turma.

Referências

MCCAUGHREAM, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TREVISAN, Dalton. **Penélope**. In: _____. **Vozes do retrato**. Rio de Janeiro: Agir, 1998. p.52-56.

Anexos

Conto Penélope de [Dalton Trevisan](#)

Na rua de casas iguais morava, há muitos anos, um casal de velhos. Ela o esperava, costurando na cadeira de embalo da varanda e, quando ele vinha pela rua, com um pacote no braço, descia, de chinelo, os dois degraus da varanda e lhe sorria, com o portão aberto. Cruzavam o pequeno jardim e, apenas na porta, por causa dos vizinhos, mas ainda antes de entrar, ela lhe erguia a cabeça, sem nenhum fio branco, e ele a beijava na testa. Estavam sempre juntos, lidando no seu quintal, ele com as couves, ela com sua coleção de [cactos](#). Quando deixavam aberta a porta da cozinha, os vizinhos podiam ver que ele enxugava a louça para a mulher. E, aos sábados, saíam para o seu passeio diante das vitrinas, ela, gorda, ainda bonita, de olhos azuis e ele, magro, baixo, de preto. Nas noites de verão, ela usava vestidos brancos, de pernas nuas, ele não, sempre de preto. Havia um mistério na vida deles, que nenhum vizinho conhecia. Sabia-se vagamente que os filhos tinham morrido num desastre, há muitos anos. O casal de velhos abandonou tudo, casa, túmulos, bichos e se mudou para aquela [cidade](#), naquela rua. Eram os dois, sem cão, gato, passarinho, nem mesmo galinhas. Tinham medo de se afeiçoar a qualquer coisa. Algumas vezes, na ausência do marido, ela trazia ossos para os cães vagabundos que cheiravam o portão. Quando engordavam uma galinha, a mulher se enternecia por ela e não tinha coragem de matá-la. Então, o velho desmanchou o galinheiro e, no seu lugar, plantou uns pés de couve. Arrancou a única roseira que crescia num canto do jardim; nem a uma rosa se atreviam a dar os seus restos de amor.

Afora a viagem, que faziam uma vez por ano para visitar o túmulo dos filhos, não saíam de casa, o velho fumando seu cachimbo, a velha trançando as agulhas de tricô, a não ser no seu [clássico](#) passeio dos sábados. E foi num sábado que, ao abrir a porta, eles acharam a seus pés, uma carta. Era estranho, porque ninguém lhes escrevia, os dois sozinhos no mundo, e confabularam antes de se decidir a abri-la. Era um envelope azul, sem qualquer endereço. A mulher propôs rasgá-lo, sem ler. Já tinham sofrido demais. Ele respondeu que ninguém podia mais fazer-lhes mal. Não queimou a carta, não se apressou de abri-la, deixou-a sobre a mesa. Sentaram-se um diante do outro, sob o abajur azul da sala, ela com seu tricô, ele com seu jornal. As vezes, ela curvava a cabeça, mordendo uma agulha na boca e com a outra contando os pontos. Quando chegava ao fim, tinha de contar a linha de novo: pensava na carta sobre a mesa. O homem lia com o jornal dobrado, no joelho, e leu duas vezes cada linha para entendê-la: pensava na carta sobre a mesa. O seu cachimbo apagou, não o acendeu, os olhos parados na mesma notícia, ouvindo apenas o seco bater das agulhas entre os dedos da mulher. Então, pegou a carta e abriu-a. Achou um pedaço de papel dobrado, com duas palavras: cOrNo MaNsO, escritas com grandes letras recortadas de jornal. Nada mais, data ou assinatura. Entregou o papel à mulher que, depois de ler, o olhou. Nenhum falou. A mulher se ergueu, segurando a [carta](#) na ponta dos dedos. Onde é que você vai? o homem perguntou. Queimar... ela respondeu. Não, ele disse. Dobrou o papel dentro do envelope azul e guardou-o no bolso. Juntou para a mulher a toalha que tinha caído no chão e continuou a ler o jornal e em cada linha, aquela noite, leu as duas palavras da carta.

Não estava mais certo de que ninguém podia fazer-lhes mal. Antes da mulher se erguer e guardar a cestinha com os fios e as agulhas, segurou-lhe a mão para consolá-la: aposto, minha velha, disse, que a mesma carta foi jogada sob a porta de todas as casas da rua. As vozes das sereias cantam ainda no coração dos velhos? Nem mesmo um pobre casal de velhos estava a salvo. Haviam-lhes tirado os filhos, os bichos, a cidade. Agora, queriam separá-los um do outro.

O homem esqueceu a carta no bolso e passou-se outra semana. No sábado, de volta do seu passeio, antes de abrir a porta, sabia que ela estava ali, azul sobre o capacho. A mulher pisou na carta, fingindo que não a via. Ele a juntou e guardou no bolso. Quase no fim do serão, sem erguer a cabeça da toalha, contando sempre a mesma linha, ela perguntou: você não vai ler a sua carta? Olhava-a, fingindo que lia o [jornal](#), admirando-lhe a bela cabeça, sem nenhum cabelo branco, os olhos que, apesar dos anos, eram azuis como no primeiro dia. Eu já sei o que diz, ele respondeu. Então por que não a queima? É um jogo, minha velha, disse, mostrando o envelope azul entre os dedos: nenhum sobrescrito e fechado. Rasgou-o numa ponta e tirou o papel dobrado: duas palavras, as mesmas, nas letras recortadas de jornal. Soprou o envelope, sacudiu-o sobre o tapete, mais nada. A mulher tricoteava, como se não visse a carta. Ele a guardou no bolso, com a outra e continuou a ler em cada linha do jornal aquelas duas palavras. Ela não lhe perguntou, como se soubesse. Tinha o rosto oculto pela sombra do abajur. O homem reparou que ela desmanchava um ponto errado na toalha. Eram os dedos que tricoteavam ou as mãos que tremiam?

Ele acordou com dor de cabeça, no meio da noite, levantou-se da cama e foi beber água no filtro. Afastou a cortina e, na rua deserta, viu na sombra dum muro, o vulto daquele homem. Ficou ali, com a mão crispada na cortina, até o homem ir-se embora. Deitou-se, de costas para a mulher, (sabia que estava acordada e de olhos abertos para ele), imaginando quem seria o homem na sombra do muro. E pensou, pela primeira vez, se a carta não podia ser para ele mesmo.

De manhã, esqueceu a idéia e, deitado na cama, observava de olhos meio fechados a mulher, que se vestia para ir às compras. Diante do guarda-roupa, ela escolhia um vestido. Os seus vestidos brancos a deixavam mais gorda. Esperou-o para tomarem café juntos, como todas as manhãs e, quando ela fechou a porta, foi olhá-la pela janela. Era ela mesma, a sua mulher. O homem se sentiu envergonhado e fechou os

olhos, dizendo: minha velha, me perdoe... Quando os abriu, notou que a mulher olhava para a janela, ainda que não pudesse vê-lo, atrás da cortina. Por que olhara a janela? Para dar-lhe adeus, se ele ali estivesse ou para saber se desconfiava dela?

No sábado seguinte, quis propor-lhe ficarem em casa, de luzes apagadas e surpreenderem o autor das cartas. Ao vê-la tão alegre, porque iam passear, não teve coragem e saíram. Durante o passeio pensou o tempo todo se era apenas ele que recebia as cartas. Não podia abordar um dos vizinhos no portão e perguntar-lhe aquilo. As casas da rua, de aluguel, eram todas iguais. Podia ser engano, o envelope não tinha endereço. Se, ao menos citasse nomes, horas, lugares... Quando abriu a porta, lá estava ela: a carta azul. Desta vez, não a leu diante da mulher. Guardou-a no bolso, junto com as outras e pôs-se a ler o seu jornal, sob o abajur. Quando virava as páginas, surpreendia o rosto da mulher debruçado sobre as agulhas. Era uma toalhinha difícil, porque há meses trabalhava nela. Como se lesse no jornal, ele lhe contou a história de Penélope, que desfazia de noite, à luz das velas, as linhas trançadas durante o dia, para ganhar tempo dos seus pretendentes, esperando a volta do senhor seu marido. Pela primeira vez, pensou se Penélope não teria enganado ao marido ausente. Para quem era a mortalha que ela bordava? Teria continuado a trançar suas agulhas após a volta de Ulisses? Homero não fala. Nem a mulher, que não perguntou sobre a carta.

No banheiro, fechando a porta à chave, abriu a carta. As duas palavras... Ele tinha o seu plano: guardou a carta no envelope e dentro dela um fio de cabelo. Pendurou o paletó no cabide, com a carta visível num dos bolsos. Foi-se deitar, enquanto a mulher punha o saco de pão na janela e a garrafa vazia de leite na porta. No dia seguinte, após o café, quando ela saiu, com a sacola das compras no braço, examinou a carta: estava no mesmo lugar, parecia intacta. Abriu-a e procurou o pequeno fio de cabelo, não estava mais.

Então, revolveu no fundo das gavetas. Não tinha tempo, ela voltaria logo. No emprego, imaginava os passos de sua mulher pela casa. Quando a encontra no portão descobre nos seus olhos o reflexo da gravata azul do outro. Observando-a, de manhã, na penumbra do quarto, suspeita que as sombras no seu gordo corpo nu são de abraços do outro. Ele quer erguer-lhe o cabelo da nuca para ver se não tem a tatuagem dos dentes do outro. Na sua ausência, abre o guarda-roupa da mulher, cobre a cabeça com seus vestidos e cheira-os. Espreita os homens que passam diante da casa, atrás da cortina. Conhece agora o leiteiro e o padeiro, jovens, de olhos falsos.

Pode contar, na volta do emprego, quais foram os passos da mulher pela casa: se os móveis têm pó ou não, se a terra nos vasos de flores está molhada ou seca... Ele marca o tempo pela toalhinha. Sabe quantas linhas a mulher tricoteou. Sabe quando ela erra os pontos e deve desmanchá-los, antes mesmo de contá-los com a ponta da agulha.

Nada tem contra ela e o homem ficou silencioso. Come de cabeça baixa, sem falar. Lê o seu jornal, de noite e, em vez de ler para a mulher as notícias divertidas, como antes, lê apenas em voz alta as histórias de crimes. Enquanto lê, vigia o rosto curvado da mulher, na sombra azul do abajur. Se ouve passos de noite na calçada vai espreitar pela janela, de pijama e pés descalços; a cortina está amarrotada no canto pela sua mão crispada.

Houve somente uma cena entre eles, quando comprou um revólver. Ele o guardou sobre o guarda-roupa da mulher. Ela perguntou: você está louco, meu velho? Para que um revólver? Há muito ladrão nesta cidade. E olhou como se ela fosse um ladrão. Meu Deus, a mulher gemeu, você não pensa que eu... e quis abraçá-lo, com as mãos estendidas, quando o homem, para desvencilhar-se, empurrou-a e, como não o soltasse, lhe golpeou o rosto com toda a força. Ela cobriu o rosto com uma das mãos e com a outra pegou a sua, ainda fechada. Pensou que fosse mordê-lo. Ela lhe beijou a mão, antes que pudesse retirá-la. O homem sentiu pena, mas não lhe pediu perdão. Foi a única cena e, depois dela, a mulher aceitou tudo.

Ele quer saber o destino de velhos presentes, de jóias sem valor (desconfia que o outro é moço, ela deve dar-lhe presentes). Quem sabe, faça toalhinhas de tricô, para o outro vender. No serão, os dois sob o abajur, em vez de ler o jornal, vigia a mulher - o rosto, o vestido, as mãos - atrás dos dedos do outro. Crava-lhe os olhos na mão (as mãos que acariciam e não têm memória dos carinhos) até que ela erra o ponto, tem que desmanchar a linha.

As vezes, quando chega em casa ela não o espera mais no portão, (porque finge não vê-la e passando por ela sobe os dois degraus, como se estivesse ali no portão à espera do outro) a casa está silenciosa, ele aspira os odores no ar, passa a mão sobre os móveis, apalpa entre os dedos a terra dos vasos. Adivinha onde a mulher está. Esconde-se dele, nos cantos escuros da casa e dá-lhe as costas, para que não veja os seus olhos vermelhos. Eram olhos azuis que sorriam a vida inteira para ele. Estão vermelhos de chorar pelo outro, por não ter podido vê-lo.

Uma noite, acordou e achou o outro travesseiro vazio, ainda quente da cabeça da mulher. Sob a porta, viu uma luz na sala. Pé ante pé, agarrou o revólver sobre o guarda-roupa e abriu de súbito a porta. Sob o abajur, a mulher fazia o seu tricô - sempre a toalhinha para a mesa da sala. Era ela Penélope, desfazendo na noite o trabalho executado de dia? Teci a mortalha para o marido antes de casar-se com o outro?

Erguendo os olhos da toalhinha, viu o revólver na mão do homem, mas não disse nada. As suas agulhas batiam uma na outra, embora não tricoteasse e estivesse olhando para o homem. Ele voltou para o quarto, fechando a porta, não sabia por que não a matava.

No meio de uma refeição, ele a interroga sobre seus velhos namorados, do tempo de solteira, de um primo que queria casar com ela. Ela responde, enquanto ele aprova com a cabeça, fumando seu cachimbo, de olhos meio fechados. Agora sabe, tem todas as provas: ela o enganava com o primo. Se não fosse culpada, protestaria, fugiria de casa. Mas não: ouve tudo, conta tudo. Se ela se contradiz, corrige-a batendo com a ponta do cachimbo apagado no seu prato.

— Mas faz tanto tempo, meu...

Não tem coragem de chamá-lo "meu velho". Enquanto ela vai, com sua sacola, de cabeça baixa, fazer suas compras, o velho revolve as cinzas do fogão, para saber se ela queima os bilhetes do outro.

De súbito, no meio da leitura em voz alta de um crime, ele tira as cartas do bolso - são muitas, uma de cada sábado - e lê, uma por uma, como se fossem todas diferentes. Guarda-as de novo no bolso, porque não se separa delas, e prossegue a leitura do jornal em voz alta.

Achou, numa caixa de sapatos, cheia de fotografias, uma dela, menina, com o primo, o outro. Ele colocou a fotografia sobre a mesa da sala, de pé, contra um vaso de cacto. Assim que a mulher abriu a porta, olhou para a mesa e viu a fotografia. Ela começou a chorar. Tinha pacotes nas mãos e não podia esconder as lágrimas, nem enxugá-las. Olhava para o homem e para a fotografia, e chorava. Ela nada disse, aquelas lágrimas eram de culpada. O homem se deu por satisfeito. Eram provas que reunia, queria ser justo.

O passeio aos sábados era seu único vício de velhos. Ela se arrumava, punha seu melhor vestido, seu chapéu fora de moda. Fumando seu cachimbo atrás da janela, deixou-a que se arrumasse. Ela sentou-se na poltrona da sala, com seu chapéu de flores na cabeça, a bolsa no braço, e ficou esperando. Não se virou, enquanto ela esperava, com as mãos cruzadas. Ele então se voltou, olhou o chapéu, a bolsa, as mãos vazias da toalhinha e disse:

— Meu Deus, que chapéu feio... Não posso sair na rua com uma mulher que usa um chapéu desses!

Abriu o jornal e começou a ler as notícias policiais em voz alta, enquanto a mulher ouvia, sem tirar o chapéu, já com o tricô na mão. Aquele sábado não veio nenhuma carta. Foi até a porta, abriu-a, olhou para o capacho e para a mulher. Era vigiado, ele também, o corno manso, pelo outro. Sentia falta daquela carta. Era uma correspondência inteligente entre outro e ele, um jogo, como tinha dito uma vez à mulher. Um dia, o outro revelaria tudo, era preciso não interromper as cartas. Então, continuaram a sair nos sábados.

Eles saem, dá o braço à mulher no portão e não falam durante todo o passeio, passam diante das vitrinas sem parar. Como é gorda, ela cansa mais depressa, mas não se queixa, nem ele diminui o passo. Na volta, sob a porta, junta a carta azul e, antes de abri-la, passeia com ela na mão pela casa, pára diante da mulher, de rosto azul sob o abajur. Ele a lê escondido, de porta fechada, no banheiro, e guarda com um cabelo no envelope e deixa sobre a mesa. Em todas encontra depois o cabelo, a mulher nunca mais leu as cartas. Ou - ele pensa, com uma nova ruga na testa - descobriu o seu segredo e lê as cartas substituindo o cabelo por um dos dela?

Uma tarde, de volta do emprego, abriu a porta e aspirou o ar, como fazia antes de entrar. Passou a mão no canto dos móveis: pó. Apalpou a terra dos vasos: seca. O coração batia na ponta dos pés, enquanto avançava pela casa. Entrou, ante pé, no quarto escuro e acendeu a luz: a mulher estava deitada na cama de casal, de chapéu de flores na cabeça, a bolsa no braço, segurando o revólver na mão direita. Ele não pôde fechar os seus olhos, outra vez azuis. Eles sorriam de novo para o velho.

Não sentiu piedade, estava vingado. Chamou a polícia que o deixou em paz, estava no emprego na hora em que a mulher se suicidou. Quanto o enterro saiu, os vizinhos repararam que, embora fosse um casal tão unido de velhos, ele não chorou nenhuma vez. Segurou na alça do caixão e ajudou a empurrá-lo no túmulo, (como fazem os velhos, ele o tinha construído há anos) e antes mesmo de o pedreiro, erguer a sua parede de tijolos, ele deu as costas para a mulher e foi-se embora.

Quando entrou em casa, reparou em qualquer coisa estranha: a toalhinha sobre a mesa era nova. Era a toalhinha de tricô! A mulher esperou terminar a toalhinha antes de se matar. Ela trançara sua própria mortalha. Penélope concluiu sua obra, o marido chegou em casa. Ele a tocou, na ponta dos dedos, estava lavada e engomada. Não tinha mancha de lágrimas, nem ruga de dedos trêmulos. Acendeu a lâmpada do abajur azul. Sobre a poltrona da mulher, diante da sua, vê as agulhas de tricô cruzadas na sua cestinha.

Era sábado, o velho pensou. Nada tinha a recear, nenhuma carta chegaria. Ninguém mais podia fazer-lhe mal. A mulher estava morta, pagara pelo seu crime. E, então, pensou que a mulher podia ser inocente. A carta poderia ser jogada sob todas as portas da rua. Ou ser atirada sob a sua porta, por engano, eram todas as casas iguais. Havia um meio de saber: se fossem destinadas a ele, com a mulher morta, não viriam nunca mais. Não as acharia sob a porta, encostadas no capacho. Aquela fora a última: o outro teria visto, de tarde, a casa de portas e janelas abertas para sair o enterro. Teria visto ao crepúsculo o carro funerário saindo do portão. Teria seguido, ninguém sabe, o enterro, era um dos que o acotovelavam para ver o caixão entrar, rangendo sobre os grãos de areia, no túmulo.

O velho saiu de casa. Andava com um braço dobrado, pelo hábito de dá-lo à mulher por tantos anos. Diante de uma vitrina de vestidos, alguns brancos, sentiu no braço a mão de sua mulher. Ele tinha razão, aquela carta fora a última. Nunca mais viria outra. Subiu os dois degraus da escadinha, parando com o pé no ar diante da porta. Eu fui justo, ele se disse e abriu a porta para ver a carta azul.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula/Ricardo Dalpiaz
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 9 – 2 h/a (04/06 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)

O relacionamento clássico contemporâneo.

Objetivo Geral

- Reconhecer a intertextualidade existente entre o filme *O Casamento de Romeu e Julieta* e o conto lido anteriormente.

Objetivos Específicos

- Refletir sobre a intertextualidade presente no filme e no texto lido nas aulas anteriores.
- Entrar em contato com outra releitura de relacionamentos afetivos.

Conteúdo

- Filme *O Casamento de Romeu e Julieta*.
- Intertextualidade com outros elementos elencados no projeto.

Metodologia

- Assistir ao filme *O Casamento de Romeu e Julieta*.
- Acomodar os alunos na sala de vídeo e dar início a reprodução do filme *O Casamento de Romeu e Julieta*. (90 min)

Recursos Didáticos

- Televisão.
- Aparelho de DVD.
- DVD do filme *O Casamento de Romeu e Julieta*.

Avaliação

- O aluno será avaliado pela sua participação na atividade através da atenção que dispensa ao filme.

Referências

BARRETO, bruno. **O Casamento de Romeu e Julieta**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Bruno Barreto. São Paulo, Buena Vista, 2005. 1 DVD, 90 min, color som.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Escola Básica Beatriz de Souza Brito
 Professora regente: Ângela Beirith
 Disciplina: Português
 Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 10 – 1 h/a (06/06 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)

Refletindo sobre a intertextualidade entre as obras.

Objetivo Geral

- Refletir sobre todos os textos trabalhados até então, especialmente os que se enquadram na segunda metade das aulas.

Objetivos Específicos

- Refletir sobre a intertextualidade presente no filme *O Casamento de Romeu e Julieta* e o conto *Romeu e Julieta*.
- Reconhecer as características dos contos, comparando contos entre si e também comparando o gênero com outros gêneros.

Conteúdo

- Intertextualidade.
- Gênero discursivo: conto.

Metodologia

- Fazer a chamada. (5 min)
- Em um primeiro e breve momento, levantar questões acerca do filme assistido na última aula: Gostaram? Por quê? Qual a tragédia presente na trama? Qual eram as relações que pautavam a história? (5 min)
- Em um segundo momento, iniciar uma reflexão comparando o filme com a adaptação do texto *Romeu e Julieta* que foi lida em sala: Quais os pontos em comum entre as duas obras? Quais os pontos divergentes? O que mudou nas relações com o passar do tempo? O que não mudou? Qual a diferença entre as duas Julietas? (8 min)
- Retomar o conto *Penélope*, de Dalton Trevisan, lido na aula anterior ao filme e, a partir dele, iniciar uma reflexão sobre as características do gênero conto. (7 min)
- Apresentar as características do gênero conto tais como: meios de circulação, esferas de produção e circulação, público leitor etc. Comparar conto e crônica (conhecimento prévio dos alunos), e também contextualizar o gênero historicamente. (10 min)
- Exibir o vídeo da interpretação do conto *O arquivo*, de Victor Giudice, feita por Antonio Abujamra. (6 min)
- A partir do vídeo, discutir os aspectos do gênero conto que se referem principalmente aos meios de circulação e também abordar as características dos contos orais e contos escritos. (4 min)
- Encerrar a aula.

Recursos Didáticos

- 34 folhas de papel almaço.
- Quadro branco.
- Caneta para quadro branco.
- Computador com caixas de som e projetor multimídia para a reprodução dos vídeos.

Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela sua participação na discussão acerca da compreensão da relação entre o filme e o conto, assim como pela sua compreensão em relação às características do gênero conto, considerando a adequação de suas respostas aos questionamentos do professor estagiário e de suas perguntas ao professor estagiário.

Referências

MCCAUGHREAM, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

O ARQUIVO (VICTOR GIUDICE) - PROGRAMA: CONTOS DA MEIA NOITE. INTERPRETADO POR ANTONIO ABUJAMRA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oGgt5knpowQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
 DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
 PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
 Escola Básica Beatriz de Souza Brito
 Professora regente: Ângela Beirith
 Disciplina: Português
 Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 11 – 1 h/a (10/06 – Segunda-feira – 13.30 às 14.15)
Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: produzindo o texto.

Objetivo Geral

- Escrever a primeira versão de um conto embasado em todos os textos e reflexões vivenciadas em sala anteriormente.

Objetivos Específicos

- Refletir criticamente sobre todos os elementos que foram trazidos para a aula anteriormente, enfocando nos aspectos relacionamentais das obras.
- Produzir a primeira versão de um conto sobre relacionamentos afetivos, englobando todas as reflexões realizadas sobre o filme *O Casamento de Romeu e Julieta*, o conto *Romeu e Julieta*, a música *Eduardo e Mônica*, os vídeos *Draw My Life – Eduardo e Mônica* e *Eduardo e Mônica - VIVO* e o conto *O Centro do Universo*.

Conteúdo

- Conto *Romeu e Julieta*, de Geraldine Mccaughrean.
- Filme *O Casamento de Romeu e Julieta*, de Bruno Barreto.
- Conto *O Centro do Universo* de Simon Rich.
- Vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*
- Vídeo *Draw My Life – Eduardo e Mônica Versão 2013*
- Letra da música *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana.
- Intertextualidade.
- Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos.
- Produção escrita de um conto sobre o tema.

Metodologia

- Fazer a chamada e redistribuir as folhas com as prévias dos contos. (5 min)
- Orientar a turma para que escrevam a primeira versão de um conto com a temática de relacionamentos afetivos. (5 min)
- Distribuir os contos *Passeio noturno* de Rubem Fonseca e *Uma vela para Dario* de Dalton Trevisan, para que os alunos possam observar as características dos contos, caso necessitem.
- Auxiliar os alunos no momento de produção do comentário, caso se faça necessário. (30 min)
- Recolher as folhas para a primeira correção e encerrar a aula. (5 min)

Recursos Didáticos

- Quadro branco.
- Caneta para quadro branco.

Avaliação

- Será avaliada a participação do aluno durante a orientação do trabalho, através da sua compreensão da proposta de trabalho. Será avaliado também o seu engajamento na escrita do texto, por meio da produção do conto em sala de aula, considerando a adequação ao gênero, em especial no que se refere à tomada de posição sobre o tema.

Referências

BARRETO, Bruno. **O Casamento de Romeu e Julieta**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Bruno Barreto. São Paulo, Buena Vista, 2005. 1 DVD, 90 min, color som.

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

FONSECA, Rubem. **Passeio noturno (parte um)**. In: _____. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 52-54

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In: _____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

MCCAUGHREAN, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

O ARQUIVO (VICTOR GIUDICE) - PROGRAMA: CONTOS DA MEIA NOITE. INTERPRETADO POR ANTONIO ABUJAMRA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oGgt5knpowQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNKkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição nº66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo. In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

THE WISERHOOD NEW TV COMMERCIAL. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DuScm9FZPmQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario**. In: _____. **Vinte contos menores**. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.20-22.

Anexos

FIGURA 16 – “Passeio Noturno”

Passeio Noturno,
Rubem Fonseca

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando imitação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta. Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos pára-lamas, os pára-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas.

A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia. (1973)

FIGURA 17 – “Uma vela para Dario”

Uma vela para Dario - *Texto extraído do livro "Vinte Contos Menores", Editora Record – Rio de Janeiro, 1979, pág. 20.*

Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o podem ver. Os moradores da rua conversam de uma porta a outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Ma não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede - não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que façam um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados - com vários objetos - de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo - os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio - quando vivo - só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

A última boca repete - *Ele morreu, ele morreu*. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Ricardo Dalpiaz
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 12 – 2 h/a (11/06 – Terça-feira – 13.30 às 15.00)

Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos: reescrevendo o texto.

Objetivo Geral

- Reescrever o conto produzido previamente, expressando a reflexão feita sobre relacionamentos afetivos, baseada em todos os textos lidos anteriormente nas aulas.

Objetivos Específicos

- Refletir sobre as considerações do professor estagiário em relação à primeira versão do conto.
- Identificar recursos expressivos e linguísticos que precisam ser revistos para melhor se adequarem à forma do texto escrito.

Conteúdo

- Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos.
- Produção textual do conto.
- Análise linguística.

Metodologia

- Fazer a chamada e redistribuir os contos que os alunos produziram. (10 min)
- Fazer uma breve análise linguística sobre os pontos recorrentes de erro nos contos produzidos pelos alunos. (20 min)
- Momento de reescrita do conto. Os alunos que terminarem a reescrita terão livros de contos à sua disposição para a leitura. (55 min)
- Recolher as produções e encerrar a aula. (5 min)

Recursos Didáticos

- Livros de contos.

Avaliação

- Será avaliado o engajamento na reescrita do texto, através da produção do conto, da compreensão dos aspectos linguísticos trabalhados em sala de aula, e à adequação ao gênero, em especial no que se refere à tomada de posição sobre o tema.

Referências

BARRETO, bruno. **O Casamento de Romeu e Julieta**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Bruno Barreto. São Paulo, Buena Vista, 2005. 1 DVD, 90 min, color som.

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

FONSECA, Rubem. **Passeio noturno (parte um)**. In: _____. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 52-54

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In: _____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

MCCAUGHREAM, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

O ARQUIVO (VICTOR GIUDICE) - PROGRAMA: CONTOS DA MEIA NOITE. INTERPRETADO POR ANTONIO ABUJAMRA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oGgt5knpowQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNKkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição nº66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo. In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

THE WISERHOOD NEW TV COMMERCIAL. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DuScm9FZPmQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario**. In: _____. **Vinte contos menores**. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.20-22.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ângela Beirith
Disciplina: Português
Estagiário Responsável pela Aula: Júlia Maccari Espíndula
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 8ª – Turma 83

Plano de aula 13 – 1 h/a (13/06 – Quinta-feira – 13.30 às 14.15)

Exposição e encerramento.

Objetivo Geral

- Fazer uma análise crítica das aulas.

Objetivos Específicos

- Ler os contos *Uma questão de educação e Nunca descuidando do dever*, de Marina Colasanti.
- Sintetizar tudo que foi trabalhado durante o período de docência para que se perceba todo o movimento reflexivo que foi realizado.
- Analisar conjuntamente o resultado das aulas com base no que se propunha inicialmente.

Conteúdo

- Reflexão crítica sobre relacionamentos afetivos e sobre as aulas ministradas.
- Contos *Uma Questão De Educação e Nunca Descuidando Do Dever*, de Marina Colasanti.

Metodologia

- Fazer a chamada. (5 min)
- Ler, juntamente com a turma, os contos *Uma Questão De Educação e Nunca Descuidando Do Dever*, de Marina Colasanti. (10 min)
- Refletir, juntamente com os alunos sobre relacionamentos afetivos e suas implicações, em tom de encerramento. Ler (10 min)
- Realizar o sorteio de dois livros por parte dos professores estagiários. (5 min)
- Reproduzir o vídeo *La Maison En Petit Cubes* de Kunio Katō e encerrar a aula. (15 min)

Recursos Didáticos.

- Livros para sorteio;
- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Projetor multimídia.

Avaliação

- Será avaliado o engajamento na avaliação final do projeto, através da participação nas discussões de encerramento sobre o tema que foi abordado em todas as aulas, assim como na leitura dos textos de encerramento.

Referências

BARRETO, Bruno. **O Casamento de Romeu e Julieta**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Bruno Barreto. São Paulo, Buena Vista, 2005. 1 DVD, 90 min, color som.

COLASANTI, Marina. **Uma questão de educação**. In _____. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 205.

COLASANTI, Marina. **Nunca descuidando do dever**. In _____. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 31.

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

FONSECA, Rubem. **Passeio noturno (parte um)**. In: _____. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 52-54

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In: _____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

LA MAISON EM PETIT CUBES. Youtube. 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=O_2Sc8fD_Kc>. Acesso em: 12 junho 2013.

MCCAUGHREAN, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

O ARQUIVO (VICTOR GIUDICE) - PROGRAMA: CONTOS DA MEIA NOITE. INTERPRETADO POR ANTONIO ABUJAMRA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oGgt5knpowQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNKkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição n°66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo. In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

THE WISERHOOD NEW TV COMMERCIAL. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DuScm9FZPmQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario**. In: _____. **Vinte contos menores**. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.20-22.

Anexos

FIGURA 18 – Contos de Marina Colasanti

Uma questão de educação - Marina Colasanti

Viu sua mulher conversando no portão com o amante. Não teve dúvidas. Quando ela entrou, decapitou-a com o machado. Depois recolheu a cabeça e, antes que todo o sangue escapasse pelo pescoço truncado, jogou-a na panela. Picou a cebola, os temperos, acrescentou água, e começou a cozinhar a grande sopa.

Pronta, porém, não conseguiu comê-la. Ânias de vômito trancavam-lhe a garganta diante do prato macabro. Nunca, desde pequeno, suportara a visão de cabelos na comida.

Nunca descuidando do dever - Marina Colasanti

Jamais permitiria que seu marido fosse para o trabalho com a roupa mal passada, não dissessem os colegas que era esposa descuidada. Debruçada sobre a tábua com olho vigilante, dava caça às dobras, desfazia pregas, aplainando punhos e peitos, afiando o vinco das calças. E a poder de ferro e goma, envolta em vapores, alcançava o ponto máximo da sua arte ao arrancar dos colarinhos liso brilho de celulósido.

Impecável, transitava o marido pelo tempo. Que, embora respeitando ternos e camisa, começou sub-repticiamente a marcar seu avanço na pele do rosto. Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras. Semanas depois percebeu que, no sorriso, franziam-se fundos os cantos dos olhos.

Mas foi só muitos meses mais tarde que a presença de duas fortes pregas descendo dos lados do nariz até a boca tornou-se inegável. Sem nada a dizer, ela esperou a noite. Tendo finalmente certeza de que o homem dormia o mais peado dos sonos, pegou um paninho úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

Texto de Encerramento

Caros alunos,

Hoje é nosso último dia com a turma de vocês. Nós tivemos ao todo dezoito aulas juntos, na qual vimos muitas coisas. Nosso objetivo desde o começo era colocá-los em contato com a literatura, seja na sua forma tradicional ou midiática, e incentivá-los a ler. Além disso, queríamos que vocês pensassem um pouquinho mais sobre algumas coisas que vem acontecendo na vida de vocês: as relações afetivas. Pode parecer que ficamos falando sempre da mesma coisa nesse último mês, mas vamos lembrar tudo que vimos: vídeos *Draw My Life: Eduardo e Mônica, Eduardo e Mônica – Vivo, O que você que ser quando crescer Duda?*, contos *Romeu e Julieta* de Geraldine Mccaughrean, *O Centro do Universo* de Simon Rich, *Penélope* e *Uma vela para Dario* de Dalton

Trevisan, *Passeio noturno (parte um)* de Rubem Fonseca e, por último, o filme *O Casamento de Romeu e Julieta*. Todos esses textos entraram em nossa sala de aula buscando proporcionar outras oportunidades de conhecimento a vocês. Agradecemos o acolhimento e gostaríamos de dizer que foi um prazer estar aqui.

Um abraço,
Júlia e Ricardo.

2.2.8 Recursos Necessários

2.2.8.1 Recursos materiais

Para a execução do projeto foi necessária a utilização de um projetor multimídia e caixas de som multimídia, além de um computador portátil com reprodução de DVD. Os dois primeiros foram obtidos através da reserva do auditório da escola e o último foi providenciado por um dos estagiários.

Além disso, foi necessária a utilização de um aparelho de som que a escola possui.

2.2.8.2 Recursos bibliográficos

Todos os textos escritos trabalhados com os alunos foram providenciados pelos estagiários, através de cópias. As obras para xerografia foram providenciadas via empréstimo na biblioteca da universidade, ou por pertencerem ao acervo pessoal de um dos estagiários.

2.2.9 Avaliação

A avaliação se deu em dois eixos: do projeto e da aprendizagem dos alunos.

Ao final de cada aula do projeto foi feita uma avaliação refletindo se o objetivo da mesma fora atingido, e se o projeto, mesmo que inconcluso, estava realmente se encaminhando de acordo com as expectativas.

Ao final da execução, avaliamos se os nossos objetivos iniciais foram atingidos. Nos pontos em que isso não ocorreu, analisamos quais foram os impedimentos para o não cumprimento da expectativa.

Os alunos foram avaliados pelo seu envolvimento nas atividades, tanto na produção textual como nas demais atividades. Três notas lhes foram atribuídas, duas de produção textual com as respectivas reescrituras e uma terceira que baseada na somatória da pontuação de uma atividade extra com a nota de participação (baseada no método utilizado pela professora da turma).

Como o nosso objetivo em sala de aula não era o de fazer com que os alunos fizessem “competições” entre si, as notas lhes foram atribuídas de acordo com a realidade de cada um. Evitando assim o método da avaliação meritocrática.

2.3 Análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental

Primeiro dia (14/05/2013)

Neste primeiro dia chegamos bastante cedo à sala de aula. A turma estava agitada e estranhou nosso retorno à escola (haviam nos conhecido no período de observação). Éramos, ao total, quatro estranhos para os alunos, pois a professora regente da turma havia sido trocada alguns dias antes. Nos apresentamos novamente e nossa professora supervisora de estágio, Profa. Maria Izabel Hertz deu uma breve introdução sobre o estágio que se iniciava na escola. Passado este momento, introduzimos o projeto e demos início à aula fazendo a chamada. Nesta aula, que era uma aula faixa, distribuimos cópias do conto *O Centro do Universo*, de Simon Rich para os alunos. Primeiro os alunos fizeram uma leitura silenciosa, depois pedimos que três alunos fizessem a leitura em voz alta, cada um fazendo a voz de uma das personagens. Neste momento houve bastante agitação na turma e houve a necessidade de alterarmos a voz e pedirmos por silêncio. Terminada a leitura, passamos no quadro as seguintes questões para que eles copiassem e respondessem no caderno: *A moça (Bebel) do conto é dependente afetivamente do namorado? Esse é um padrão feminino de comportamento? Um relacionamento estável é sempre um fardo para o homem? E se os papéis na relação se invertessem? A relação homem e mulher é a única existente?*

Os alunos responderam as questões e então as corrigimos em voz alta. Alguns alunos leram suas respostas e discutimos sobre a reflexão que fizeram sobre o conto. Depois disto, fizemos novamente uma leitura em voz alta com distribuição das personagens e foi necessário que um de nós assumisse a ‘voz’ de uma das personagens. A turma encontrava-se bastante agitada neste momento. Terminada esta terceira leitura, foi iniciada uma discussão acerca da metáfora e do egocentrismo presentes no conto. Foi preciso explicar alguns conceitos para que eles compreendessem. Além disso, fizemos uma breve discussão sobre o gênero conto.

Era a nossa introdução ao tema “Relacionamentos Afetivos”, e talvez por isso, talvez por ainda não termos muita afinidade com eles, as discussões não foram muito aprofundadas.

A aula se encerrou com os alunos bastante agitados.

Segundo dia (16/05/2013)

No segundo dia, a turma estava um pouco agitada. Era uma quinta-feira e, em quase todas as quintas-feiras a turma encontrava-se irrequieta. Era dia de troca de livros na biblioteca da escola. Esta turma tinha por hábito na aula de português das quintas-feiras ir à biblioteca retirar livros como empréstimo.

A aula iniciou cerca de dez minutos depois do sinal e a turma estava se movimentando muito dentro da sala de aula.

Durante a aula os alunos iam em pequenos grupos fazer a troca de livros.

Iniciamos discutindo o conto lido na aula anterior, com enfoque na representação da mulher em um relacionamento afetivo. De como o conto se utilizava de alguns estereótipos da mulher para fazer humor.

Em seguida, reproduzimos a canção *Garotos II*, de Leoni e distribuímos a letra. Na sequência efetuamos a leitura e esclarecemos os aspectos de compreensão leitora. Isso feito, começamos a questionar qual era a representação da mulher naquela canção, como ela era diferente do conto, e também da representação do homem nos dois contos, já que em um dos casos ele era Deus e no outro o “eu lírico” sublimava a mulher.

A aula transcorreu de maneira agitada e a discussão foi em certa medida prejudicada pelas interrupções das idas dos alunos à biblioteca, bem como pelo fato de que mesmo que estivessem engajados na discussão, em determinado momento, os alunos teriam que sair da sala para a troca dos livros. Apesar disso, a profundidade das discussões foi maior. Os alunos começaram a se familiarizar com a reflexão sobre os relacionamentos afetivos. Questões como as funções sociais do homem e da mulher, bem como seus estereótipos nos relacionamentos já não eram vagas.

Terceiro dia (20/05/2013)

No terceiro dia de aula, iniciamos a aula fazendo a chamada. Instalamos o projetor multimídia, que seria usado posteriormente, e distribuímos fotocópias com a letra da música *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana. Pedimos que uma aluna lesse, sem melodia, a letra da música. Contextualizamos o vocabulário com os alunos, pois na letra da música havia muitas palavras às quais eles desconheciam o significado. Após eles entenderem melhor a letra da música, a ouvimos, acompanhando a letra juntamente com a melodia.

Analisamos outra vez a questão do relacionamento. De como uma mulher mais velha e mais bem sucedida se apaixona por um homem mais novo e, em tese, infantil. A partir disso estabelecemos a relação deste com os outros textos com os outros textos (das aulas anteriores). Discutimos como tal tipo de relação é vista pela sociedade nos dias atuais, como seria no tempo em que a música foi produzida. Apresentamos também algumas informações sobre a banda e o contexto em que a música foi produzida, bem como o público para o qual a música foi produzida.

Ouvimos a música outra vez e reproduzimos o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*. Tivemos um pequeno contratempo com o aparelho de som do projetor multimídia, mas tudo se resolveu e pudemos reproduzir o vídeo. Após a primeira reprodução, contextualizamos as referências do vídeo para que os alunos pudessem compreendê-lo melhor. Eles gostaram muito e reproduzimos o vídeo novamente. A aula encerrou com os alunos tranquilos, sem a agitação costumeira.

Encerramos a aula com o vídeo. Não houve tempo para discuti-lo naquela aula.

A aula foi produtiva no aspecto de engajamento das discussões. Parte da sala estava bem interessada, enquanto um par de alunos estava pouco interessado. Aliás, alguns desses alunos não se engajaram em nenhum momento ao longo da execução do projeto. Foi o caso de três deles, enquanto outros três em algumas aulas tiveram algum engajamento, mesmo que mínimo.

A turma ficou muito interessada no vídeo que exibimos. Principalmente nos desenhos do gênero surgido recentemente “Draw my life”.

Quarto dia (21/05/2013)

No quarto dia de aula, iniciamos a aula fazendo a chamada e entregando uma folha de papel em branco para os alunos. Instalamos o projetor multimídia e reproduzimos o vídeo *Eduardo e Mônica – Vivo*. Por insistência dos alunos, reproduzimos novamente o vídeo *Draw My Life: Eduardo e Mônica*. Dessa maneira, iniciamos uma reflexão sobre os vídeos: qual a relação entre eles, quais as semelhanças, quais as diferenças. Por serem duas releituras da música da banda Legião Urbana, discutimos quais aspectos da música foram relidos e quais não foram. Qual a intencionalidade de cada um deles, e de como cada releitura está relacionada aos seus objetivos de produção, já que um dos vídeos era um comercial. Discutimos um pouco a esfera artística e esfera publicitária e suas diferenças e também as curiosidades sobre o gênero Draw My Life pelo qual eles haviam se interessado na aula anterior.

Levantamos também questões sobre o consumo e como o mercado publicitário pode usar bens de cultura para vender produtos. No caso, a letra romântica da música foi utilizada como propaganda de uma operadora de celular no dia dos namorados. Depois disso, reproduzimos mais dois vídeos: *The wiserhood new TV comercial* e *O que você quer ser quando crescer Duda?*.

O primeiro vídeo, um comercial de whisky canadense, complementou a discussão sobre o uso de bens culturais para a propaganda, além de levantar mais questões na discussão sobre a posição do homem na relação, as relações de poder e outros eixos que vinham sendo discutidos desde a primeira aula. O segundo vídeo completou essa discussão e foi mola propulsora da primeira atividade de avaliação da turma, um comentário crítico que escreveram sobre *O que você quer ser quando crescer Duda?*. Primeiramente, explicamos o que era um comentário crítico, como ele deveria ser feito e que ele consistiria na primeira nota para avaliação e média. Depois, escrevemos no quadro o seguinte enunciado para a atividade: *elabore um comentário crítico sobre o vídeo exposto em aula com base nas discussões feitas com a turma sobre relacionamentos afetivos*.

Colocamos, para auxiliá-los, folha A4 no quadro com as seguintes questões que eles deveriam contemplar no próprio texto: *Quais as relações de poder existentes em uma relação afetiva? Há um padrão de normalidade? Os relacionamentos sofrem mudanças com o passar do tempo? Há um padrão de comportamento entre as pessoas envolvidas em um relacionamento?*

Os alunos nos chamaram o tempo todo, pedindo ajuda, sanando dúvidas. A turma estava bastante agitada, e quase toda ela compenetrada em dar conta da tarefa. Ao final desta aula, recolhemos a primeira versão dos comentários críticos. Poucos alunos não realizaram a atividade.

No que se refere às discussões feitas, houve bastante engajamento da turma, principalmente das meninas. Os alunos que se engajaram nas discussões obtiveram resultados bastante positivos já na primeira versão (FIGURA 24). Alguns alunos não compreenderam muito bem a proposta de trabalho (FIGURA 25) e alguns poucos se recusaram a fazê-lo (FIGURA 26).

Quinto dia (23/05/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada e distribuindo fotocópias de um pequeno resumo da análise linguística que faríamos do texto deles. No quadro, abordamos questões de coerência e coesão textuais, que foram bastante recorrentes nos textos dos alunos. Reescrevemos trechos e pedimos para que eles apontassem o que não estava correto na frase. A turma estava bastante agitada neste dia, e poucos alunos se engajaram na análise linguística. Abordamos questões que foram recorrentes em diversos textos, de modo que muitos alunos percebessem o que precisava ser melhorado. Foi preciso que alterássemos a voz muitas vezes para que a turma prestasse atenção na aula e, mesmo assim, um aluno se retirou da sala. A aula encerrou com a turma dispersa. Neste dia, pudemos constatar que nas quintas-feiras, especialmente, a turma encontrava-se mais agitada do que o costumeiro.

Sexto dia (27/05/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada, redistribuindo os textos que eles escreveram na última terça-feira e entregando também uma folha de papel em branco para a reescrita. Todos os textos possuíam comentários nossos como orientações e sugestões para a reescrita. Orientamos novamente os alunos sobre o comentário crítico e sobre esta segunda versão, que seria a versão final, a que considerariamos na hora de fechar a nota. Os alunos iniciaram o processo de reescrita do texto, mais engajados do que na primeira vez. Éramos solicitados o tempo todo para auxiliá-los e sanarmos dúvidas. Nos últimos quinze minutos da aula, os alunos começaram a nos entregar os textos. Aqueles que terminavam, tinham a disposição livros de contos para que lessem até o final da aula. No final, todos entregaram a segunda versão (primeira e única no caso dos alunos que faltaram na aula da escrita da primeira versão) e a aula encerrou. O resultado foi bastante satisfatório. Os alunos que já haviam ido bem na primeira versão puderam aprimorar seus textos (FIGURA 27). Outros alunos não tiveram tanto êxito. Alguns precisaram reescrevê-lo dando mais atenção à construção textual e adequação ao gênero (FIGURA 28), enquanto alguns poucos que haviam se negado a fazer a primeira versão, fugiram claramente da proposta (FIGURA 29).

Sétimo dia (28/05/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada e distribuindo fotocópias do conto *Romeu e Julieta* de Geraldine Mcgaughream. Montamos o projetor multimídia e através deste exibimos imagens de Shakespeare, de Verona (onde se passa a história de *Romeu e Julieta*) e de adaptações da peça. Neste momento, colocamos os alunos em contato com o estilo shakespeariano e com sua história, já que leriam uma adaptação e isto poderia se perder, ao menos um pouco. Escolhemos a adaptação pela sua brevidade e pela linguagem mais acessível, além de essa opção se adequar melhor aos recursos disponíveis na escola para nós estagiários. Passado este momento de contextualização da obra, organizamos os alunos em círculo para que uma leitura dinâmica fosse feita. O professor escolhia os alunos que leriam em voz alta. A leitura fluía bastante bem, porém um grande grupo de alunos chegou atrasado à aula e causou certo tumulto. Deste momento em diante, a turma mostrou-se dispersa e agitada. Em muitos momentos fez-se necessário a alteração de voz para que a atenção da classe voltasse ao texto.

Ao término da leitura, organizamos os alunos de volta aos seus lugares, discutimos o gênero conto, a configuração do relacionamento de Romeu e de Julieta e a comparamos com os relacionamentos atuais e escrevemos no quadro algumas questões que iam desde a compreensão leitora a um posicionamento mais crítico. Nessa aula houve também o engajamento da turma com a discussão, porém percebemos que a grande atenção que estávamos dando ao tema (relacionamentos afetivos), e ao posicionamento crítico quanto ao tema estava de certa maneira fatigando nossos alunos, pois tentávamos deixar muito claro alguns pontos.

Os alunos copiaram as questões e as responderam. A aula encerrou neste momento e a correção das questões ficou para a próxima aula.

Oitavo dia (03/06/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada. Logo em seguida, montamos o projetor multimídia e retomamos a contextualização da obra que foi iniciada na última aula. Assim, pudemos mostrar o mapa da Itália aos alunos e apresentar outras adaptações da peça *Romeu e Julieta*. Acreditamos que assim é possível oferecer novas possibilidades aos alunos, pois podem se interessar por outros bens culturais. Logo em seguida, iniciamos as correções das questões de compreensão leitora. Pedimos aos alunos que lessem as perguntas e suas respostas. Neste momento, algumas reflexões e discussões surgiram, seja acerca do gênero conto, seja acerca das relações existentes na trama. Os alunos lembraram questões sobre as relações de poder que haviam refletido nos textos anteriores e puderam relacionar com este conto em questão. Após este momento, distribuimos fotocópias do

conto *Penélope*, de Dalton Trevisan. Este conto, além de ilustrar ainda mais o gênero que escolhemos trabalhar, explora a questão das relações de poder, do machismo e da afetividade em relação à idade, pois conta a história de pessoas mais velhas. Nós, professores estagiários, tivemos que ler o conto em voz alta, pois nenhum dos alunos se dispôs a fazê-lo. A aula terminou com a leitura, pois já havíamos excedido alguns minutos do tempo de nossa aula. Lembramos os alunos de se dirigirem ao auditório no dia seguinte, pois exibiríamos um filme.

Nono dia (04/06/2013)

Neste dia, nossa aula se deu em um horário incomum, pois os alunos estavam fazendo outra atividade no horário habitual da aula. Como havíamos orientado na aula anterior, esperamos os alunos no auditório, com tudo preparado para a exibição do filme. Como a aula estava se dando, extraordinariamente, após o intervalo, os alunos chegaram atrasados e bastante agitados. Iniciamos a exibição do filme *O Casamento de Romeu e Julieta*, de Bruno Barreto. Apesar da agitação comum dos adolescentes, esta transcorreu bem, os alunos prestaram atenção ao filme e gostaram do mesmo. Escolhemos trazer este filme para a sala de aula porque ele é um elemento que engajaria alguns alunos que não se sentiram contemplados com os textos sobre relações afetivas. O filme, por ser contemporâneo e trazer a questão dos relacionamentos atrelada ao futebol, foi uma possibilidade de intertextualidade entre as obras e chamariz para alunos que até então estavam distantes das aulas.

Décimo dia (06/06/2013)

Foi uma aula densa. Basicamente expositiva, com alguns momentos de discussões. Aliás, foi a aula em que as discussões mais surgiram espontaneamente. Pouco foi preciso provocá-las. Em um primeiro e breve momento, levantamos questões acerca do filme assistido na última aula. Depois iniciamos uma reflexão comparando o filme com a adaptação do texto *Romeu e Julieta* que foi lida em sala. Em seguida, retomamos o conto *Penélope*, de Dalton Trevisan, lido na aula anterior ao filme e, a partir dele, discutimos as características do gênero conto. Enfatizamos a questão do gênero, dos meios de circulação, esferas de produção e circulação, bem como do público leitor.

Comparamos os gêneros conto e crônica já que os alunos haviam estudado isso no bimestre anterior e também contextualizamos o gênero historicamente.

Por último, exibimos a leitura e interpretação do conto *O arquivo*, de Victor Giudice, feita por Antonio Abujamra. A turma teve certa dificuldade para entender, pois era um conto escrito e interpretado oralmente. Ou seja, a isso se devia a dificuldade de entender. Era um texto em que se necessitava estar extremamente concentrado para entender, pois era feito para ser lido e não escutado. A partir disso, discutimos os contos orais e escritos, além de retomar o enredo do conto para os alunos que não o haviam entendido.

Décimo primeiro dia (10/06/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada. Na sequência, distribuimos folha em branco e fotocópias dos contos *Passeio noturno* de Rubem Fonseca e *Uma vela para Dario* de Dalton Trevisan, para que os alunos pudessem observar as características dos contos. Não foi realizada leitura em voz alta, pois achamos que não era necessário. Explicamos aos alunos a atividade final que estávamos propondo: a escrita de um conto. Lembramos as características do gênero conto, que já havíamos visto em muitas outras aulas, e frisamos a necessidade de abordarem do tema das relações afetivas nos textos, pois essa havia sido a pauta de nosso projeto e, conseqüentemente, de todas as nossas aulas. Os alunos começaram a escrever os textos e a nos abordar com dúvidas e pedidos de ajuda. Por causa de greve no setor de transporte público da cidade, alguns alunos chegaram somente no final da aula e se comprometeram a iniciar a atividade em casa. Ao final da aula, recolhemos a primeira versão do conto dos alunos. Alguns alunos já se engajaram bem na primeira versão (FIGURA 30). Outros não compreenderam muito bem o gênero textual e suas especificidades (FIGURA 31) e alguns se negaram a realizar a proposta de trabalho.

Décimo segundo dia (11/06/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada. No quadro, realizamos uma breve análise linguística baseada na primeira versão dos contos dos alunos. Essa análise baseou-se na construção textual e adequação ao gênero, já que muitos alunos pareciam confundir-se entre oralidade e escrita. Foi bastante comum nas produções escritas perceber que os alunos escreviam palavras da mesma maneira que as falavam, o que destoava da norma padrão. Em seguida, devolvemos a primeira versão para os alunos juntamente com folhas de papel em branco para que escrevessem a segunda versão. Os alunos nos solicitaram durante toda a aula, pedindo sugestões, sanando dúvidas, etc. Aqueles que terminavam tinham à sua disposição livros de contos e crônicas para leitura. Por causa de greve no setor de transporte público da cidade, muitos alunos chegaram atrasados. Alguns destes fizeram a atividade as pressas e outros se comprometeram a entregá-la na semana seguinte à professora regente da turma, pois até lá nosso período de docência se encerraria.

O resultado foi bastante satisfatório. Alguns alunos já haviam ido bem e medianamente na primeira versão e na segunda se saíram ainda melhor (FIGURAS 32 e 33). Outros alunos, que não estavam presentes na aula em que foi produzida a primeira versão por conta da dificuldade de chegar à escola, nos surpreenderam e foram muito bem sem realizar reescrita (FIGURAS 34 e 35). Porém, um pequeno número de alunos se negou a fazer a atividade, mesmo estando presente nas aulas de escrita e reescrita (FIGURA 36).

Décimo terceiro dia (13/06/2013)

Iniciamos a aula fazendo a chamada. Logo em seguida, distribuímos cópias dos contos *Uma questão de educação* e *Nunca descuidando do dever*, de Marina Colasanti. Esses contos foram trazidos para sala de aula, pois finalizavam o projeto sobre relacionamentos afetivos (relações de poder, machismo, afetividade) de maneira sutil e leve. Os contos foram lidos em voz alta por uma aluna e retomados por nós em tom de encerramento. Relembramos, juntamente com os alunos, todos os pontos que abordamos durante o projeto, todos os textos que lemos e trabalhamos e, por fim, a Profa. Maria Izabel leu em voz alta o texto de encerramento, o qual distribuímos para os alunos colarem em seus cadernos. Para finalizar a aula e o projeto, exibimos, através do projetor multimídia, o vídeo *La Maison En Petit Cubes* de Kunio Katō. Muitos alunos se emocionaram com o vídeo e assim acreditamos ter passado nossa mensagem. A aula se encerrou neste momento.

3 - A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRA-CLASSE

3.1 – O projeto de docência

3.1.1 – Introdução

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, como já indicado, está localizada no bairro Pantanal, em Florianópolis, e elegeu como base de seu projeto pedagógico a leitura e a escrita como compromisso de todas as áreas do conhecimento. Nesse contexto, a escola procura trabalhar de forma coletiva e interdisciplinar levando em conta o compromisso com a escrita e a leitura em busca da construção do saber.

Em contato mais direto com a escola e seu entorno social, pudemos conhecer melhor alguns dos projetos didáticos que são realizados por diferentes professores individualmente e coletivamente. Além disso, sabemos que a escola possui uma infraestrutura muito boa e dá apoio necessário ao professor para a realização de seus projetos.

Como parte integrante dos projetos realizados na escola, o *Notícias do Beatriz* surgiu em 2011 com o título *Notícias da Bia*. Foi produzido pelos estagiários de Língua Portuguesa: Rubens Rozsa Neto, Jacqueline Tonerá Soares, Camila Gabriela Pollnow, Rozelena May de Farias, Clara dos Santos e Mariana Hoffmann Junckes, que trabalhavam na escola no ano letivo de 2011, pelos alunos da escola e supervisionados pela professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

No primeiro semestre de 2012, o *Notícias do Beatriz* deu sua continuidade sendo produzido pelas estagiárias de Língua Portuguesa: Carla Cristiane Mello, Nicola Mira Gonzaga da Silva, Juliana da Rosa, Sílvia de Souza Espíndula, Edriely Silva da Rocha e Joriane Schmitt Desessards. Já no segundo semestre, foi produzido pelas estagiárias: Carla Ruthes, Juliana Flores, Tayse

Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos, pelos alunos do Beatriz e supervisionados pelas professoras Maria Izabel de Bortoli Hentz e Gizelle Kaminski Corso.

O projeto do Jornal escolar foi proposto como atividade extraclasse no contexto do estágio de ensino de Língua Portuguesa. Esta foi a quarta edição do jornal e contou com a participação 24 alunos, organizados em dois grupos, um no período da manhã e outro no da tarde, além dos seis estagiários, sendo eles: Gabriela Fortes Carvalho, Grazielle Helena Scheidt, Jéssica Rassweiler, Talita Taylane Prokoski Alves, Júlia Maccari Espíndola e Ricardo Dalpiaz com a orientação da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz.

O projeto organizou-se em torno de oficinas, que tiveram como foco, trabalhar os diferentes gêneros situados na esfera jornalística. Entre eles, mencionamos alguns como: Artigo de Opinião, Entrevistas, Notícias e Reportagens. Os alunos participantes, vieram no contra-turno e foram envolvidos em atividades de leitura e escrita que possibilitaram o conhecimento e o contato com esses gêneros. O convite aos alunos foi feito na forma de um pequeno questionário, onde eles precisaram contar um fato interessante que ocorreu na escola e que achavam que deveria ser estampado no jornal. Lembrando também, que a participação dos alunos foi voluntária, ou seja, eles participaram por interesse e vontade própria.

Neste ano, o jornal escolar foi uma edição comemorativa, pois a escola completa 50 anos de fundação. Por isso, acreditamos que esta edição aumentará ainda mais o vínculo entre comunidade e escola, proporcionando maior interação entre os alunos, professores e servidores, além de aumentar a articulação que já existe entre as disciplinas. Ou seja, o jornal será um meio para exercitar o convívio em equipe e proporcionar um trabalho que permita uma discussão e divulgação que abrange os interesses de todos os segmentos envolvidos, além de proporcionar um maior contato com a língua, especialmente no que se refere às práticas de escrita. Isso pôde proporcionar ao estudante um maior aprendizado, de forma a torná-lo letrado, ou seja,

[...] um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um instrumento de comunicação. (KATO, 1987, p. 7).

As questões relativas à ética, aos valores, à solidariedade e ao comprometimento foram trabalhadas no decorrer do projeto juntamente com os conhecimentos aprendidos em sala de aula.

3.1.2 – Referencial teórico¹

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados em 1998, se aponta que a formação para a cidadania é uma das principais, senão a principal função social da escola.

¹ Este referencial teórico é baseado no referencial teórico do projeto de docência Relacionamentos: ressignificando a afetividade, dos alunos Júlia Espíndola e Ricardo Dalpiaz.

Por sua vez, na Proposta Curricular de Florianópolis,

Entende-se que produzir cidadania significa criar condições para que os sujeitos se apropriem do conhecimento científico historicamente produzido e das tecnologias da informação e da comunicação, possibilitando-lhes reflexão da realidade (produção de novos conhecimentos) e atuação crítica na sociedade (partícipes das mudanças), condição que ampliará as possibilidades de trabalho e inclusão social, ou seja, qualidade de vida humana. (2008, p. 15).

Como professores em formação e mediadores do processo de formação para a cidadania, que condições seriam estas que deveríamos criar e de que maneira elas estariam relacionadas ao projeto extraclasse que pretendemos executar na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito?

Buscamos a resposta no Projeto Político Pedagógico (não publicado) da própria escola. Nele, se pode encontrar que:

Assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social. Pela linguagem os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura. (2012, p.10).

Portanto, o que norteia o nosso projeto é a ideia de fazer com que nossos alunos possam assumir a palavra. E, para assumir a palavra, nossos alunos precisam lidar com a língua.

Segundo os PCNs LP (1998), o aprendizado de uma língua acarreta necessariamente no conhecimento dos seus significados culturais, no posicionamento do indivíduo em relação a tais significados (consciente ou inconscientemente), e a partir disso, na interpretação e reinterpretação da realidade bem como de si mesmo. Tudo isso, em um meio social composto por outros indivíduos no mesmo movimento.

Por isso, temos que considerar a língua como algo dinâmico, que se modifica de acordo com os processos sociais que ocorrem ao longo da história, e com os sujeitos que constituíram o processo histórico.

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo interacional que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem, tanto numa conversa informal entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (BRASIL, 1998, p. 20).

Sob tal perspectiva, que se pauta principalmente nos teóricos Mikhail Bakhtin (1988) e Lev Vigotski (2000), a língua é um processo interlocutivo que está sempre em transição. E nós, indivíduos historicamente situados, ao mesmo tempo em que a constituímos, somos constituídos por ela.

A língua é um diálogo. Mas diálogo aqui tem sentido mais amplo que uma conversa em voz alta entre duas ou mais pessoas face a face, ou até mesmo um solilóquio. É um diálogo na perspectiva dialógica. Em outros termos, é uma interlocução que não responde somente aos interlocutores visíveis, mas a infinitos outros interlocutores que fizeram e farão parte da interação. Aqui estão imbricadas todas as construções sociais humanas nas quais somos aculturados e de que dispomos, mobilizamos recursos e nos posicionamos durante toda e qualquer interlocução.

Para os alunos utilizarem a língua escrita de forma dialógica e situada, os professores teriam de criar situações e estratégias em que os alunos utilizassem os gêneros em diferentes situações, ou seja, um trabalho de língua materna voltada para o uso dos textos em gêneros diversos. (BUNZEN, 2006, p.157).

Não há melhor maneira de fazer com que nossos alunos pensem a esfera jornalística, do que fazer com que produzam textos para um jornal real. Além disso, por se tratar de um jornal contextualizado, há uma tendência de que os outros alunos da escola se sintam atraídos pela leitura do mesmo, já que os textos que se farão presentes, em tese, estão mais próximos da realidade em que vivem.

Mas escolha da produção de um jornal não está isenta de implicações.

É o que podemos ver na Lei da Prefeitura Municipal Florianópolis, nº 8.623, de 02 de junho de 2011, que dispõe sobre a implantação do conteúdo **educação para mídia nas escolas municipais de Florianópolis**.

No parágrafo IV, do artigo 3º da lei, podemos encontrar que a **educação para mídia** integra, de forma complementar, “*a criação de novos projetos de práticas comunicacionais no âmbito escolar, como produção de jornal escolar, blogs informativos na internet e oficinas de rádio e vídeo.*” (FLORIANÓPOLIS, 2011). Portanto, ao se fazer oficinas para produção de um jornal, de acordo com a mesma lei, no artigo 2º, capítulo VII, é necessário fornecer as nossos alunos:

[...] à noção de que os conteúdos veiculados na mídia, sejam eles de caráter informativo ou de entretenimento, não são retratos fiéis da realidade, mas sim de visões de mundo e de sociedade que devem ser analisados com cautela, não podendo ser tomados como padrão pelos jovens. (FLORIANÓPOLIS, 2011).

Em outros termos, devemos fazer com que nossos alunos percebam as características dos textos que vão produzir. Que percebam que elas vão além dos aspectos textuais e que estão diretamente relacionados com os seus interlocutores e também com a esfera de circulação. Aliás, que percebam que os aspectos textuais dependem, inexoravelmente, dos aspectos não textuais e que há uma relativa estabilidade na maneira como os discursos se materializam em determinados contextos.

O que nos faz crer que a maneira como pretendemos executar a oficina de produção do jornal vai ao encontro da Lei nº 8.623 da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Portanto, produzir um jornal é muito mais do que aglomerar alguns textos em algumas laudas. Produzir um jornal é se posicionar criticamente em relação à esfera de circulação do mesmo, aos recursos linguísticos que serão mobilizados para a produção do texto, aos recursos não linguísticos utilizados na produção, bem como à escolha dos temas que serão abordados.

Como a participação dos alunos é voluntária, a chance de envolvimento por parte deles é grande. Mas para potencializar o engajamento, trabalharemos com alguns gêneros que possam não ser tão usuais para tal suporte, mesclando-os com os gêneros mais característicos dessa esfera de discurso (reportagem, notícia, entrevista, resenha crítica, quadrinhos, classificados), tentando fazer com que as vozes de nossos alunos possam ressoar com mais força nos textos. Para tanto, esperamos já em nossa primeira oficina, identificar quais gêneros os alunos gostariam de acrescentar ao trabalho.

Vamos agora no que concerne ao texto.

O nosso trabalho com os textos se dará em três eixos: leitura, produção de textos e análise linguística. Em todos os três, a questão dos gêneros e da esfera estará atravessada.

Faz-se importante a ressalva de que os três eixos não estão iguais hierarquicamente. Assumimos uma postura na perspectiva do que João Wanderley Geraldi propõe em *Portos de Passagens* (1997), na qual a produção textual é tida como ponto de partida e de chegada no processo de ensino e aprendizagem. Isso porque é nela que a língua se revelaria em totalidade.

3.1.2.1 Leitura

Se a língua é um processo dialógico, para que a interlocução ocorra em um ato de leitura é necessário que o leitor esteja engajado durante a leitura, que se posicione perante o texto, que o enfrente, que o refrate e até mesmo que o rejeite, mas depois de ler.

Como os textos que fizeram parte do jornal foram de produção dos próprios alunos, a nossa expectativa é de que boa parte da escola se engaje na leitura do jornal. Esperamos que o público leitor do produto de nosso projeto seja efetivamente um público leitor. Desejamos que os leitores sejam, sobretudo, interlocutores.

Quanto ao trabalho com a leitura desenvolvido especificamente com os alunos que participaram das oficinas, foram abordados textos da esfera jornalística que mostraram-se relevantes para fomentar a criticidade dos alunos e também para que pudessem se familiarizar com os gêneros dos quais fizeram suas produções.

3.1.2.2 Produção Textual

Através do contato com a língua escrita, nosso cérebro assimila automaticamente formas, estruturas, regularidades e também as restrições da grafia. Obviamente a prática da escrita permite que se aprimore a capacidade de utilização da língua para fins específicos, pois é através dela que nos deparamos com dificuldades para formular nossas ideias para os possíveis (visados + os não previstos) interlocutores.

Na produção textual escolar, nós buscamos o **sujeito do discurso** (BAKHTIN, 2003), que é um **sujeito autor** (BUNZEN, 2006). E buscamos pensando na diferença essencial que há na produção de um texto que se faz na escola, para um texto que se faz para a escola (a redação, por exemplo).

O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos tem se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isto e, se quiser, poderá guardar redações feitas na 5ª série para novamente entregá-las ao professor de 6ª série, na época oportuna: no início do ano, o título infalível “Minhas férias”, em maio, “O dia das mães”, em junho, “São João”, em setembro, “Minha Pátria”, e assim por diante...Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança passa a pensar que só se escreve sobre estas “coisas”. (GERALDI, 2008, p. 64).

Geraldi propõe que para as produções textuais escolares seria necessário partir das premissas que para dizer: se tenha o que dizer, para quem dizer, razões para dizer e se utilize estratégias para dizer. Por isso não basta apenas uma oficina de escrita, se faz necessária uma oficina para a produção de um jornal.

Por isso, o trabalho foi feito com alunos que voluntariamente se dispuseram a participar do processo de construção do jornal. Acrescenta-se ainda o fato de que o jornal é real e tem interlocutores reais que fazem parte do contexto dos sujeitos que produziram os textos. Eis a nossa estratégia para que os nossos alunos se fizessem sujeitos autores.

3.1.2.3 *Análise Linguística*

A análise linguística não é um reconhecimento de estruturas linguísticas que devem ser seguidas. Pelo contrário, o reconhecimento das estruturas inerentes à língua só tem algum valor quando contextualizadas. Esta é a maneira de tornar a reflexão significativa. E, se a tornarmos significativa, o processo de construção do conhecimento ocorrerá. Portanto, as reflexões metalinguísticas só fazem algum sentido, se é que o fazem, depois de uma reflexão epilinguística.

A análise linguística jamais se dará de maneira isolada. Ela é constitutiva do processo de interpretação e também do processo de produção textual e deve ser elencada junto a eles.

O contexto é que deve provocar a análise linguística. Por isso, as reflexões sobre os aspectos linguísticos se darão com base no que os alunos irão produzir, ao invés de prescrevermos previamente quais e como seriam mobilizados os recursos linguísticos a serem utilizados.

3.1.3 – Objetivos

Primeiramente, pretendemos propiciar um contato maior com os gêneros situados na esfera jornalística, a fim de utilizar a língua como mecanismo para compreender a realidade vivenciada dentro da comunidade escolar. Também vamos analisar os gêneros e seus meios de circulação, para que o aluno possa aprender a se posicionar criticamente sobre determinados assuntos. Em seguida, vamos aprimorar as produções textuais escritas pelos alunos, analisando com eles os aspectos formais e gramaticais do seu texto. Isso fará, não somente que eles conheçam o gênero em si, mas também os outros aspectos envolvidos por trás da produção.

3.1.4 – Conhecimentos trabalhados

Este projeto de docência teve como principal objeto de conhecimento a leitura e a produção escrita de textos de gêneros da esfera jornalística, bem como a utilização da linguagem específica do gênero em questão. Para tanto, foram abordadas a função social, forma de composição e estilo de textos dos gêneros: notícias, reportagens, enquetes, contos, artigos de opinião, entrevistas, classificados, caderno cultural, seção de variedades com publicação de tirinhas, quadrinhos, correio do amor etc.

3.1.5 – Metodologia

Para a realização da produção do jornal, seis estagiários do curso de Letras-Português da UFSC estavam engajados. Fomos divididos em duplas e cada dupla ficou responsável por uma seção do jornal. A primeira etapa do projeto de produção do jornal *Notícias do Beatriz* consistiu na divulgação, nas salas de aula de sextos, sétimos e oitavos anos do ensino fundamental no período matutino e vespertino, da 4ª edição do jornal. Entregamos um convite em que os alunos deveriam preencher o nome, a série e relatar um acontecimento que tivesse ocorrido na escola (poderia ser inventado) que eles considerassem que seria interessante de ser publicado no jornal. A próxima etapa foi selecionar os textos mais bem estruturados e que cumpriram com o que foi solicitado para que assim os alunos escolhidos pudessem levar aos seus responsáveis o pedido de autorização para participarem do projeto extraclasse no contra turno de sua atividade escolar regular, tendo em vista que teriam de permanecer na escola no período de almoço. Os planos de oficina foram feitos separadamente, cada dupla de professores estagiários produziu um plano de aula condizente com os textos das seções do jornal que iriam organizar e ministrar.

O primeiro dia, 12 de junho, foi dedicado a apresentar aos alunos o projeto, entrar em contato com jornais, conversar sobre algumas seções do jornal. Neste dia também foi exibido vídeo da propaganda do jornal *Folha de São Paulo* do ano de 1986, que levanta questões sobre a imparcialidade no campo jornalístico. Com base neste vídeo, discutimos com os alunos, até que ponto o jornalismo brasileiro, e em especial o de Santa Catarina, pratica a imparcialidade em suas edições, conversamos também sobre os cuidados que se deve tomar ao produzir um jornal, para que não se limite ao senso comum ou que se baseie apenas na opinião de quem o escreve. Em seguida, dividimos os alunos em dois grupos de oito para cada dupla de estagiários e iniciamos a apresentação das seções que seriam produzidas e discutimos com os alunos quais seções eles achavam importantes incluir que ainda não tinham sido propostas.

A partir do segundo dia, 18 de junho, terça-feira, deu-se início à produção das oficinas. Os alunos foram divididos, cada professor estagiário ficou responsável por, no máximo, cinco alunos, sendo assim, os temas das oficinas foram divididos entre eles. Esta semana, que consistiu nos dias 18, 19 e 20 do mês de junho, também foi dedicada à produção e refacção dos textos dos alunos. Com o auxílio dos professores estagiários e com base nas observações feitas por estes, os alunos escreveram e reescreveram seus textos de modo que ficassem de acordo com os elementos que compõem o gênero jornal impresso.

A última etapa do processo de produção do jornal *Notícias do Beatriz* contou com a finalização do projeto, digitação e edição dos textos, bem como edição do jornal como um todo, estando assim, pronto para a publicação.

3.1.5.1 – Cronograma

a) Organização e seleção dos alunos participantes.

Dia 1 – (06/06/2013)

Neste dia, divulgamos a 4ª edição do projeto do jornal nas turmas do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino. A divulgação se deu através de uma conversa em que explicamos o que é o jornal, as datas das oficinas e entregamos o convite, que é parte da seleção, para os alunos interessados.

Convite

Você curte ler? Curte escrever?

Que tal fazer parte da 4ª edição do Notícias do Beatriz?

Para isso, você precisa contar, no verso deste convite um fato interessante que tenha ocorrido na escola e que considera que deveria ser publicado no jornal.

Lembre-se, esta edição é comemorativa e merece uma atenção especial.

Nome: _____ Turma: _____

Dia 2 – (07/06/2012)

Retornamos às turmas para recolher o convite dos alunos interessados em participar do jornal. Lemos as respostas e selecionamos os alunos que fizeram parte da ‘redação’ do jornal.

Dia 3 – (10/06/2012)

Divulgamos a lista dos alunos classificados para participarem do jornal. Entregamos as autorizações para que os responsáveis destes alunos assinassem e eles as trouxeram no dia seguinte.

Dia 4 – (11/06/2012)

Recolhemos as autorizações e demos as orientações sobre as oficinas: local, data e horário.

b) Oficinas de produção

Semana 1- (12/06/2013)

Momentos de integração entre o grupo, conhecimento das pautas previamente escolhidas para serem trabalhadas no jornal e debate para coleta de sugestões de pautas pelos alunos. Apresentadas as propostas de trabalho, os alunos puderam escolher em quais temas gostariam de trabalhar.

Semana 2 – (18/06/2013, 19/06/2013, 20/06/2013)

Início das produções. Nesta semana foram escritas e reescritas as reportagens, realizadas as entrevistas e selecionados os textos que entrarão no caderno cultural. Nesta semana também foram realizadas as enquetes, pesquisas e disponibilizadas urnas para recolhimento de mensagens e classificados.

3.1.5.2 Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola Básica Beatriz de Souza Brito

Professora regente: Ellen

Jornal Escolar Notícias do Beatriz

Estagiários Responsáveis: Gabriela Fortes Carvalho, Grazielle Helena Scheidt, Jéssica Rassweiler,

Júlia Maccari Espíndula, Ricardo Dalpiaz e Talita Prokoski Alves.

Plano de oficina 1 – 12/06 – Quarta-feira (13.30 às 16.00)

Entrando em contato com o jornalismo.

Objetivos gerais

- Conhecer a esfera jornalística;
- Reconhecer os diferentes gêneros que fazem parte da esfera jornalística.

Objetivos específicos

- Refletir sobre o papel do jornal na sociedade;
- Identificar os locais em que há a circulação dos jornais.

Conhecimentos abordados

- Gêneros do discurso da esfera jornalística;
- Contexto de circulação dos jornais.

Metodologia

- Organizar os alunos em semicírculo;
- Reproduzir o vídeo *Propaganda do jornal Folha de São Paulo 1987*;
- Iniciar uma discussão com os alunos sobre imparcialidade na imprensa e na construção dos textos;
- Circular jornais e revistas pelo grupo para que tenham contato com os gêneros presentes nos mesmos;
- Mostrar edições online de jornais e revistas através do projetor multimídia;
- Conversar sobre os trabalhos que cada dupla de estagiários irá desenvolver;
- Separar o grupo em dois grupos menores (um para cada dupla);
- Em grupos menores, expor o trabalho mais atentamente e conversar com os alunos sobre o que eles gostariam de escrever no jornal que não foi contemplado por nenhuma das propostas;
- Encerrar a oficina com os encaminhamentos para o próximo encontro.

Recursos Didáticos

- Jornais e revistas;
- Datashow;
- Computador.

Avaliação

- Será satisfatório se ao final da oficina o aluno tiver compreendido, em linhas gerais, as implicações e os gêneros do discurso presentes na esfera jornalística. Isso será observado através da postura e do engajamento nas discussões propostas na oficina.

Referências

COMERCIAL ANTIGO 1987 – FOLHA DE SÃO PAULO HITLER – BRASIL. Youtube. 2007.
Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=pY4FCKIQISA>>. Acesso em: 11 de junho de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ellen
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários Responsáveis: Júlia Maccari Espíndula e Ricardo Dalpiaz.

Plano de oficina 2 – 18/06 – Terça-feira (13.30 às 16.00)

Em campo construindo a notícia.

Objetivos gerais

- Perceber a importância da pesquisa na esfera jornalística;
- Compreender o processo de elaboração dos gêneros da esfera jornalística.

Objetivos específicos

- Pesquisar as fontes para a elaboração da 1ª versão das notícias que serão veiculados no jornal Notícias do Beatriz;
- Realizar as entrevistas e pesquisas em campo necessárias para a construção do texto.

Conhecimentos abordados

- Gêneros do discurso da esfera jornalística: entrevista, reportagem, enquete e artigo de opinião.

Metodologia

- Organizar os alunos em semicírculo;
- Orientar as entrevistas que serão feitas e a construção dos textos;
- Acompanhar os alunos no momento de saída em campo, para realizarem suas pesquisas;
- Retornar ao auditório e auxiliar os alunos na sistematização dos dados coletados na pesquisa de campo para que completem as informações necessárias para a elaboração do texto;
- Encerrar a oficina com os encaminhamentos para o próximo encontro.

Recursos Didáticos

- Gravadores;
- Computador.

Avaliação

- Será satisfatório se ao final da oficina o aluno tiver compreendido, em linhas gerais, as implicações e responsabilidades da pesquisa para a construção dos textos da esfera jornalística. Isso será observado através da postura nos momentos de pesquisa em campo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ellen
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários Responsáveis: Júlia Maccari Espíndula e Ricardo Dalpiaz.

Plano de oficina 3 – 19/06 – Quarta-feira (13.30 às 16.00)

Fechando a notícia.

Objetivos gerais

- Compreender o processo de construção dos gêneros da esfera jornalística;
- Perceber o texto não só como escrita, mas também como imagem.

Objetivos específicos

- Coletar as informações necessárias para que se complete a notícia da oficina anterior;
- Identificar os elementos que compõem o gênero notícia.

Conhecimentos abordados

- Gêneros do discurso da esfera jornalística: a notícia.

Metodologia

- Organizar os alunos em pequenos grupos conforme o tema da notícia com o qual estiverem trabalhando;
- Orientar os alunos para a identificação dos elementos faltantes para que se conclua o texto da notícia;
- Acompanhar os alunos no momento de saída a campo, para realizarem a coleta de dados para a elaboração da primeira versão do texto da notícia;
- Retornar a sala e auxiliar os alunos no momento final de escrita da primeira versão da notícia;
- Encerrar a oficina com os encaminhamentos para o próximo encontro.

Recursos Didáticos

- Gravadores;
- Computadores.

Avaliação

- Será satisfatório se ao final da oficina o aluno tiver compreendido, em linhas gerais, as implicações e responsabilidades da pesquisa para a construção dos textos da esfera jornalística, assim como sua percepção dos elementos textuais que constituem o gênero em questão. Isso será observado através da postura nos momentos de pesquisa em campo e de escrita do texto.

Referências

CABRAL FILHO, Pedro. **A constituição da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito: 1935-1992**. Florianópolis, 1998. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Ellen
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários Responsáveis: Júlia Maccari Espíndula e Ricardo Dalpiaz.

Plano de oficina 4 – 20/06 – Quinta-feira (13.30 às 16.00)

Reescrevendo a notícia.

Objetivos gerais

- Analisar o próprio texto, com base nas indicações do professor estagiário, a fim de adequar o texto ao gênero e às convenções próprias da escrita.

Objetivos específicos

- Identificar recursos expressivos e linguísticos que precisam ser revistos para melhor se adequarem à forma do texto escrito;
- Compreender o papel que exercem os recursos expressivos e linguísticos, considerando o projeto de dizer de cada um, de modo que as produções escritas possam ser melhoradas posteriormente;
- Elaborar a versão final da notícia, com base nas indicações e reflexões realizadas, adequando o texto ao gênero e às convenções próprias da escrita.

Conhecimentos abordados

- Gêneros do discurso da esfera jornalística: a notícia
- Análise linguística.

Metodologia

- Organizar os alunos em pequenos grupos conforme o tema da notícia que escreveram na última oficina;
- Orientar a leitura crítica do próprio texto pelos alunos;
- Apontar aspectos a serem melhorados, realizando a análise linguística juntamente com os alunos;
- Supervisionar e orientar o momento de reescrita;
- Encerrar a oficina.

Recursos Didáticos

- Computador.

Avaliação

- Será satisfatório se ao final da oficina o aluno tiver compreendido os aspectos linguísticos que foram apontados. Isso será observado através da reescrita dos textos.

Referências

GERALDI, J. WANDERLEY. **O texto na sala de aula**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2008.

3.2. Análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa em atividades extraclasse

Semana 1 (12/06/2013)

O primeiro encontro vespertino foi importante para que abordássemos a questão do jornal em si: o que é, como se organiza, o que pauta, etc. Abordamos também a questão da imparcialidade na esfera jornalística, o quanto ela é importante, como pode influenciar as pessoas. Como nesta semana estava acontecendo uma greve dos funcionários das empresas de transportes públicos, através do projetor multimídia, mostramos dois sites de notícias que tinham diferentes pontos de vista sobre a greve. Através da diferença entre os textos dos sites, os alunos puderam perceber os perigos ao se negligenciar a ética jornalística. Reproduzimos também o vídeo *Propaganda do jornal Folha de São Paulo 1987* para ilustrar esta discussão sobre ética no jornalismo e imparcialidade.

Encerradas as discussões, mostramos os temas com que cada dupla de estagiários iria trabalhar e circulamos jornais e revistas pela sala para que os alunos olhassem e escolhessem com quais colegas gostariam de trabalhar. Terminado este momento, os alunos escolheram os temas que mais lhe interessavam e assim dois grupos se formaram. No nosso grupo de trabalho, dividimos os alunos em grupos ainda menores, em duplas e trios, para que trabalhassem juntos. Depois delegamos reportagens (entrevistas e/ou notícias) para cada um destes grupos. Quase todos os grupos ficaram responsáveis por mais de uma matéria do jornal. Eles também opinaram e sugeriram algumas pautas que gostariam de ver no jornal. Orientamos os alunos para a construção destes textos na próxima oficina e encerramos o primeiro encontro.

Semana 2 (de 18/06/2013 até 20/06/2013)

No segundo encontro, no dia 18/06/2013, organizamos os alunos do nosso grupo em semicírculo. Retomamos o final do encontro passado, lembrando cada aluno da sua matéria/reportagem. Passado este momento, os alunos se voltaram para as suas duplas/trios e concentraram-se em planejar como se daria este texto. Separadamente, trabalhamos com os pequenos grupos as características dos gêneros com os quais iriam trabalhar.

Alguns alunos precisaram sair pela escola marcando entrevistas e buscando informações. Outros alunos permaneceram em sala escrevendo as perguntas das suas enquetes e entrevistas. Conforme os alunos escreviam, eles nos mostravam para que déssemos a aprovação e eles continuassem o trabalho. Duas alunas passaram nas salas de 6º a 9º ano (8ª série) fazendo uma pesquisa sobre as cores das camisetas da gincana da escola. Os outros alunos, após marcarem suas entrevistas para o dia seguinte, retornaram a sala e se concentraram em terminar de elaborar as

perguntas e as pesquisas das reportagens. A oficina terminou com algumas pesquisas feitas e as perguntas de todas as entrevistas elaboradas.

No terceiro encontro, no dia 19/06/2013, quando os alunos de nosso grupo chegaram na sala de aula, nós, professores estagiários, já havíamos distribuído as carteiras conforme o número de alunos de cada dupla e trio e havíamos colocado também sobre as carteiras o material necessário para o trabalho. Assim que os alunos chegaram, fizemos os encaminhamentos iniciais e os grupos começaram a trabalhar. Alguns alunos precisaram sair da sala para realizar entrevistas e tirar fotos. Os grupos saíam alternadamente, sempre acompanhados da professora estagiária, enquanto o professor estagiário supervisionava e orientava o trabalho daqueles que haviam ficado dentro da sala da oficina. Feitas as entrevistas e tiradas as fotos, os alunos retornaram à sala e deram início à produção escrita dos textos de fato e a sua formatação. Possuíamos dois computadores e assim os alunos puderam digitar seus textos. Na hora do intervalo, os alunos responsáveis pelo ‘Correio do Amor’ e pela enquete da ‘Maior Torcida da Escola’ disponibilizaram as urnas para que os demais alunos da escola pudessem votar e mandar seus recados. A oficina encerrou após este momento das urnas.

A maioria dos grupos já estava com a primeira versão dos textos já escrita.

Em 20/06/2013, o quarto e último dia, o encontro consistiu na reescrita dos textos e na digitalização dos mesmos, na verificação do resultado da enquete ‘Maior Torcida da Escola’ e elaboração do respectivo texto, e na digitalização dos recados do ‘Correio do Amor’. Neste momento, o trabalho foi bem individualizado, pois fizemos a análise linguística de cada texto juntamente com o autor do mesmo. Os alunos reescreveram os textos e finalizaram as atividades. O clima estava mais descontraído já que os trabalhos estavam quase conclusos e porque estávamos mais familiarizados com os alunos das oficinas.

As atividades foram significativas aos alunos. O fato de ser um jornal, que ainda será publicado, fez com que eles se engajassem na produção dos textos.

Concomitante ao engajamento vieram as dificuldades. O que é importante, pois através de tais dificuldades eles puderam refletir sobre a escritura de textos, principalmente porque não estavam familiarizados com tais gêneros. O que lhes fez atentar ao fato de que produzir um texto, não é meramente elencar elementos linguísticos dotados de certa significação. Fez-lhes pensar que mesmo habituados a escritura de textos, estavam despreparados para escrever uma reportagem jornalística, por exemplo. Assim, pudemos conotar que as especificidades de cada escritura vão variar de acordo com o gênero ao qual pertencem. Foi assim que fizemos as reflexões sobre as condições de produção de um texto e também as reflexões linguísticas.

No dia 25/06/2013, nós estagiários, concluímos a última entrevista do jornal. Entrevistamos uma antiga diretora da escola. Ela esteve muito tempo ligada à escola Beatriz de Souza Brito e o seu testemunho é uma importante contribuição para a feitura do jornal.

4 - VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

A profissão do professor não está restrita ao trato com o ensino aprendizagem na sala de aula. Há muito mais por trás disso. Primeiramente, porque todas as aulas são ou deveriam ser planejadas. Para se planejar uma aula, se necessita muita reflexão, pesquisa e criticidade. Além disso, o professor fora de sala aula faz a análise dos trabalhos e avaliações de seus alunos. Toma decisões que interferem na vida deles. Mas isso tudo ainda é pouco comparado ao que um professor deve se comprometer enquanto responsável por possibilitar aos seus alunos o exercício da cidadania.

Como possibilitar a um aluno o exercício da cidadania sem saber o que é exercer a cidadania para ele? Ou ainda, como possibilitar a um aluno o exercício da cidadania sem saber quem é este aluno?

O professor deve estar ciente do que acontece no entorno da escola em que leciona, bem como de quem são os alunos que nela estudam e do que acontece com eles. Deve estar atento aos fatos que acontecem corriqueiramente na escola. Sobretudo, deve entender que não é só um professor de uma disciplina isolada. Ele deve se colocar como um professor de uma escola, que conjuntamente irá possibilitar aos seus alunos o acesso à cidadania. Uma escola que é formada também por outros professores. Deve entender que uma escola está situada em uma determinada esfera social, que é integrada por sujeitos históricos que se transformam. Ele mesmo é sujeito em transformação, e deve sempre estar em transformação para exercer a profissão de professor.

A isso, que está nas aulas, mas também está muito além da execução de uma aula de uma disciplina específica, chamamos de fazer docente.

Por isso, todas as atividades organizadas na escola que visam integrar a escola e a comunidade, que objetivam trazer os pais para dentro dos muros da escola, que buscam integrar os professores e fazê-los se situarem ao lado de seus colegas na formação dos cidadãos são de extrema importância no fazer docente.

Durante o período de estágio, aconteceram algumas dessas atividades na escola, um par delas nós pudemos presenciar e outro não nos foi possível.

Duas possibilidades de fazer docente fora de sala de aula nos foram ofertadas: o curso de formação de professores ministrado pela Profa. Terezinha Bertin e o conselho de classe dos professores referente ao primeiro bimestre.

O curso de formação de professores se deu durante dois inteiros (segunda e terça-feira). O curso vem sendo ofertado pela escola por dez anos e é ministrado pela Profa. Terezinha Bertin, que é autora dos livros didáticos que permeiam o trabalho dos professores de Língua Portuguesa do Beatriz. A existência deste curso na escola é resultado de uma ação coletiva entre o conselho escolar, a direção, a Secretaria de Educação do município de Florianópolis e a APP da escola Beatriz. Desde o ano de 2002, a escola tem como eixo organizador de seu projeto pedagógico tema “Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas”. Este projeto, que pauta todas as ações docentes na escola, tem como objetivo que os professores, de todas as áreas do conhecimento, tomem a leitura e a escrita como tarefas suas também, e não somente do professor de Língua Portuguesa. Assim, a escola Beatriz se tornou uma escola de ‘leitores e escritores’. O curso foi muito importante para que pudéssemos nos situar, não somente como professores, mas como professores do Beatriz. Como estávamos em processo de escrita do projeto de docência, focamos todas as nossas aulas na leitura e na escrita, pois além de ser tarefa da aula de língua portuguesa, essa responsabilidade era redobrada pela proposta curricular da escola. Pudemos também nos integrar com outros professores e funcionários e criar um ambiente de trabalho mais colaborativo.

O conselho de classe dos professores se deu em um sábado. Este conselho era referente ao primeiro bimestre, bimestre no qual estávamos em período de observação. Portanto, somente assistimos. Logo em um primeiro momento, percebemos que o conselho de classe nesta escola era diferente do de outras instituições que conhecíamos. O conselho é um momento de exposição das práticas pedagógicas dos professores durante o bimestre para posterior reflexão e discussão juntamente com os colegas. Assim, os sucessos e fracassos do trabalho pedagógico não são discutidos a partir dos resultados, o desempenho dos alunos. A discussão se dá observando a base, os projetos de cada professor, e através da troca de informações, todos os profissionais crescem e integram suas disciplinas, de modo que o trabalho se dê mais articuladamente.

Nossas atividades fora de sala de aula na escola ainda não acabaram, pois temos mais um conselho de classe pela frente, no qual iremos expor nosso trabalho, pois este conselho será referente ao segundo bimestre, quando então assumimos a posição de professores na turma. Ambas as atividades que participamos puderam nos mostrar o quanto a integralização do trabalho entre os profissionais e o momento de reflexão sobre as práticas pedagógicas é positivo. Estes momentos refletem na percepção do professor da escola em que trabalha e dos sujeitos com que lida, fortalecendo seu trabalho enquanto possibilitador de acesso à cidadania.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi executado ao longo de dezoito aulas. Decidimos iniciá-lo buscando aguçar o senso crítico dos nossos alunos no que concerne ao tema “Relacionamentos Afetivos”.

Esperávamos com isso que eles pudessem repensar a própria vida e que pudessem ressignificá-la a partir do que vivenciaram em sala de aula. Os primeiros textos elencados tinham sempre no seu primeiro plano o desenvolvimento da criticidade. A nosso ver, desenvolver a criticidade é uma das maneiras de torná-los cidadãos. E é papel da escola garantir o acesso à cidadania. Sobretudo, desenvolver a criticidade naquilo que lhes é realmente significativo, como são os relacionamentos afetivos.

Não se pode esquecer que a linguagem é mediadora de todos os relacionamentos afetivos. Por isso, o trabalho com ela, nos seus diversos níveis (gêneros, intencionalidades, aspectos textuais etc.) é também fomentar a cidadania. E junto aos nossos alunos, trabalhamos intensamente os aspectos de/com/sobre a linguagem.

Além disso, buscamos fornecer aos nossos alunos o contato com bens culturais dos quais eles talvez jamais tivessem acesso senão por intermédio da escola.

Mas isso, justificamos em demasia ao longo deste trabalho.

Um pouco menos de atenção ao projeto.

Ao longo deste semestre, desenvolvemos ao lado de nossos colegas e também de nossa professora (Maria Izabel de Bortoli Hentz) uma das etapas mais importantes da nossa formação acadêmica. Nela, nós pudemos por em prática aquilo tudo que havíamos estudado e vivenciado ao longo dos últimos quatro anos. Neste período pudemos confrontar nossas ideias com a realidade, tentando transformá-la. E certamente o fizemos. Mas, sobretudo, nossas ideias foram transformadas pela realidade.

Durante os períodos de observação e da prática de docência visamos sempre ressignificar a maneira como nossos alunos se defrontam com a realidade. Vários projetos, muita leitura e empenho, dedicação. Tudo isso, como professores que visam possibilitar aos alunos o exercício da

cidadania, pensando sempre neles. O pensar neles aqui não se enquadra em um sentido altruísta. Pensar neles, aqui, significa que a nossa concentração estava voltada a eles. Esquecemos, ou negligenciamos que ao mesmo tempo em que as transformações e ressignificações aconteciam para nossos alunos, elas também aconteciam para nós mesmos. Durante o semestre, pouco nos demos conta disso.

Porém, na feitura do relatório, a última etapa da disciplina, fomos “obrigados” a nos defrontar com as mudanças que ocorreram em nós mesmos. Seja porque releemos textos que havíamos escrito ainda no início do semestre e, certamente, não os escreveríamos da mesma maneira hoje. Seja porque estabelecemos alguns objetivos que certamente não mais seriam o nosso norte em uma nova entrada em sala de aula. Seja pelas marcas que nossos alunos (que até então, na fase teórica do curso, eram projeções inanimadas de alunos) reais deixaram em nós. Ou ainda, por aquilo que da mesma forma que projetamos alcançar com os nossos alunos, nossa professora projetou alcançar conosco. Coisas das quais estamos começando a compreender agora, outras que ainda compreenderemos e algumas que talvez nunca venhamos a compreender.

Enfim, esperamos que da mesma maneira que nossa prática com o fazer docente foi ressignificada ao longo do semestre pelos nossos alunos, que a prática docente de nossa professora também tenha sido ressignificada. E que mais importante do que tudo, que tenhamos ressignificado ao menos um pouco o olhar crítico de nossos alunos sobre o mundo, já que este se faz relacional.

6 – REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARRETO, Bruno. **O Casamento de Romeu e Julieta**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Bruno Barreto. São Paulo, Buena Vista, 2005. 1 DVD, 90 min, color som.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares da Educação Nacional – Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: MEC, 1998.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 3ª ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

BUNZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, Cléci e MENDONÇA, Márcia. (Org.) **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 139-161.

COLASANTI, Marina. **Uma questão de educação**. In _____. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 205.

COLASANTI, Marina. **Nunca descuidando do dever**. In _____. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 31.

COMERCIAL VIVO – EDUARDO E MONICA - O FILME. Youtube. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kCNFMYe7mcU>>. Acesso em: 3 maio 2013.

DRAW MY LIFE - EDUARDO E MÔNICA VERSÃO 2013. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 3 maio 2013.

FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antônia. (Org.) **O Interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas/SP: Mercados da Letras, 2007. p. 43–50.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 8.623, de 02 de junho de 2011**. Dispõe sobre a implantação do conteúdo Educação Para Mídia nas escolas municipais de Florianópolis e dá outras providências. 2011.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de. **Proposta Curricular**. Florianópolis: Prelo, 2008.

FONSECA, Rubem. **Passeio noturno (parte um)**. In: _____. **Feliz ano novo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 52-54

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. WANDERLEY. **O texto na sala de aula**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2008.

JÚNIOR, Carlos Leoni Rodrigues Siqueira. **Garotos II: o outro lado**. Intérprete: Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior. In: _____. **Áudio-retrato**. Direção Artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre, 2003. 1 CD (53 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (3 min 38 s)

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LA MAISON EM PETIT CUBES. Youtube. 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=O_2Sc8fD_Kc>. Acesso em: 12 junho 2013.

MCCAUGHREAM, Geraldine. **Romeu e Julieta; Macbeth; Henrique V; Sonho de uma noite de verão; Julio César/ William Shakespeare**: recontados por Geraldine McCaughrean. Trad. De Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

O ARQUIVO (VICTOR GIUDICE) - PROGRAMA: CONTOS DA MEIA NOITE. INTERPRETADO POR ANTONIO ABUJAMRA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oGgt5knpowQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER DUDA. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA0wNkTU4Q>>. Acesso em: 3 maio 2013.

RICH, Simon. **O Centro do Universo**. In: Revista Piauí, edição nº66. São Paulo: março 2012.

RUSSO, Renato. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo. In: LEGIÃO URBANA. Dois. Direção Artística: Jorge Davidson. São Paulo: EMI, 1986. 1 CD (47 min), digital, estéreo. Lado A, faixa 4 (4 min 30 s)

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de: Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das letras, 2004.

VIGOTSKI, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

THE WISERHOOD NEW TV COMMERCIAL. Youtube. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DuScm9FZPmQ>>. Acesso em: 3 maio 2013.

TREVISAN, Dalton. **Uma vela para Dario**. In: _____. **Vinte contos menores**. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.20-22.

7 – ANEXOS

FIGURA 19 - Registro de observação das aulas (Júlia Maccari Espíndula)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Britto
Turma: 9º ano (B)
Professor(a): Ângela Beirith
Estagiário(a): Julia Marcarí Espíndola
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	01/04/2013	13.30h - 14.15h	Correção de prova	Ângela Beirith
Aula 2	02/04/2013	13.30h - 14.15h	Correção de prova	Ângela Beirith
Aula 3	02/04/2013	14.15h - 15.00h	Crônica	Ângela Beirith
Aula 4	04/04/2013	13.30h - 14.15h	Crônica	Ângela Beirith
Aula 5	08/04	13:30 - 14:15	Discussão características de crônicas	Ângela Beirith
Aula 6	09/04	13.30h - 14.15h	Retomada da última discussão	Ângela Beirith
Aula 7	09/04	14.15h - 15.00h	Leitura de Crônica	Ângela Beirith
Aula 8	11/04	13.30h - 14.15h	Questões sobre a crônica	Ângela Beirith
Aula 9	10/04	13.30h - 14.15h	Questionário / Escrita de Crônica	Ângela Beirith
Aula 10	22/04	13.30h - 14.15h	Prod. Crônica	Ângela Beirith

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

FIGURA 20 – Registro de observação das aulas (Ricardo Dalpiaz)

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Gato
Turma: 9ª ano (B3)
Professor(a): Angela Beirith
Estagiário(a): Ricardo Dalpiaz
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	01/04	13:30 - 14:15	Correção de prova	Angela Beirith
Aula 2	02/04	13:30 - 14:15	Correção de prova	Angela Beirith
Aula 3	02/04	14:15 - 15:00	Língua	Angela Beirith
Aula 4	04/04	13:30 - 14:15	Crônica	Angela Beirith
Aula 5	08/04	13:30 - 14:15	Discussão em grupos sobre crônica	Angela Beirith
Aula 6	09/04	13:30 - 14:15	Discussão em grupos sobre crônica e análise de texto	Angela Beirith
Aula 7	09/04	14:15 - 15:00	Atividade escrita - Análise de crônica	Angela Beirith
Aula 8	11/04	13:30 - 14:15	Exercícios múltiplos de interpretação de texto	Angela Beirith
Aula 9	18/04	13:30 - 14:15	Questionário	Angela Beirith
Aula 10	21/04	13:30 - 14:15	Prat. Crônica	Angela Beirith

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola _____

FIGURA 21 – Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório (Júlia Maccari Espíndula)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 463526

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Edilton Luis Piacentini, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Jose Ernesto De Vargas, e o(a) estagiário(a) Júlia Maccari Espindula, CPF 079.593.719-97, telefone 96715253, e-mail juliamaccarie@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 9174015 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2010 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Nelita Bortolotto, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Britto, de 18/03/2013 a 18/07/2013, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ângela Beirith.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 463526

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 9º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data

Florianópolis, 01 de abril de 2013.

Nelita Bortolotto
Nelita Bortolotto - Prof.(a) Orientador(a)

Edilton Luis Piacentini
Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Júlia Maccari Espindula
Júlia Maccari Espindula - Estagiário

Jose Ernesto De Vargas
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Ângela Beirith
Ângela Beirith - Supervisor(a) no local de Estágio

FIGURA 22 – Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório (Ricardo Dalpiaz)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 462651

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Edilton Luis Piacentini**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Ricardo Dalpiaz**, CPF 047.053.979-83, telefone 99029096, e-mail ricadalpiaz@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 9292036 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|--|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2010 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Nelita Bortolotto, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, de 18/03/2013 a 18/07/2013, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ângela Beirith.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC; respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|---|--|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 462651

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 9º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 28 de março de 2013.

Nelita Bortolotto

Nelita Bortolotto - Prof.(a) Orientador(a)

Edilton Luis Piacentini

Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Ricardo Dalpiaz

Ricardo Dalpiaz - Estagiário

Jose Ernesto De Vargas

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Ângela Beirith

Ângela Beirith - Supervisor(a) no local de Estágio

FIGURA 23 - Questionário

História
 Geografia
 Matemática
 Artes
 Língua Estrangeira
 Outra (s): _____

Justificativa: _____

14. Por que você vem à escola? _____

15. O que você costuma ler? (Blog, revista, livro, redes sociais, histórias em quadrinho, anime, receita de bolo, horóscopo, jornal e etc.)? _____

16. Você trabalha? _____

17. Você já pensou o que vai fazer quando concluir o Ensino Médio? _____

18. Você tem livros, revistas, em sua casa? Qual(is)? _____

19. Você costuma assistir filmes? Se sim, de que tipo? _____

20. As outras pessoas que moram com você costumam ler? O que? _____

21. Qual foi o livro que você mais gostou de ler até hoje? _____

22. Marque a(s) alternativa(s) que indica(m) qual(is) uso(s) da escrita você faz no dia a dia.
 Chat do facebook Mensagem de texto E-mail Textos escolares
 Bilhetes e mensagens informais Curta Aplicativos de celular
 Outros: _____

Questionário

1. Qual é a sua idade? _____

2. Você é do sexo masculino ou feminino? _____

3. Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? _____

4. Em que bairro você mora? _____

5. Quanto tempo você leva para chegar à escola? E qual meio de transporte utiliza? _____

6. Quem são as pessoas que moram com você (pais, irmãos, parentes, amigos, etc.): _____

7. Qual é a profissão deles? _____

8. O que você faz durante a semana além de estudar? _____

9. Que tipo de música você gosta de escutar? Dê exemplos (cantor, banda, DJ etc.). _____

10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim () Não ()

11. Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou na casa de amigos, no celular, em *late houses*, na escola, etc)? _____

12. Marque a(s) opções que indicam o que você mais faz na Internet:
 E-mail Facebook Twitter Blogs Portais de Notícias
 Sites de Esportes Sites de Jogos Sites de Pesquisa Instagram
 Sites de Pesquisa Sites de Entretenimento
 Outros: _____

13. Enumere as disciplinas escolares que você gosta mais e as que você gosta menos. No final, justifique o porquê da sua preferência.
 Língua Portuguesa
 Ciências
 Ed. Física

FIGURA 24 – Primeira versão do comentário crítico

M

21 05 2013

E.B.M Beatriz de Souza Brito
 Disciplina: Português Professores: Julia
 e Ricardo
 Aluneca: Emanuela da Costa F
 nº: 9 Turma: 83

Eu acho o vídeo um tanto machista, pois nem todas as mulheres são interessadas, namoram, ou casam por causa de interesses financeiros. Está certo que isso existe, mas é errado colocar uma criança, para falar aquilo na frente da câmara, pois uma criança não ^{tem} noção ainda de que é um relacionamento sério. Outro vídeo, da propaganda de bebida, também é machista, porque não é vergonha regular a bebida da esposa dele. Um relacionamento sério não se baseia somente em interesses, mas também envolve amor, respeito e etc.

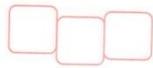
Muitas mulheres também pensam assim, mas como há mulheres independentes também há homens independentes. Em ^{um} relacionamento deve haver respeito de ambos as partes.

Emanuela,

o último parágrafo se refere mais à primeira parte do texto. Como há um "também", ele deveria estar próximo **credeal** daquela parte. Se for para mantê-lo no

FIGURA 25 – Primeira versão do comentário crítico

8



E: B. M. Bezerra de Souza Brito

Disc: Português Prof: Estagiário Ricardo

Aluno: Thaisane N: 32 T: 83

Florianópolis, 21 de Maio de 2013.

↓ que você quer ser quando crescer
anda?

Eu acho que essas crianças são muito
especiais. Eu acho que ele está ainda
ainda uma idade para poder pensar
- de modo, ele é muito novo
e ainda tem muitas coisas
para pensar. Eu acho legal o que
ele quer ser mas eu acho
que o desejo dele de ser admirado
em jogos de futebol.

Ainda é muito engano da
maioria não acho muito legal
para ela pensar desse jeito como
ela pensa no vídeo.

Thaisane,

O seu texto é uma sobreposição de frases
"eu acho". Um texto deve ter a progressão de ideias
para se chegar a uma conclusão. Só assim é possível
desenvolver um comentário crítico. Por favor, reescreva
estes trechos e pense nas relações e ideias presentes
no vídeo, explícitas ou não.

credeal

FIGURA 26 – Primeira versão do comentário crítico

20



E. B. M. Beatriz de Souza Brito

Disciplina: Português Prof: Professores estagiários

Aluno: João Francisco T. Senis T83

Floresópolis, 21 de Maio de 2013.

credeal



FIGURA 27 – Segunda versão do comentário crítico

8,5

27/05/2013

É. B. M. Beatriz de Souza Brito

Disciplina: Português

Professores: Estagiários: Júlia e Ricardo

Aluna: Emanuella da Costa Lagundes

Nº: 89 Turma: 83

Em relação com os primeiros vídeos, o vídeo um tanto machista, está certo que existem mulheres que se casam ou namoram por interesse financeiro, porém também existem mulheres independentes que casam ou namoram por que realmente gosta de seu parceiro. Mas também há homens que casam ou namoram com mulheres ricas e às vezes até mais velhas (como ocorre também com as mulheres). Mas nem todo homem e mulher são interesseiros.

Com relação ao segundo vídeo, eu achei errado de colocar uma criança na frente da câmera, para falar aquilo, pois uma criança não tem noção de que se coloca em um relacionamento sério. A quantidade de respeito e afeto que ambos sentem um pelo outro, não se mede a quantidade de capital que eles possuem.

O terceiro vídeo na minha concepção foi também um tanto machista, por que não devemos pensar que os resquícios do patriarcal são certos.

A ideia era centralizar as críticas no vídeo das duas crianças. Ainda assim, as críticas aqui apresentadas, estão

FIGURA 28 – Segunda versão do comentário crítico



6,5

É B. M. Beatriz de Souza Duda.

Disciplina: Português

Professores estagiários: Julia e Ricardo

Aluno(a): Inaciane N: 32 T: 03

Storaniópolis, 27 de Maio de 2013

"O que você quer ser quando crescer Duda?"

Eu achei que esse menino é fixado por pensar em ser rico quando crescer, ele pensa em ser advogado e jogador de futebol porque as duas profissões ganham quase a mesma coisa, como ele é muito pequeno ainda ele podia pensar em coisa diferente para a idade dele.

Já não achei muito legal a atitude da Duda por pensar daquele jeito por que ela é muito jovem ainda para pensar em coisas ainda mais com o irmão dela.

Pelo jeito a relação afetiva dela com ele não muito bom por ela pensar dessa maneira.

Poderia desenvolver melhor a ideia das relacionamentos afetivos abordando aspectos que nós vinhamos discutindo nas aulas anteriores.



FIGURA 29 – Segunda versão do comentário crítico

5,0

E.B.M. Beatriz de Souza Brito

Disciplina: Português Prof: Professora Julia e Ricardo

Aluno: João Francisco Tomaz Junior T: 83

Florianópolis, 23 de maio de 2023.

"O que você quer ser quando crescer"

Eu quero ser um jogador de futebol mas não é tão fácil de ser um jogador primeiro tem que saber muita coisa, como saber os passes e como chutar a bola eu treino muito mais preciso de bastante esforço tem que ter uma alimentação boa não ficar muito cansado mais tem ~~várias~~ várias coisas de você querer ser mais tem tentar. Como a Duda que ser o menino vai ser várias coisa e a Duda quer ser a Noiva dele.

João, a ideia do comentário crítico era de que você pudesse analisar criticamente os falas das crianças do vídeo e, mais especificamente, nos aspectos dos relacionamentos afetivos

credeal

FIGURA 30 – Primeira versão do conto

E.B.M. BEATRIZ DE SOUZA BRITO
 DISCIPLINA: PORTUGUÊS - PROF.: ESTAGIÁRIOS
 ALUNO: GABRIEL R.F. - Nº: 12 - T: 83
 FLORIANÓPOLIS, 10 DE JUNHO DE 2013.

AMOR

Pedro vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada ainda úmida de chuva. Descansa ali na pedra.

2 ou 3, passarão por ali mas não deram nem bola. Maria passa pela calçada úmida, vê Pedro deitado ali,

Lêva para sua casa para dar uma gerat@ nele.

Pedro acorda 4 Horas depois, ainda sonolento diz obrigado, pela sua gratidão.

Maria está fazendo um chá, quando ~~se~~ acorda, do seu sono de 7 Horas

Pedro ~~se~~ acorda. Maria dá um chá, para ele, e alguns pães.

Pedro já com consciência, agradeceu Maria por seu coração bom.

Depois de 27 Anos de casados, com 2 Filhos, 2 Meninas, uma de 9 outra de 7 Anos.

Pedro vai até aquela pedra que maria o socorreu a 28 Anos atrás, se ajoelha ali, agradece por seu grande Amor Maria.

FIGURA 31 – Primeira versão do conto

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
 Disciplina Português professora: a Julia, ^{escrita}
 Aluna: Érica P. de S. W. 11 Turma: 83
 4106112

SAUDADES

Saudade do meu avô que morreu com câncer, sabado aqui fazer 3 anos que ele morreu, sinto falta da companhia dele, ele me entendia, e dava atenção. Ela sorriu

Quando ele se foi, descobri de ser uma garota explosiva que não queria sair de estudar.

Mais ^{ELA} ~~que~~ lembrei que ele me pediu para ^{LEMBROU} fazer uma promessa de estudar, só que ^{ELA NÃO COIS} não ~~me lembro~~ sinto raiva, tristeza me sinto sozinha, tenho 14 anos e penso nele, em tudo que ele me ensinou

A saudade dá tanto, as vezes é boa porque agente lembra das lembranças boas das coisas inesquecíveis, a distância traz saudade mais nunca esquecimento não gosto de sair e nem de assistir TV. prefiro ficar sozinha, porque isso me machuca demais.

○ PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

FIGURA 32 – Segunda versão do conto

E.B.M. BEATRIZ DE SOUZA BRITO

DISCIPLINA: PORTUGUÊS - PROF: ESTAGIÁRIOS 10,00

ALUNO: GABRIEL R.F. - N: 12 - T: 83

FLORIANÓPOLIS, 10 DE JUNHO DE 2013

AMOR

Pedro vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada ainda úmida de chuva. Descansa ali na pedra

2 ou 3, passarão por ali mas não deram nem bola. Maria passa pela calçada úmida, vê Pedro deitado ali.

Leva para sua casa para dar uma geral nele.

Pedro acorda 4 Horas depois, ainda sonolento diz obrigado, pela sua gratidão.

Maria está fazendo um chá, quando acordar do seu sono de 7 Horas.

Pedro acorda. Maria dá um chá, para ele e alguns pães.

Pedro já com consciência, agradeceu Maria por se coração bom.

Depois de 27 Anos de casados, com 2 filhos, 2 Meninas, uma de 9 outra de 7 anos, ainda são felizes.

Pedro vai até aquela pedra que Maria o socorreu a 28 anos atrás, se ajoelha ali; agradece por seu grande Amor Maria.

credeal

FIGURA 33 – Segunda versão do conto

(/ /)

F.B.M. Beatriz de Souza Brito
 Disciplina: Português
 Aluna: Érica P. de Souza N° 11
 Turma: 83 / 11-06-11

7,5

9 Saudade

Era uma vez uma menina que sentia saudade do seu avô, ela sentia falta da companhia dele, ele ~~se~~ entendia ela e dava atenção. Quando ele se foi ela resolveu ser uma garota explorada que não queria saber de estudar.

^{mas} ela ^{lembrar} que ele pediu para ela fazer uma ⁵⁵ promessa de estudar, só que ela não conseguiu. Sente muita tristeza e sente saudades, ela tem 11 anos e pensa nele direto, em tudo que ele ensinou.

A saudade doí tanto, as vezes é boa porque agente lembra das lembranças boas. A saudade machucava muito ela, ela só ^{quer} ~~querer~~ ficar sozinha pensando nele.

FIGURA 34 – Primeira e única versão do conto.



10
ótimo texto



Elm. BEATRIZ DE SOUZA BRITO
DISCIPLINA: PORTUGUÊS
PROF. ESTAGIÁRIOS: JÚLIA E RICARDO
ALUNO: VINÍCIUS MORAES CORDEIRO
PLOBIANÓPOLIS, 11 DE JUNHO DE 2013

O NAMORO

NO DIA 22 DE JULHO DE 2012 COMEÇA UM NAMORO ENROLADO. ESSE NAMORO COMEÇA COM MUITO AMOR E TERMINA COM INVENÇÕES.

Em um certo dia no ginásio da escola, um menino chamado José pede para ficar com a menina mais popular da escola.

Todos colegas da escola zuraram ele porque ele era gordinho e não ia conseguir ficar com ela.

Num dia bonito, ela chama ele para ir em uma festa. Ele aceitou. Eles curtiram bastante e no final da festa os dois ficam juntos e começam a namorar por um longo tempo.

Depois de passarem o fim de semana juntos, chega segunda-feira e eles chegam juntos de mãos dadas na escola. Todos os colegas de classe ficam impressionados ao ver eles juntos.

Passaram meses juntos e começaram invenções de pessoas invidiosas. Inventaram que ela ficava com vários meninos da escola escondido

credeal



FIGURA 35 – Primeira e única versão do conto

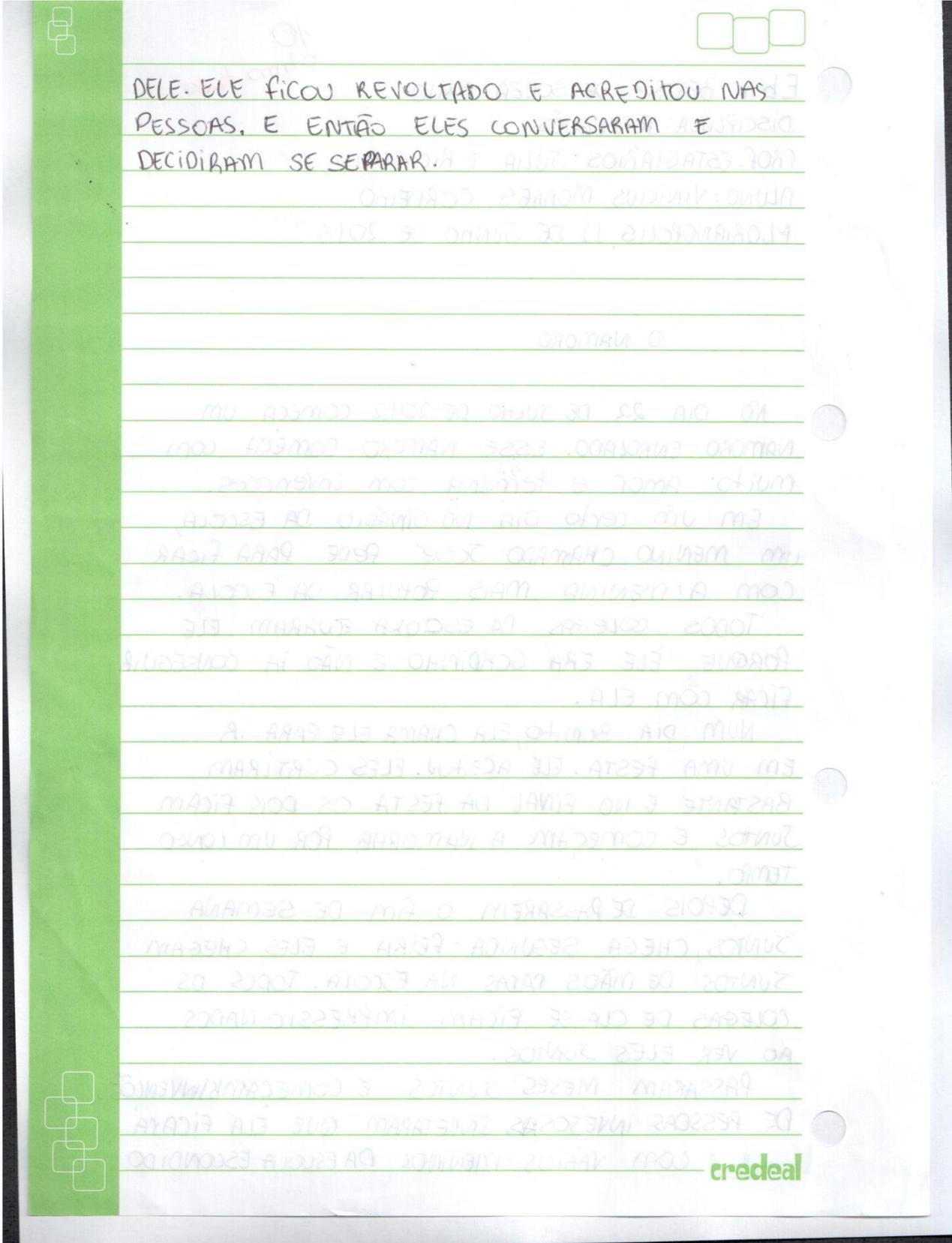


FIGURA 36 – Segunda versão do conto



E.B.M. Beatriz do Souza Leite
 Disciplina: Português - Prof. Estág. Júlio e Ricardo
 Aluno: Jackson Soares de Souza - T: 83 - N° 17
 Florianópolis, 11 de junho de 2013.

0,0

Relacionamentos

~~O meu trabalho é muito bom e eu sei o que estou fazendo. Eu sei o que estou fazendo e eu sei o que estou fazendo. Eu sei o que estou fazendo e eu sei o que estou fazendo. Eu sei o que estou fazendo e eu sei o que estou fazendo.~~

